

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



***À conversa no olho do furacão* - Estudo Compreensivo dos
Processos Subjacentes aos Programas de Preparação para o
Casamento**

Matilde Maria Jonet Matta

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde – Psicologia Clínica Sistémica

2019

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



***À conversa no olho do furacão - Estudo Compreensivo dos
Processos Subjacentes aos Programas de Preparação para o
Casamento***

Matilde Maria Jonet Matta

Dissertação orientada pela Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde – Psicologia Clínica Sistémica

2019

Agradecimentos

À Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro, por ter partilhado comigo, durante mais de um 1 ano, o desejo de fazer sempre mais e melhor, pela confiança, pelo entusiasmo e por acreditar, tanto como eu, no potencial de casar a psicologia com a preparação para o casamento.

A todos os Padres, aos amigos e aos que, sem nunca me terem visto, se juntaram a este projeto com toda a generosidade. A todos os que colaboraram, aos que não tiveram tempo de o fazer e a todos os que quiseram simplesmente conversar e partilhar a sua experiência. Quisera eu ter páginas para deixar por escrito tanto que me deram. Ao Padre Ricardo Neves, como gostava de lhe dar um exemplar da minha tese, ia ficar orgulhoso!

A todos os casais, que no meio do furacão *Noivado*, quiseram doar-me 1 hora das suas vidas pela pura generosidade de tornar melhor aquilo que para si já fora muito bom.

A todos os que colaboraram de alguma forma, em especial à Professora Doutora Luana, à professora Doutora Marta e à Professora Doutora Magda.

Aos meus pais por me terem incutido desde sempre a vontade de ser e fazer melhor, por terem patrocinado e até revisto esta tese. Aos meus irmãos e cunhadas, por terem sido um exemplo de noivos e agora de casados, e ao António pequenino, que até na árvore categorial deixou o seu contributo, com post-its a dizer “vamos à natação”.

Ao António, que com esta tese fez sete ou oito preparações para o casamento por osmose. Obrigada pela paciência, pelos diagramas, pelos comentários motivadores no Word, pelas boleias, por teres ficado sem férias, por respeitares os meus tempos e por acreditares mais em mim do que qualquer outra pessoa.

Às fiéis Psychomates, que tornaram este caminho tão mais fácil, feliz e acompanhado, em especial à Chica, companheira desde o 1º dia.

A cada um dos meus amigos. O entusiasmo e curiosidade que demonstraram por esta tese fez-me querer ir sempre um bocadinho mais longe. A ti, Henrique, que tanto te entusiasma com este tema mas não conseguiste esperar para ver o desfecho.

A Ti, querido Amigo, porque se não fosses Tu nada disto tinha acontecido.

"(...) Não podemos fazer tudo.

E como é profundamente libertador perceber isso!

Porque perceber que não podemos fazer tudo permite-nos fazer apenas um quase nada,

um "algo" pequeno, mas fazê-lo bem.

Um "algo" que é pouco e pequeno, mas possível.

Um gesto incompleto que é um começo, um passo ao longo do caminho (...).”

In “Um Futuro que não nos pertence” de Bispo Óscar Romero

Resumo

Os programas de educação pré-conjugal estão associados a ganhos nas competências de comunicação, a aumentos na satisfação relacional e a reduções nas taxas de divórcio (e.g. Carroll & Doherty, 2003; Stanley, Amato, Johnson, & Markman, 2006). Apesar de, em Portugal, a totalidade da educação pré-conjugal ser realizada em contexto religioso, não há registo de nenhum estudo científico de avaliação destes programas.

No presente estudo, pretendemos compreender e comparar a perspetiva de noivos e Padres acerca de quatro Programas de Preparação para o Casamento (PPC) implementados em contexto religioso. Neste sentido, através de um estudo de natureza exploratória que recorreu a uma metodologia mista, foram realizadas 15 entrevistas a casais que, nos últimos seis meses, tinham participado num dos quatro programas de preparação para o casamento selecionados. Simultaneamente, foi aplicada a 31 Padres uma tradução do questionário “Oklahoma Clergy Involvement in Marriage Preparation” (Wilmoth, 2005). Da análise temática das entrevistas emergiram nove categorias, a partir das quais foi desenvolvida uma *grounded theory* com poder explicativo sobre os processos relacionais subjacentes à participação num PPC. Os resultados indicam que estes programas constituem um tempo de paragem a dois no qual as conversas em casal são o catalisador de todos os outros processos. O impacto que têm no casal é mediado pela aquisição de ferramentas e aumento da união. No que concerne ao estudo quantitativo, a partir da análise estatística dos questionários, conclui-se que os Padres se encontram satisfeitos com os programas fornecidos, não tendo sido encontradas diferenças significativas entre contextos a nível de constrangimentos identificados, conteúdos abordados, perceção de fatores de risco e eficácia percebida. Por outro lado, as correlações encontradas permitem colocar a hipótese de que, quanto mais relevantes são considerados os fatores de risco, maior o envolvimento dos Padres nos PPC e, conseqüentemente, maior a eficácia percebida. Por fim, foi feita uma caracterização detalhada dos conteúdos abordados e do formato utilizado nos PPC estudados. Foram identificadas e discutidas futuras direções de investigação e implicações práticas do presente estudo.

Palavras-chave: educação pré-conjugal; programas; prevenção; contexto religioso

Abstract

Premarital education programs are associated to gains in communication skills, increases in relational satisfaction and a decrease in divorce rates (e.g. Carroll & Doherty, 2003; Stanley, Amato, Johnson, & Markman, 2006). Despite the fact that, in Portugal, all premarital education is carried out in religious context, there is no record of any scientific study evaluating these programs.

The present study intends to understand and compare the perspective of newlyweds and Priests on four different Marriage Preparation Programs (MPP) implemented in religious context. For this purpose, through an exploratory study using a mixed methodology, 15 interviews were conducted with couples who, in the last six months, participated in one of the four selected programs. Simultaneously, a translation of the “Oklahoma Clergy Involvement in Marriage Preparation Survey” (Wilmoth, 2005) was responded by 31 Priests. Nine different categories emerged from the thematic analysis of the interviews which led to the development of a grounded theory with explanatory power on the relational processes underlying the participation in an MPP. The results indicate that these programs consist of a stoppage time as a couple, in which it enables them to have conversations that are the catalyst for all other processes. Their impact on couples is mediated by the acquisition of tools and increased unity. In regards to the quantitative study, from the statistical analysis of the surveys, it can be concluded that the Priests are satisfied with the offered programs and no significant differences were found between contexts in terms of identified constraints, addressed content, perceived risk factors and perceived efficiency. On the other hand, the correlations discovered allow a hypothesis to be placed, that the more relevant the risk factors are considered, the greater the involvement of the Priests in the MPPs and, consequently, the greater the perceived effectiveness. Finally, a detailed characterization of the approached contents and format used in the studied MPPs was made. Future guidelines for investigation and practical implications of the present study were identified and discussed.

Key-words: premarital education; programs; prevention; religious context

Índice

Contextualização e Enquadramento Teórico.....	1
Casamento e Divórcio	1
Intervenções Relacionais Preventivas	2
Educação Pré-Conjugal	3
Conteúdos e Formato.	4
Público-alvo.....	7
Evidência científica.....	7
Educação Pré-Conjugal em Portugal.....	9
Educação Pré-Conjugal em Contexto Religioso	10
Pertinência	11
Metodologia.....	13
Desenho de Investigação	13
Questão de Investigação, Objetivos Gerais e Específicos e Mapa Conceptual	13
Procedimentos de Recolha da Amostra	14
Estudo Qualitativo.	14
Estudo Quantitativo.	15
Participantes	15
Estudo Qualitativo.	15
Estudo Quantitativo.	16
Instrumentos.....	17
Estudo Qualitativo.	17
Estudo Quantitativo.	18
Análise de Dados.....	20
Estudo Qualitativo.	20
Estudo Quantitativo.	22
Resultados	23
Análise Temática.....	23
Apreciação global positiva	24
Formato	25
Público alvo	26
Temas	27
Casamento	29
Disposição, abertura e motivações	29
Processos despoletados pelo PPC.....	29

Propostas	35
Processos despoletados pela própria entrevista	36
Grounded Theory - À conversa no Olho do Furacão	36
Disposição, abertura e motivações Contraste expectativas-realidade Público-alvo	36
Processos despoletados pelos PPC	37
Análise estatística	40
Estatística descritiva.....	40
Análise de correlações	42
Comparações entre grupos	43
Discussão	45
À Conversa no Olho do furacão – Teoria explicativa dos processos relacionais subjacentes aos PPC religiosos em Portugal.....	45
Do outro lado dos PPC – o que dizem os Padres?	48
Um ponto-de-situação: em que consistem os PPC em Portugal?	50
Limitações da presente investigação	53
Direções para futuras investigações	55
Implicações práticas do presente estudo.....	56
Conclusão	58
Referências	59
Apêndices	76
Apêndice A: Glossário.....	77
Apêndice B : Organização de dois Programas religiosos de Preparação para o Casamento editados em formato livro	80
Apêndice C: Instrumentos utilizados na recolha de dados	87
Apêndice D: Esquemas elaborados no decorrer da análise temática	107
Apêndice E: Árvore Final de Categorias	122
Apêndice F: Resultados detalhados do estudo quantitativo	133

Índice de Figuras

Figura 1. Mapa Conceptual.....	14
Figura 2. Diagrama ilustrativo da Grounded Theory À <i>Conversa no Olho do Furacão</i> ...	40

Índice de Quadros

Quadro 1. Caracterização dos quatro contextos estudados e distribuição da amostra....	16
Quadro 2. Correlações entre as principais variáveis em estudo.....	43
Quadro F1. Distribuição de frequências de resposta nos itens de componentes requeridas.....	133
Quadro F2. Ordenação, por nível de satisfação, dos conteúdos abordados.....	134
Quadro F3. Ordenação, por grau de importância, dos fatores de risco apresentados.....	135
Quadro F4. Ordenação, por ordem de importância, dos constrangimentos identificados.....	136
Quadro F5. Ordenação, por nível de concordância, das afirmações relativas ao valor e eficácia dos PPC fornecidos.....	137
Quadro F6. Distribuição de frequências de resposta nos itens de importância e eficácia atribuídas quando comparada a atualidade com há 5 anos.....	138

Contextualização e Enquadramento Teórico

A educação pré-conjugal coloca-se como intervenção relacional preventiva na medida em que corresponde ao ensino de competências, conhecimentos e atitudes que pretendem promover o bem-estar do casal previamente ao desenvolvimento de padrões relacionais mal-adaptativos intrínsecos, mais concretamente, ao acompanhar o momento de transição para a conjugalidade (Halford, 2011; Halford, Markman, & Stanley, 2008; Monteiro, 2014). As intervenções pré-conjugais surgem associadas a ganhos nas competências de comunicação e resolução de problemas (Carroll & Doherty, 2003), a elevações nos níveis de qualidade relacional (Nock, Sanchez, & Wright, 2008) e a diminuições das taxas de divórcio (Stanley, Rhoades, Amato, Markman, & Johnson, 2010). Apesar de 92% das intervenções pré-conjugais ocorrerem em contexto religioso (Glenn, 2005), pouco se sabe acerca do seu conteúdo, processos e resultados (Wilmoth, 2005).

Casamento e Divórcio

Vivemos numa sociedade em mudança, em que a sequência tradicional namoro-noivado-casamento tem sido progressivamente substituída por trajetórias relacionais diversas, que acarretam uma multiplicidade de significados e implicações (Moloney, Weston, Qu, & Hayes, 2012; Monteiro, 2014). Isto não parece dever-se a uma desvalorização social ou institucional do casamento mas antes a um clima de insegurança e receios relacionais, resultantes tanto de experiências pessoais de divórcio na família como da mera constatação da frequência do fenómeno (Lauer & Youdanis, 2010; Stanley, Rhoades, & Fincham, 2011).

Em 2017, Portugal era o país da Europa com a taxa mais elevada de divórcios, 64,2% (PORDATA, 2019^a). No entanto, das 68060 pessoas que se casaram em 2018, 22,24% já tinha sido casada anteriormente (PORDATA, 2019^b). Esta taxa de recasamentos parece indicar que o divórcio não traduz uma descrença total na instituição civil do casamento, mas antes que a formação do casal parece ser, atualmente, uma tarefa mais difícil de alcançar e de manter (Monteiro, 2014). Segundo a United Nations Economic and Social Affairs Population Division (2003), mais de 90% das pessoas já foram casadas aos 50 anos, em quase todas as culturas, países e religiões.

Importa compreender que tanto o casamento como o divórcio têm impacto a nível social, psicológico, emocional, económico, familiar e biológico, tanto no casal como nos

seus filhos (Wilcox et al., 2005). Se por um lado o casamento é entendido como um dos mais fortes determinantes de satisfação com a vida em adultos (Halford, 2011), que funciona como fator protetor a nível de saúde mental (Fincham & Beach, 2010; Overbeek et al., 2006; Wade & Pevalin, 2004) e está associado a melhores desempenhos a nível profissional e salários mais elevados (Waite & Gallagher, 2000), por outro, o divórcio constitui um preditor major de dificuldades financeiras e necessidade de procurar a segurança social (Thomas & Sawhill, 2005). A dissolução e conflito conjugais estão associados a aumentos no risco de problemas psicológicos, tais como sintomas depressivos, consumo de substâncias e dificuldades no funcionamento cognitivo, tanto nos adultos como nas crianças filhas do casal (Choi & Marks, 2008; Fincham & Beach, 2010; Jeynes, 2001; Tomcikova, Geckova, Orosova, Van Dijk, & Reijneveld, 2009; Wilcox et al., 2005). Nestas, os problemas podem manter-se até à idade adulta (Amato & Cheadle, 2005; Pape Cowan, & Cowan, 2005; Whitton et al., 2008).

Segundo Bradbury (1998), quase todos os casamentos ou relações comprometidas começam com um elevado nível de satisfação, sendo que os parceiros esperam que estes sentimentos positivos se mantenham para o resto da vida. No entanto, a satisfação conjugal parece deteriorar-se de uma forma quase linear nos primeiros cinco anos de casamento, sendo que 1/3 dos divórcios ocorre neste período (Pihet, Bodenmann, Cina, Widmer, & Shantinath, 2007).

Intervenções Relacionais Preventivas

A transição para a conjugalidade, geralmente percecionada como a menos complicada e mais alegre (Narciso & Ribeiro, 2009), implica uma crise em que há um aumento do risco de problemas relacionais (Erikson, 1962; Monteiro, 2014). Nesta fase, as principais tarefas do casal estão associadas à reorganização das relações com a família de origem, à gestão de limites e à abertura do sistema conjugal a outros sistemas. Além disso, é necessário equilibrar os próprios limites internos do casal (Carter & McGoldrick, 1989; Rapoport, 1964; Relvas, 2006). Segundo Monteiro (2014), o momento de transição para a conjugalidade parece ser um momento privilegiado para a educação relacional, sendo que os desafios com que os casais são confrontados nesta fase podem conduzir a uma melhor integração do apoio oferecido pela intervenção. Aliás, Olson (1986) afirma que o nível de influência existente com casais noivos não estará mais disponível depois destes casarem.

Múltiplos autores têm argumentado a favor das intervenções preventivas da insatisfação relacional, no lugar da sua remediação (e.g. VanWidenfeir, Markman, Guerney, Behrens, & Hosman, 1997). Por um lado, refere-se que no momento em que a maioria dos casais se apresenta para terapia já desenvolveu padrões de comunicação e resolução de conflitos mal adaptativos intrínsecos e resistentes à mudança (Halford, 2011), enquanto a educação relacional trabalha, geralmente, com casais que estão satisfeitos e comprometidos com a sua relação (Halford & Bodenmann, 2013). Além disso, os casais que recorrem a terapia são poucos e, geralmente, de nível sócio-económico elevado (VanWidenfeir et al., 1997). Halford e Simons (2005) apontam que, em contraste com a terapia de casal, o droupout nos programas de educação relacional é muito raro; Murray (2005) argumenta que, em termos de custos, as intervenções preventivas são mais eficazes do que as intervenções remediativas e Halford (2011) refere que a educação relacional é relativamente fácil de aplicar por outras pessoas para além dos profissionais de saúde.

Segundo Monteiro (2014, p. 33) “muito tempo e muitos relatórios têm sido gastos sobre separação, divórcio e lei da família. É tempo de renovar a nossa atenção para as causas da satisfação e insatisfação conjugal, e de promover programas de educação preventiva”.

Educação Pré-Conjugal

A educação pré-conjugal é uma modalidade de intervenção psicológica de prevenção universal, em casal ou grupo, para casais que pretendem assumir um compromisso formal que pode, ou não, passar pelo casamento (Monteiro, 2014). Abrange quaisquer intervenções que proporcionem conhecimento, competências e princípios que promovam uma relação saudável, estável e satisfatória (Ramalho, 2015). Pode aparecer referida na literatura científica como educação pré-conjugal, aconselhamento pré-conjugal, terapia pré-conjugal ou aconselhamento educativo pré-conjugal (Carroll & Doherty, 2003), sendo que, progressivamente, vai incluindo outras realidades para além da pré-conjugal (Monteiro, 2014). Intervém junto de casais satisfeitos e comprometidos com a sua relação, construindo sobre o nível elevado de emoção positiva, contrariamente à terapia de casal, comumente destinada a casais que vivem um momento stressante na sua relação (Halford & Bodenmann, 2013). Os principais objetivos da educação pré-conjugal são a diminuição da erosão da satisfação conjugal que ocorre nos primeiros anos de casamento;

a promoção da satisfação e qualidade conjugal, pela ação nos fatores protetores das relações de casal, tais como as competências de comunicação e resolução de problemas; e a redução da taxa de divórcio, através da diminuição do impacto dos fatores de risco conhecidos (Monteiro, 2014).

Segundo Carlson, Barden, Daite e Greene (2014), este tipo de programas corresponde a uma abordagem baseada em evidências científicas na medida em que derivam de um conjunto substancial de informação acerca dos fatores que influenciam a satisfação e estabilidade conjugal (e.g. Halford & Bodenmann, 2013). Parte, assim, do pressuposto de que há um conjunto de competências cruciais, atitudes e conhecimentos que oferecem aos casais melhores hipóteses de desenvolverem e de manterem relações saudáveis mutuamente satisfatórias, prevenindo a ocorrência de problemas relacionais futuros (Halford, 2011; Markman & Rhoades, 2012; Tambling & Glebova, 2013; Wadsworth & Markman, 2012). Posto isto, existem duas componentes principais dos programas de educação relacional: o desenvolvimento de competências de comunicação e resolução de conflitos (entendidos como centrais em relações saudáveis e estáveis), e a apresentação didática de informação correlacionada com relações conjugais satisfatórias, como o alinhamento de expectativas e gestão de finanças (Hawkins, Blanchard, Baldwin, & Fawcett, 2008).

Conteúdos e Formato.

As duas estratégias de educação pré-conjugal mais comuns e mais robustamente suportadas são os inventários com feedback e os programas baseados no treino de competências (Halford, 2011). Os primeiros pretendem ajudar o casal a tomar consciência das suas forças e fraquezas, bem como facilitar a definição de objetivos de mudança (Monteiro, 2014). Este tipo de programas baseia-se na resposta de ambos os elementos do casal a um inventário estruturado que avalia uma série de dimensões do funcionamento do casal que são depois devolvidas em termos de forças e desafios da relação (Larson, Newell, Topham, & Nichols, 2002). Após análise de vários inventários pré-conjugais, Larson et al. (1995) concluíram que o PREPARE (Olson, Fournier, & Druckman, 1986), o RELATE (Busby, Holman, & Taniguchi, 2001), e o FOCCUS (Markey & Micheletto, 1997) eram os mais válidos em termos psicométricos. Por outro lado, os programas baseados no treino de competências possuem um currículo estruturado e incluem exercícios práticos que pretendem ensinar competências potencialmente modificáveis a partir de uma base teórica comportamental ou cognitivo-comportamental (Monteiro, 2014). Estes programas

partem da ideia de que, nas relações amorosas, se assume que sabemos o que fazer, ao contrário de todas as outras competências, como ler, cozinhar ou andar de bicicleta, em que contamos com a ajuda de um professor (Markman, Stanley, & Blumberg, 2010). O PREP (Markman et al., 2010), o Couple CARE (Halford et al., 2006) e o CCET (Bodenmann & Shantinath, 2004) são os programas cujos benefícios têm reunido mais evidências (Halford & Bodenmann, 2013). A literatura científica tem demonstrado que os programas baseados em competências estão associados a níveis superiores de satisfação relacional, mesmo após cinco anos de casamento (Hahlweg, Markman, Thurmaier, Engl, & Eckert, 1998). Segundo Halford, Markman, Kline e Stanley (2003), estes programas não só promovem compreensão e conhecimento como providenciam oportunidades de prática de competências e receção de feedback acerca dessa mesma prática. Dado que a implementação das competências adquiridas no dia-a-dia parece ser mais complicada do que se pensava, estas oportunidades de prática têm vindo a revelar-se um pilar fundamental dos programas de educação pré-conjugal (Hahlweg & Richter, 2010; Markman & Rhoades, 2012; Scott, Rhoades, Stanley, Allen, & Markman, 2013).

Múltiplos autores se têm debruçado acerca dos temas que devem ser incluídos nos programas de educação pré-conjugal (Kaminski, Valle, Filene, & Boyle, 2008; Markman, Rhoades, Stanley, & Peterson, 2013; Tambling & Glebova, 2013; Markman, Rhoades, Stanley, Whitton, & Ragan, 2010). Bradbury, Fincham e Beach (2000) definem como centrais a comunicação, a resolução de conflitos, o suporte social, a carreira, a parentalidade e educação das crianças, e os stressores e transições do ciclo de vida. Larson e Holman (1994), para além destes, referem a importância das heranças da família de origem, os fatores socioeconómicos (e.g. idade, educação, salário e ocupação), traços de personalidade, similaridade ou disparidade de atitudes, valores e crenças, história do casal, coabitação, sexo e gravidez pré-conjugal e processos relacionais como o conflito e a construção de consenso. Já os participantes de programas de educação pré-conjugal parecem dar preferência a temas como a comunicação (Tambling & Glebova, 2013; Williams, Riley, Risch, & Van Dyke, 1999), a família de origem, finanças, resolução de conflitos, sexualidade (Russel & Lyster, 1992) e expectativas relativas ao casamento, nomeadamente pela exploração das trajetórias normativas da relação conjugal (Scott et al., 2013). Na última década, o foco nos aspetos negativos tem vindo a ser progressivamente substi-

tuído pela inclusão de temas mais positivos e protetores da qualidade da relação (Monteiro, 2014), tais como a diversão, amizade, romance, sensualidade, perdão, compromisso e trabalho em equipa (Hahlweg & Richter, 2010).

No que concerne ao formato, Murray (2005) indica que a preparação para o casamento pode ocorrer de diversas formas, como sessões um para um, aulas e grupos de apoio. Vários autores têm encontrado uma preferência dos casais pelo formato individualizado (e.g. Silliman, Schumm, & Jurich, 1992; Williams, 1992), no entanto, as dinâmicas relacionais existentes no formato grupo parecem constituir um mecanismo fundamental de mudança para o casal (Owen, Antle, & Barbee, 2013). Em relação às componentes do programa, o tempo de discussão em casal juntamente com a oportunidade de conhecer melhor o parceiro são considerados fulcrais pelos participantes (e.g. Burr, Hubler, Gardner, Roberts, & Patterson, 2014; Scott et al., 2013; Tambling & Glebova, 2013). Complementariamente, Williams e colaboradores (1999) sugerem que sejam disponibilizados materiais para estudo e que haja tempos de discussão e roleplay com outros casais, enquanto Fournier e Olson (1986) aconselham que sejam evitadas palestras. Por outro lado, a escolha dos elementos da equipa formadora não gera consenso. Se por um lado Williams et al. (1999) indicam que os participantes preferem reuniões de casal com um clérigo, por outro, Tambling e Glenova (2013) concluem que os casais mostram preferência pelos programas fornecidos por terapeutas e Sanstrom (2004) considera que os casais formadores¹ têm um contributo inestimável, comparativamente com os clérigos² e profissionais.

Relativamente à duração dos programas, programas de dosagem moderada (9-20 horas) têm efeitos substancialmente superiores aos programas de baixa dosagem (1-8 horas) (Halford & Bodenmann, 2013), enquanto programas de dosagem elevada (>21 horas) não produzem efeitos mais fortes do que os de dosagem moderada (Hawkins et al., 2008; Williams et al., 1999). A divisão em sessões curtas mas estendidas ao longo de algumas semanas ou meses parece conduzir a uma maior integração e consolidação de competências e conhecimentos (Hawkins, Stanley, Blanchard, & Albright, 2012). Os programas devem começar entre 6 a 12 meses antes do casamento (Fournier e Olson, 1986) e incluir sessões de follow-up após o casamento (Stahmann & Hiebert, 1997).

¹ Este conceito encontra-se definido no glossário (Apêndice A)

² Este conceito encontra-se definido no glossário (Apêndice A)

Público-alvo.

Apesar da maioria dos participantes de programas de educação pré-conjugal serem descritos como jovens caucasianos ocidentais (Carroll & Doherty, 2003), com idades compreendidas entre os 21 e os 30 anos, de classe média (<25% pertencem a classes desfavorecidas), nível educacional elevado e em período de noivado (Hawkins, Fawcett, Blanchard, & Carroll, 2010), a eficácia destes programas parece ir além desta população (Halford & Bodenmann, 2013). Existem alguns indicadores que nos permitem identificar, apesar de que com baixa precisão, os casais que apresentam risco elevado de desenvolverem problemas relacionais futuros. Estes podem estar relacionados com características pessoais, como traços de personalidade; dinâmicas relacionais de risco, como disparidade de expectativas de futuro; ou com fatores contextuais, como historial de divórcios na família (e.g. Bradbury & Karney, 2004; Halford, 2011; Larson & Holman, 1994).

Se por um lado a evidência nos diz que os casais com perfis de mais alto risco para divórcio têm menor probabilidade de participar em programas de educação relacional (Doss, Rhoades, Stanley, Markman, & Johnson, 2009), por outro, diz-nos que é junto destes mesmos casais que os programas produzem efeitos mais notáveis (Halford & Bodenmann, 2013; Rogge, Cobb, Lawrence, Johnson, & Bradbury, 2013), nomeadamente, maior redução da probabilidade de divórcio (Nock et al., 2008) e maior aumento da satisfação relacional após o programa (Giblin, Sprenkle, & Seehan, 1985).

Evidência científica.

A educação pré-conjugal, segundo Carroll e Doherty (2003), é, de um modo geral, eficaz e parece produzir ganhos imediatos nos processos de comunicação, competências de resolução de problemas e qualidade global da relação. Segundo Stanley, Amato, Johnson e Markman (2006), a participação em programas de educação pré-conjugal está significativamente correlacionada com níveis mais elevados de qualidade conjugal, níveis mais baixos de conflito e taxas de divórcio reduzidas, quando comparada com a não participação num programa deste tipo.

No que concerne à aquisição de competências de comunicação, estes programas pretendem, por um lado, promover competências de comunicação positiva (e.g. ouvir, apoiar) e, por outro, contrapor padrões de comunicação negativa associados, tanto teórica

como empiricamente, ao desenvolvimento de problemas relacionais e erosão da satisfação conjugal (Markman et al., 2010; Wadsworth & Markman, 2012). A maioria dos estudos tem demonstrado que os programas têm mais sucesso na diminuição da comunicação negativa do que no aumento da comunicação positiva (Wadsworth & Markman, 2012). Além disto, as mudanças na comunicação têm sido identificadas como moderadores de mudanças a outros níveis, como por exemplo aumentos na satisfação relacional (Bodenmann, Bradbury, & Pihet, 2009; Hetherington, Friedlander, & Greenberg, 2005). Por outro lado, após análise de 17 ensaios clínicos aleatorizados, Halford e Bodenmann (2013) concluem que a educação relacional desempenha um papel significativo na manutenção da satisfação relacional. No entanto, estes efeitos parecem ser inferiores aos encontrados nas competências de comunicação (Hawkins et al., 2008).

Quando se fala de redução das taxas de separação, torna-se ainda mais difícil determinar os efeitos das intervenções relacionais preventivas (Halford & Bodenmann, 2013; Markman et al., 2013). Segundo Halford e Bodenmann (2013), apenas três estudos têm uma amostra suficientemente grande para detetar efeitos da educação relacional na separação (Hsueh et al., 2012; Stanley, Rhoades, & Whitton, 2010; Wood, McConnel, Moore, Clarkwest, & Hsueh, 2010). Destes, apenas Stanley e colaboradores (2010) encontraram um efeito global da educação relacional na separação que corresponde a um decréscimo de 31% da probabilidade de divórcio. Do mesmo modo, Hahlweg e Richter (2010), após avaliação de uma adaptação alemã do PREP concluíram que apenas 28% dos casais que terminaram o programa se divorciaram, comparativamente com 53% daqueles que pertenciam ao grupo de controlo. Além destes, outros resultados positivos têm sido associados aos programas de educação relacional, como a redução do stress ligado ao trabalho e burn out (Schaer, Bodenmann, & Kink, 2008) e a redução da violência de baixa severidade entre parceiros (Bradley & Gottman, 2012; Halford & Bodenmann, 2013).

No entanto, apesar de haver fortes evidências de que os programas de educação relacional são, de um modo geral, eficazes (Carroll & Doherty, 2003; Halford & Moore, 2002; Hawkins et al., 2010), existem algumas reservas relativamente à investigação neste domínio.

Em primeiro lugar, a maioria das avaliações compara educação relacional com nenhuma intervenção ou com uma mínima intervenção (e.g. leitura guiada), o que torna

impossível distinguir efeitos específicos de componentes particulares da educação relacional de fatores comuns a todos os programas (e.g. parceiros comprometidos a fazer algo positivo para a sua relação) (Halford & Pepping, 2017). Em segundo, grande parte dos estudos acerca da eficácia dos programas de educação pré-conjugal utiliza desenhos pré-pós intervenção, o que conduz, frequentemente, à impossibilidade de compreender se a aquisição de competências é considerada um mecanismo de mudança (e.g. competências de comunicação) ou um resultado (e.g. satisfação relacional), dado que ambos são avaliados em simultâneo (Markman & Rhoades, 2012). Ou seja, é necessário considerar que algumas das mudanças podem decorrer dos mecanismos, como a comunicação, mais do que do programa em si (Wadsworth & Markman, 2012), o que significa que as mudanças para além das competências podem não ser frutos diretos dos programas. Em terceiro lugar, surge a necessidade de estender no tempo as medidas de avaliação dos programas, dado que a maioria dos estudos publicados tem follow-ups de seis meses ou menos (Halford & Bodenmann, 2013). Hawkins et al. (2010) indicam que os efeitos nas competências de comunicação e qualidade relacional são menos claros em follow-ups de mais de seis meses, enquanto Carroll e Doherty (2003) estendem este prazo até aos três anos. No entanto, Wadsworth e Markman (2012) afirmam que, ao contrário da terapia de casal, cujos efeitos se esperam logo após a intervenção, os efeitos dos programas preventivos surgem, frequentemente, anos ou mesmo décadas após a intervenção. Por fim, é necessário considerar o efeito de seletividade e o efeito “*teto*”. O primeiro indica que a participação num programa de educação pré-conjugal está, só por si, associada a níveis mais elevados de satisfação relacional, níveis mais elevados de compromisso interpessoal e níveis mais baixos de conflito destrutivo (Stanley et al., 2006). O segundo está relacionado com o elevado nível de satisfação relacional característico dos casais noivos, que deixa pouco espaço para melhorias na satisfação após os programas de educação relacional (Hawkins et al., 2010).

Educação Pré-Conjugal em Portugal

Apesar de múltiplos países ocidentais, como a Alemanha, Inglaterra, Suíça, Itália, Noruega ou os Estados Unidos da América (Carroll & Doherty, 2003; Hahlweg & Richter, 2010; Halford, 2011; Hawkins et al., 2010; Lee & Lee, 2009; Olson & Olson-Sigg, 1999) terem implementado programas de educação relacional preventiva, sejam estes

conjugais ou pré-conjugais, em Portugal não há conhecimento de nenhum programa de educação pré-conjugal à exceção do trabalho de instituições religiosas (Monteiro, 2014).

Monteiro (2014) apresentou o programa “Casa(l) em Construção”, resultante da integração e reflexão de uma extensa revisão bibliográfica combinada com a realização de entrevistas diádicas e Focus Group com jovens casais em início de relação. Trata-se de um programa universal que visa apoiar não só casais em transição para a conjugalidade mas também casais que, não estando noivos, pretendam construir uma relação comprometida. Este programa, resultante de uma tese de doutoramento, foi pensado para o Serviço à Comunidade da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. “Casa(l) em Construção” pretende, por um lado, reforçar a “magia da relação e da identidade do casal”, ao mesmo tempo que desperta “recursos e dedicação à manutenção, ou melhor, à recriação dessa mesma magia” (Monteiro, 2014; p. 245). Este programa não se encontra, atualmente, em funcionamento.

Educação Pré-Conjugal em Contexto Religioso

O desenvolvimento da educação relacional deve-se, grandemente, ao trabalho de instituições religiosas, nomeadamente da Igreja Católica que, desde o início dos anos 30, tem vindo a oferecer programas estruturados de educação relacional a noivos (Hunt, Holf, & Demaria, 1998). Atualmente, este tipo de programas mantém-se, maioritariamente, a cargo de comunidades religiosas (Halford, 2004; Monteiro, 2014), mais concretamente, 92% dos casais que recebem preparação para o casamento fazem-no a partir de um igreja ou instituição religiosa (Glenn, 2005).

Segundo Birch, Weed e Olsen (2004), líderes religiosos têm estabelecido políticas de casamento comunitárias em mais de 183 cidades em 40 Estados. Os Estados que possuem Políticas de Casamento Comunitárias (que envolvem, entre outras iniciativas, educação pré-conjugal) apresentam taxas de divórcio duas vezes menores do que os restantes. No mesmo sentido, múltiplos autores têm chamado a atenção para a posição única ocupada pelos líderes religiosos não só enquanto provedores de educação relacional em contexto religioso, mas também enquanto porta de entrada, facilitando o acesso de casais a programas de educação pré-conjugal não religiosos (Stanley, Markman, St.Peters, & Leber, 1995; Wilmoth, 2015; Wilmoth & Smyser, 2012).

Não obstante, apesar do clero ocupar uma posição inigualável na provisão de programas de preparação para o casamento, restam questões acerca da eficácia atual dos programas providenciados por clérigos (Wilmoth & Smyser, 2007). Com o intuito de compreender a eficácia dos líderes religiosos, Stanley e colaboradores (2001) realizaram um estudo comparativo entre casais que realizaram preparação para o casamento em contexto religioso, casais que participaram no PREP fornecido por profissionais e casais que participaram no PREP fornecido por clérigos. Não foram encontradas diferenças entre os três grupos nas taxas de divórcio após oito anos de casamento. No entanto, as taxas de divórcio das três condições foram inferiores à média nacional, o que sugere que os três grupos experienciaram uma diminuição do risco de divórcio.

Wilmoth (2005), através do desenvolvimento de um questionário destinado a clérigos cujo objetivo é descrever os componentes requeridos, os constrangimentos identificados, os conteúdos abordados, o valor e eficácia percebidos e a percepção do impacto dos fatores de risco no casal, tem contribuído largamente para o aprofundamento do conhecimento dos programas religiosos de preparação para o casamento. No entanto, sabe-se ainda pouco acerca destes programas e se vão ao encontro do que tem sido identificado pela literatura (Wilmoth & Fournier, 2009). Além disso, tem sido progressivamente constatada a necessidade de construir pontes e aliar esforços com o intuito de formar agentes que providenciem educação pré-conjugal em contexto religioso e de promover uma crescente eficácia deste tipo de programas (Laurenceau, Stanley, Olmos-Gallo, Markman, & Baucom, 2004; Stanley, 2001).

Pertinência

Muito se sabe acerca da eficácia dos programas de educação pré-conjugal (e.g. Halford & Bodenmann, 2013; Hawkins et al., 2010) mas o entendimento acerca do modo como estes programas funcionam é escasso (Halford & Pepping, 2017; Rauer et al., 2014; Wadsworth & Markman, 2012). É necessário identificar os mecanismos que produzem mudança e compreender a experiência dos casais que participam nestes programas para ser possível melhorá-los com base em pesquisas sólidas e alicerçadas no terreno (Novak, Whitting, Brown, & Harris, 2018; Rauer et al., 2014; Wilson & Harrison, 2008).

Além disso, sabemos que 37% das pessoas que se casam participam em programas de preparação para o casamento. Dessas, 92% fazem-no em contexto religioso (Glenn,

2005). No caso concreto de Portugal, não há conhecimento de intervenções para além daquelas realizadas em contexto religioso (Monteiro, 2014) e não foi encontrado nenhum estudo científico de avaliação de eficácia no âmbito dos programas de educação relacional religiosos portugueses³ (Ramalho, 2015). Posto isto, é premente compreender e descrever as intervenções realizadas a nível religioso de modo a promover parcerias entre profissionais e religiosos com o intuito de potenciar os programas já existentes bem como de promover a criação de alternativas para o contexto secular.

O presente estudo pretende, através de uma metodologia mista, descrever e comparar quatro programas religiosos de preparação para o casamento a partir da perspectiva dos casais que neles participam e dos Padres que os orientam. Com os dados obtidos, pretende-se identificar implicações que contribuam para a prática da educação relacional em Portugal.

³ Previamente à recolha de dados, foi realizada uma pesquisa com o intuito de compreender a estrutura e conteúdos dos PPC realizados em contexto religioso em Portugal. Foram encontrados dois programas publicados em formato livro, cuja estrutura consta no Apêndice B.

Metodologia

Desenho de Investigação

A presente investigação, de natureza exploratória, utilizou um desenho convergente paralelo (Creswell & Plano, 2011). Deste modo, foram recolhidos dados quantitativos e qualitativos simultaneamente de forma independente, sendo os resultados apenas comparados na fase de interpretação (Creswell, 2009).

A escolha de uma metodologia qualitativa alicerçou-se, por um lado, na natureza exploratória do estudo e, por outro, na necessidade de compreender os processos relacionais subjacentes às intervenções de educação relacional (Halford & Pepping, 2017; Wadsworth & Markman, 2012). Relativamente à componente quantitativa do estudo em causa, pretendeu-se compreender o mesmo fenómeno a partir de um ponto-de-vista distinto (Novak et al., 2018) e para tal foi selecionado o único instrumento encontrado que pretende avaliar os programas de educação pré-conjugal em contexto religioso (Wilmoth, 2005).

Este estudo foi guiado por um paradigma interpretativo-construtivista que assume a geração de conhecimento como um processo conjunto entre o investigador e os participantes, o que implica que a representação feita da experiência dos participantes seja, de algum modo, moldada pela lente do investigador (Charmaz, 2006). Por outro lado, o presente estudo surge enquadrado no âmbito da psicologia preventiva, mais concretamente tendo como referencial a perspetiva da educação relacional, que pretende contrapor os fatores de risco simultaneamente ao reforço dos fatores protetores de modo a interromper processos que contribuem para a disfunção humana (Coie, Watt, West, & Hawkins, 1993).

Questão de Investigação, Objetivos Gerais e Específicos e Mapa Conceptual

Esta investigação partiu da seguinte questão inicial: De que modo são percecionados diferentes Programas de Preparação para o Casamento (PPC) pelos noivos que neles participam e pelos Padres que os fornecem?

A partir desta questão geral, foram estabelecidos os principais objetivos da investigação. De um modo global, pretendeu-se (1) Compreender e comparar a perspetiva de noivos e Padres acerca dos PPC implementados em diferentes contextos religiosos; (2)

Descrever e comparar elementos estruturais, tais como formato e conteúdos abordados nos vários contextos de PPC; e (3) Contribuir para o melhoramento dos PPC em Portugal. Mais concretamente, o estudo qualitativo pretendeu: (4) Explorar e compreender a percepção global e as expectativas dos casais, as aprendizagens e impacto gerados pelo programa, bem como propostas de melhoria; (5) Compreender quais os processos relacionais moderadores de mudança nos PPC; (6) Dar “voz” aos noivos; e (7) Desenvolver uma *Grounded Theory* que procure explicar os processos relacionais subjacentes aos PPC em Portugal. Por outro lado, o estudo quantitativo procurou: (8) Compreender a perspetiva global dos Padres face aos PPC (eficácia percebida, constrangimentos identificados, valor atribuído e abertura ao treino); e (9) Explorar relações entre variáveis, nomeadamente entre os constrangimentos identificados, a eficácia percebida e a abertura ao treino.

O desenho da investigação pode ser compreendido através do mapa conceptual⁴ (Figura 1).

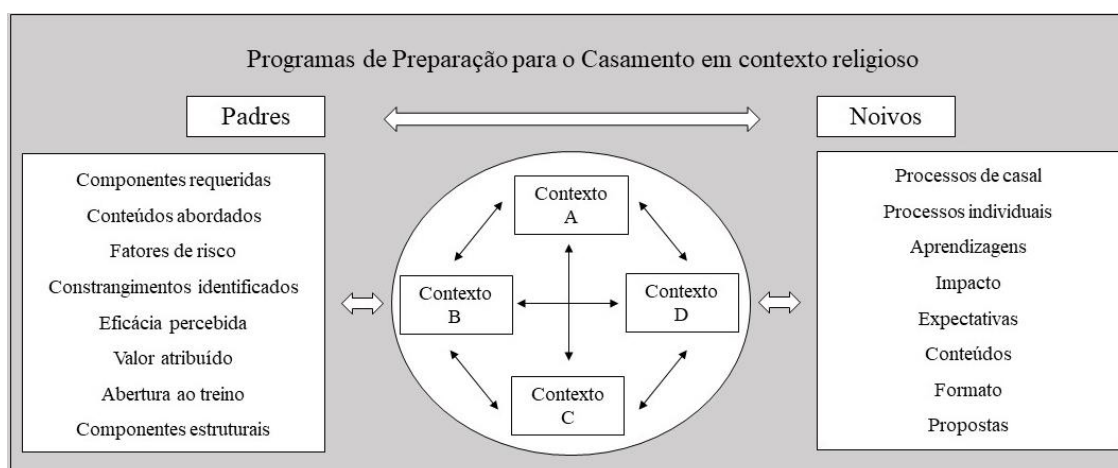


Figura 1. Mapa conceptual

Procedimentos de Recolha da Amostra

Estudo Qualitativo.

Relativamente ao estudo qualitativo, a recolha de dados foi realizada através de entrevistas de casal, com recurso a uma amostragem estratificada não proporcional (Clark-Carter, 2009). Os critérios de inclusão foram a) a participação num dos quatro PPC

⁴ Os conceitos relativos ao estudo quantitativo encontram-se definidos no Glossário (Apêndice A)

selecionados para o estudo; b) que essa participação tivesse ocorrido há mais de um mês e menos de seis meses (Halford & Bodenmann, 2013).

O tema, objetivos e aquilo que seria pedido aos participantes foram apresentados aos noivos numa das sessões do PPC com o consentimento das entidades organizadoras dos programas. Foi pedido aos casais que estivessem interessados em participar que preenchessem uma folha com o seu nome, contacto telefónico, local de residência, email e disponibilidade. Cerca de 15 dias após o término do programa, os casais foram contactados de modo a proceder à marcação das entrevistas. No contexto D, a apresentação do estudo aos noivos foi feita por intermédio dos Padres, sendo depois os noivos interessados em participar contactados para esclarecimento de dúvidas e marcação da entrevista.

Estudo Quantitativo.

A recolha de participantes para o estudo quantitativo foi realizada através de uma amostragem de conveniência, não aleatória, pelo método bola de neve (Vanderstpoed & Johnson, 2009). Após contacto telefónico com os padres, tendo estes tomado conhecimento dos objetivos e implicações do estudo e consentido participar, a aplicação foi realizada por dois meios distintos, consoante a preferência dos inquiridos: aplicação presencial (9) ou envio do questionário e consentimento informado pelo correio com envelope no interior pronto para a devolução dos mesmos (22).

Participantes

Estudo Qualitativo.

A amostra foi composta por 15 casais heterossexuais, distribuídos por quatro contextos de preparação para o casamento. Por questões de confidencialidade, foi decidido não identificar os contextos estudados, pelo que os mesmos serão referidos pelas letras A, B, C e D. As características de cada programa constam no Quadro 1.

Quadro 1

Caracterização dos quatro contextos estudados e distribuição da amostra

	N	Formato	Equipa formadora	Nº sessões	Esquema	N.º horas
Contexto A	4	Grupo	Casais + Padre	1	Fim-de-semana	~15h
Contexto B	4	Grupo	Casais + Padre	7	Reuniões semanais	~15.12
Contexto C	3 ^a	Grupo	Casais + Padre	9	Reuniões quinzenais	~13.95
Contexto D	4	Individu- alizado	Padre	Variável (<i>M</i> =5.25)	Variável ^b	~7.88

Nota. ^a Devido ao número reduzido de casais no contexto C, apenas foi possível realizar 3 entrevistas. ^b Reuniões marcadas consoante disponibilidade do casal e Padre.

N = Número de casais entrevistados por contexto.

Dos 30 participantes, a idade média era 27,9 anos, sendo a média masculina 29 anos (*M*=29,13) e a feminina 27 (*M*= 26,67). O tempo médio de relação era 68 meses (*M*=68,47). Dos casais entrevistados, 33,33% já viviam juntos antes do casamento, e 33,33% já estavam casados no momento da entrevista. Todos os participantes se afirmam crentes na religião católica e, destes, 83,33% considera-se praticante.

Estudo Quantitativo.

O estudo quantitativo contou com 31 Padres da Igreja Católica Apostólica Romana. Na definição da amostra, foi utilizado o critério de 30 participantes como limite mínimo necessário para a realização de análises estatísticas simples, como estatísticas descritivas e ANOVAs (Johnson & Bhattacharyya, 1987; VanVoorhis & Morgan, 2007). VanVoorhis e Morgan (2007) indicam que, para o cálculo de correlações, a amostra deve rondar os 50 participantes pelo que os resultados do presente estudo devem ser interpretados com cautela.

Dos 31 sujeitos inquiridos, a média de idades era 43,7 anos (*DP*=12,49). Em média, os participantes tinham sido ordenados padres há 14,6 anos (*DP*=12) e ocupavam a sua atual posição há 7 anos (*DP*=8,08). Em relação à posição atualmente ocupada, 45,2%

dos Padres estavam na posição de Prior, 16,1% eram vigários paroquiais, 6,5% eram Padres de um Movimento e 32,3% ocupavam outra posição. A nível de formação, 61,3% dos participantes completaram um Mestrado, 32,3% uma Licenciatura e 6,5% um Doutoramento. Dada a dificuldade encontrada na recolha da amostra, não foi possível obter um número representativo de Padres para cada um dos quatro contextos acima identificados. Posto isto, os participantes foram agrupados e comparados consoante as componentes estruturais⁵ do programa por si fornecido. Dos 31 Padres inquiridos, 13 forneciam PPC a grupos de noivos, 4 faziam-no individualmente e os restantes combinavam os dois formatos. Relativamente ao esquema, 12 dividiam o programa em reuniões espaçadas, 6 condensavam-no em fins-de-semana, e 13 combinavam ambas as abordagens. Quando eram feitas apenas reuniões, era realizada uma média de 7 sessões ($M=6,5$; $DP=1,73$) e no esquema combinado era realizada uma média de 5 sessões, inclusive o fim-de-semana ($M=5,35$; $DP=1,07$). A nível de equipa formadora, 25 relataram fornecer PPC em colaboração com um conjunto de casais, 4 faziam-no autonomamente e 2 Padres delegavam a preparação dos noivos num conjunto de casais.

Instrumentos

Estudo Qualitativo.

A recolha de dados foi realizada por intermédio de entrevistas semi-estruturadas de casal, com a aplicação de um questionário sócio-demográfico (Apêndice C1) cujo propósito era caracterizar a amostra (nome, idade, sexo, escolaridade, profissão, situação relacional atual, duração da relação, com quem reside, estado civil dos pais, religião) e recolher informação acerca do PPC no qual o casal participou. As entrevistas tiveram uma duração aproximada de 40 minutos. No início de todas as entrevistas, o estudo foi explicado e os participantes assinaram um consentimento informado (Apêndice C2).

O guião da entrevista (Apêndice C3), focado na experiência do casal enquanto participante de um programa de preparação para o casamento, incluía cinco tópicos gerais acerca dos quais foram formuladas questões mais específicas: compreensão de impressões gerais acerca do programa (*e.g. O que diriam, com base na vossa experiência, a um casal de noivos que está indeciso acerca da sua participação num PPC?*), exploração de

⁵ Este conceito encontra-se definido no glossário (Apendice A)

expectativas e o seu contraste com a realidade (*e.g. Houve algum tema/pergunta/atividade que vos tenha surpreendido?*), exploração da percepção que o casal teve do programa (*e.g. Se vos pedisse para descreverem numa palavra, metáfora ou imagem o que foi este programa para a vossa relação, o que diriam?*), exploração das principais aprendizagens e o seu impacto no casal (*e.g. Apêndice C4*) e exploração de sugestões de mudança (*e.g. Gostava que se imaginassem daqui a 10 anos, como casal formador de um PPC, mudariam alguma coisa? O quê?*). Todas as entrevistas foram terminadas com um espaço para comentários, sugestões ou referência a temas não mencionados no decorrer da entrevista.

Estudo Quantitativo.

Face ao desejo de compreender não só a perspetiva dos casais que participam nos programas mas também de quem os fornece, a recolha dos dados quantitativos foi feita através da tradução do “Oklahoma Clergy Involvement in Marriage Preparation Programs” (Wilmoth, 2005) (Apêndice C5), cujo preenchimento dura aproximadamente 30 minutos. Tendo em conta que o questionário original contém 178 itens, não foi possível validar o instrumento para a língua portuguesa por serem necessários, no mínimo, 356 participantes para o efeito (Arafat, Chowdury, Qusar, & Hafez, 2016). Além disso, não foi encontrada literatura acerca do contexto português que confirmasse a adequação das variáveis medidas pelo questionário original (Gjersing, Caplehorn, & Clausen, 2010). Posto isto, foi apenas realizada uma tradução do instrumento, seguida de um pré-teste com um participante ao qual foi pedido que explicasse, por palavras suas, o significado de cada item de modo a compreender se este era ou não compreensível (Reichenheim & Moraes, 2007). Após revisão da formulação dos itens com base no pré-teste, o questionário foi aplicado aos participantes do estudo. Com base nos resultados, foram calculados os Alfa de Cronbach de todas as escalas, os quais foram semelhantes àqueles encontrados no questionário original (Wilmoth, 2005). Dada a impossibilidade de uma adaptação do instrumento (Wang, Lee, & Fetzer, 2006), a utilização do mesmo na população portuguesa foi realizada com um intuito exploratório. Este questionário foi selecionado na medida em que não foram encontrados instrumentos validados alternativos que cumprissem o propósito desejado.

O “Oklahoma Clergy Involvement in Marriage Preparation Programs” (Wilmoth, 2005), que inclui um questionário sociodemográfico, visa compreender a perspetiva dos padres face à preparação para o casamento que fornecem. É constituído por 6 escalas

principais e 8 sub-escalas (a versão original continha mais duas escalas, relativas à Oklahoma Marriage Initiative e ao Recursos e Ferramentas utilizados, que foram removidas por não se adequarem à população portuguesa). A escala de *componentes requeridas* ($\alpha=.56$; α da escala original $=.56$) é composta por 10 itens e utiliza uma escala de Likert de 0 a 4 (em que 0=*Nunca requerido* e 4=*Sempre requerido*) que avalia os requisitos estabelecidos pelos padres nos PPCs que realizam (e.g. aulas/sessões em grupo). A escala de *conteúdos abordados* ($\alpha=.90$; α da escala original $=.94$), composta por 19 itens, utiliza uma escala de Likert de 0 a 4 (em que 0=*Nada satisfeito* e 4=*Muito satisfeito*) com o intuito de avaliar a satisfação relativa ao modo como cada um dos conteúdos é abordado (e.g. carreira). A terceira escala ($\alpha=.68$; α da escala original $=.88$) utiliza uma escala de Likert de 0 a 4 (em que 0=*Nada importante* e 4=*Muito importante*) para avaliar a importância atribuída a diversas situações que podem ser consideradas *fatores de risco* para o casal (e.g. fracas competências de comunicação). É composta por 18 itens. Tanto a escala de *constrangimentos identificados* ($\alpha=.80$; α da escala original $=.84$), como a escala de *eficácia e valor percebidos* ($\alpha=.483$; α da escala original $=.66$) utilizam escalas de Likert de 1 a 8 (em que 1=*Discordo fortemente* e 8=*Concordo fortemente*). A primeira, composta por 16 itens⁶, pretende determinar quais os principais obstáculos ao fornecimento de PPC mais eficazes (e.g. “Penso que não recebi formação suficiente para fornecer preparação para o casamento adequada”), e a segunda, composta por 7 itens, avalia de modo global o valor e a eficácia percebidos dos programas fornecidos (e.g. “A preparação para o casamento é uma componente valiosa do meu ministério”). A última escala ($\alpha=.58$; α da escala original $=.66$) tem apenas dois itens e pretende compreender a evolução temporal, nos últimos 5 anos, da importância e eficácia atribuídas pelos participantes à preparação para o casamento. Utiliza uma escala de Likert de 1 a 5 (em que 1=*Muito menos agora* e 5=*Muito mais agora*).

Relativamente às subescalas, 3 delas resultam da combinação de itens das escalas principais e as restantes 5 correspondem a sub-escalas dos Constrangimentos identificados. Apenas duas das oito subescalas demonstraram uma consistência interna passível de análises posteriores (Nunnally & Bernstein, 1994). A *eficácia percebida* ($\alpha=.903$; α da escala original $=.93$) é composta pela totalidade dos itens da escala de *conteúdos*, pelos

⁶ Na adaptação para português, foi removido o item, incluído na escala original, “O meu próprio casamento tem muitos problemas” por não se adequar à realidade abrangida pelo estudo.

itens 3 e 6 da escala de *valor e eficácia* e pelo item relativo à *eficácia percebida comparativamente com os últimos 5 anos*. Dado que estas escalas utilizam escalas de Likert diferentes, procedeu-se a um redimensionamento das escalas de modo a uniformiza-las, permitindo a comparação (Dawes, 2002). As três escalas foram convertidas em escalas de Likert de 10 pontos (Dawes, 2008) através da fórmula $(\text{cotação}-1)/(\text{n}^\circ \text{ de categorias de resposta}-1) \times 10$, proposta por Preston e Colman (2000). Por exemplo, a cotação 8 da escala de valor e eficácia passa a equivaler a um 10, em que $(8-1)/(8-1) \times 10 = 10$. Estes valores foram utilizados apenas para o cálculo do compósito de *eficácia percebida*.

Foi também utilizada a escala de *abertura ao treino* ($\alpha=.50$; α da escala original=.75) com um intuito exploratório, por ter uma consistência interna fraca (Nunnally & Bernstein, 1994). É composta pelos itens 4 e 7 da escala de *valor e eficácia* e pelos itens 1,7 e 11 da escala de *constrangimentos*. Todas as escalas utilizadas seguiam uma distribuição normal.

Na tradução do instrumento para a língua portuguesa, foi introduzida uma pergunta de resposta aberta com a qual se pretendia identificar os principais componentes estruturais dos PPC fornecidos de modo a poder compará-los. Para além do questionário, todos os participantes receberam um documento relativo ao consentimento informado (Apêndice C6).

Análise de Dados

Estudo Qualitativo.

As 15 entrevistas realizadas foram transcritas integralmente para o software de análise qualitativa de dados NVIVO12 ®.

O processo de análise foi conduzido de acordo com os princípios da *Grounded Theory* (Charmaz, 2006; Birks & Mills, 2011), cujo principal objetivo é, mais do que descrever uma experiência, produzir uma teoria com poder explicativo sobre um fenómeno no contexto em que ele ocorre (Birks, Mills, Francis & Chapman, 2009). Após uma fase de familiarização com os dados, acompanhada da escrita de primeiras anotações acerca de ideias emergentes (Braun & Clarke, 2006), procedeu-se à codificação inicial. Nesta etapa as entrevistas foram lidas cuidadosa e sistematicamente e codificadas em pequenos segmentos provisórios, comparativos e alicerçados nos dados (Charmaz, 2006).

A nomeação das categorias foi feita, maioritariamente, por influência da sua ligação lexical aos dados (Fernandes & Maia, 2001). À medida que a codificação *linha-a-linha* se foi tornando redundante, iniciou-se o processo de comparação de códigos e identificação de padrões emergentes (Birks & Mills, 2011).

A codificação focada iniciou-se, partindo das diretrizes já desenvolvidas na fase anterior, com o agrupamento dos códigos mais significativos em categorias e sub-categorias (Birks & Mills, 2011). Este agrupamento deu-se simultaneamente à identificação de propriedades e à comparação constante entre categorias. A fase seguinte, codificação axial (Charmaz, 2006), ocorreu por meio de esquemas e diagramas, como proposto por Birks e Mills (2011) (Apêndice D1), e teve como objetivo explorar, compreender, descrever e explicar as relações entre categorias e sub-categorias (Charmaz, 2006). A descrição detalhada de categorias e relacionamentos foi atribuindo um carácter conceptual às categorias outrora descritivas (Strauss & Corbin, 1998).

A etapa da codificação teórica, na qual as categorias e relacionamentos até então descritos são integrados e postulados como hipóteses no sentido de desenvolver uma teoria (Glaser, 1978), recorreu à utilização da *storyline* (Birks et al., 2009; Strauss & Corbin, 1990). De modo sucinto, a *storyline* é uma conceptualização da “narrativa descritiva acerca do fenómeno central em estudo” (Strauss & Corbin, 1990; p.116). Este método, segundo Birks e colaboradores (2009), tem o poder de dar vida à teoria desenvolvida que, de outro modo, poderia ser aborrecida e insípida. Importa referir que, sendo a *storyline* uma abstração, a necessidade de detalhe frequentemente requerida noutras formas de investigação é removida, podendo o investigador decidir se explicita, ou não, os conceitos teóricos definidos e qual o nível de abstração que pretende imprimir na narrativa criada (Charmaz, 2006; Charmaz & Mitchel, 1996; Strauss, 1987). No caso concreto deste estudo, a narrativa é contada na primeira pessoa por um casal hipotético que reúne citações de todos os casais entrevistados. Deste modo, os processos derivados da análise temática são explicados a partir de excertos das entrevistas realizadas aos casais. No Apêndice D2 constam os diagramas desenvolvidos no processo de construção da narrativa.

Na construção da *storyline*, foi utilizada a metodologia *TALES* (Birks et al., 2009) com o intuito de assegurar que a narrativa estava fundamentada e refletia de modo adequado os dados recolhidos. A escrita da história envolveu um revisitar constante e alternado de todas as fases de codificação anteriores (Strauss & Corbin, 1998). Ao longo de

todo o processo, foi mantido um diário de bordo com o intuito de anotar e refletir não só as várias fases do processo, mas também intuições, sentimentos e possíveis estereótipos aos quais fosse necessário tomar atenção de modo a não condicionar a análise.

Estudo Quantitativo.

A análise dos dados recolhidos foi realizada através do programa *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, versão 25 (IBM, SPSS Inc., Armonk, NY). Numa primeira etapa, foram realizadas operações de estatística descritiva que consistiram na análise descritiva e de frequências dos dados. Após cálculo das escalas totais, foi verificada a consistência interna de todas as variáveis utilizadas, pela obtenção do Alfa de Cronbach (α), e testada a normalidade das escalas incluídas no questionário, através dos testes Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk (Pallant, 2007).

Posteriormente, procedeu-se à análise de correlações entre variáveis. Previamente ao cálculo do coeficiente de Pearson (r), foram produzidos gráficos de dispersão com o intuito de excluir a possibilidade de violação dos pressupostos de linearidade e homoscedasticidade. Na avaliação da intensidade das associações encontradas, foram utilizados os critérios de Cohen (1988), segundo os quais correlações entre ,10 e ,29 são consideradas fracas, correlações entre ,30 e ,49 são moderadas e aquelas acima de ,50 são consideradas fortes. Por fim, de modo a comparar as diferentes componentes estruturais dos PPC nas variáveis *eficácia percebida*, *abertura ao treino*, *constrangimentos identificados*, *perceção de fatores de risco* e *satisfação com os conteúdos abordados* foram realizadas análises de variância um fator (ANOVA) e comparações post-hoc, através da utilização do teste Tukey HSD.

Resultados

A secção de resultados divide-se em três partes. Em primeiro lugar, consta uma análise temática intra e inter-categorial dos dados com descrição das categorias e apresentação das relações existentes entre si. Esta análise utiliza a metodologia *Grounded*, seguindo uma abordagem puramente indutiva (Charmaz, 2006). Em segundo lugar, será apresentada a *grounded theory* desenvolvida a partir dos dados, através da utilização do método *storyline* (Strauss & Corbin, 1990). Por fim, serão apresentados os resultados do estudo quantitativo.

Análise Temática

Foram definidos quatro objetivos específicos para o estudo qualitativo, os quais guiaram a construção do guião da entrevista. No entanto, por ter sido utilizada uma metodologia *grounded*, as categorias finais não são tão estáticas quanto aquelas que foram propostas inicialmente. Deste modo, a apresentação dos resultados seguirá a ordem com que os temas foram surgindo nas entrevistas. Os objetivos serão posteriormente discutidos.

A partir da análise qualitativa indutiva do discurso dos participantes relativamente à experiência no PPC em que participaram, foi possível extrair 9 principais categorias, tendo essas múltiplas sub-categorias dentro de si. A árvore categorial final encontra-se no Apêndice E. A categoria central retirada desta análise diz respeito aos *Processos despoletados pelo Programa de Preparação para o Casamento*, e é essa que protagoniza a *Grounded Theory* desenvolvida, na medida em que é aquela que detém maior poder explicativo do fenómeno em causa (Strauss & Corbin, 1990; Charmaz, 2006; Birks & Mills, 2011). Aquelas que não foram incluídas na *Grounded Theory* respondem aos objetivos de compreensão e descrição dos PPC.

*Apreciação global positiva*⁷

Todos os casais (15⁸) fizeram uma *apreciação global positiva* do programa no qual participaram, aconselhando qualquer casal de noivos a participar num programa semelhante.

“Portanto... aquilo que eu diria a um casal é... façam sem dúvida alguma porque só vão tirar coisas boas daqui. São experiências e são momentos de reflexão e de... no limite, para pararem e pensarem e perceberem aquilo que vai acontecer porque é mesmo algo muito importante, mesmo casando só pelo civil...” (MD12⁹)

Dentro desta apreciação global, foram identificados aspetos mais positivos e mais negativos. Dentro dos *aspetos mais positivos*, aquele que surgiu com mais frequência está associado às conversas proporcionadas “O aspeto mais positivo? Eu acho que foi essa parte do falar, de... coisas que às vezes passam completamente ao lado” (FA3), seguido da oportunidade de *aprender com o testemunho de casais mais velhos* (4) e da *obrigação* (4) “sermos obrigados e termos oportunidade de poder parar e centrar. Naquilo que era o importante” (FD14). No que concerne aos *aspetos mais negativos*, aquele que foi identificado mais vezes (4) diz respeito à *falta de tempo* “Termos tido poucas reuniões... adorava ter tido mais!” (FD14); seguido do *cruzamento dos temas entre si* (3) “há temas que se misturam um bocadinho. Ah... são muito parecidos” (MA3); da *falta de aprofundamento espiritual* (2) e *baixa concretização das partilhas* (2).

Relativamente ao *Contraste Expectativas-Realidade*, dos 15 casais, apenas 2 referiram que o programa foi ao encontro daquilo que esperavam. Os *aspetos surpreendentes* estavam, no geral, associados ao formato do programa, ao conteúdo dos temas abordados, à qualidade do programa no geral e ao aprofundamento do conhecimento do companheiro.

“Os dois ficámos mesmo surpreendidos porque de repente era... não sabíamos que conhecíamos tão bem o outro, ah... não sabíamos que o outro nos conhecia

⁷ Ao longo da apresentação da análise temática, as categorias e sub-categorias são apresentadas em itálico

⁸ Os números que surgem entre parêntesis correspondem ao número de casais codificado em cada categoria, sub-categoria ou associação entre categorias

⁹ Os excertos são seguidos da identificação do indivíduo citado entre parêntesis. A identificação inclui o sexo, F ou M; o contexto em que realizou preparação para o casamento, A, B, C ou D; e o número do casal a que pertence.

tão bem... era quase tipo... como é que tu tiveste acesso a isso sobre mim? Isso é muita íntimo! Ou... nem eu sabia bem disso.” (FD14).

A grande maioria dos casais (14) chegou ao programa com *Expectativas* desenvolvidas, sendo que desses, 10 as associam às *Referências* que lhes foram feitas por amigos ou familiares “Nós também já temos um... um ou outro amigo que tivesse feito. E portanto já tínhamos algumas luzes”(MB7).

Formato

A categoria *Formato* foi subdividida em 6 sub-categorias, numa abordagem puramente indutiva. *Prático* (9) surgiu como categoria transversal aos quatro contextos e diz respeito à componente aplicada dos programas, tanto a nível de temas “Os temas eram... iminentemente práticos”(MD14), como a nível de formato: “fizemos role plays, fizemos cartas escritas um ao outro, fizemos... trabalhos de discussão em casal primeiro e depois com o Padre... portanto fizemos vários tipos de dinâmicas que eu acho que... acrescentaram imenso valor” (FD15).

Relativamente à comparação *Fim-de-semana VS. Reuniões espaçadas*, para 8 casais, o facto das reuniões serem espaçadas trouxe sobretudo vantagens sobre os programas de fim-de-semana “eu acho que foi o ser espaçado. Ou seja, dá-nos tempo mesmo para pensar. Nas coisas” (MC9). Já em relação à comparação *Grupo VS. Individualizado* (7) os casais *defenderam* o formato em que participaram.

“o que pretendíamos mesmo... era ter... um PPC em que também pudessem... ouvir da experiência de outros... em que pudessemos também... se calhar... crescer com o que os outros viveram no casamento, ou as dificuldades que passaram, como é que as ultrapassaram...” (FC11)

“o mais positivo foi... a oportunidade que tínhamos de falar mesmo, de... não ser só... não ser uma atitude passiva de ouvir temas, também participar” (MD14).

A *flexibilidade do programa* (5) diz respeito à possibilidade do programa se moldar às necessidades de cada casal. Foi referida como algo positivo em todos os casais de formato individualizado, sendo a sua falta referida como aspeto negativo por um casal do contexto grupo: “Logo na primeira... reunião, o Padre perguntou-nos que expectativas é que nós tínhamos, e que temas é que nós gostávamos de falar. E depois adaptou isso...

ele deve ter uma estrutura que adapta depois a cada noivo” (FD14). *Complementos* (5) corresponde a outras atividades que os noivos procuraram com o intuito de complementar o programa em que participaram. Aqui foram incluídas conversas com casais conhecidos, sessão de planeamento familiar com uma enfermeira, entre outros.

Por fim, relativamente à *equipa formadora*, foram identificadas duas sub-categorias: *casalões ou casais formadores* (12) e *padre* (11). Os primeiros foram positivamente caracterizados e a sua abordagem foi *louvada* “não estava nada à espera da maneira como os casais abriram o jogo... Foram mesmo... parecia que ‘tava uma conversa entre pais e filhos” (MC10); “super dinâmicos e a abordagem foi excelente” (FB5). Relativamente ao *Padre*, no contexto B, a sua fraca presença foi identificada como o aspeto mais negativo do programa por metade dos casais. Quando o Padre é uma figura presente, os noivos consideram-no uma figura muito “valiosa”(MA2), tanto no contexto A como no C, “dizia sempre as coisas que já tinha ouvido, que outros casais que viu separar-se porquê.” (FC10). No contexto individualizado, o Padre adota um papel central, tendo sido referido como o aspeto mais positivo por 2 casais “era completamente... para nós e era... o tempo que ele ‘tava dedicado a nós e a ajudar-nos a percorrer aquele caminho” (FD12)

Público alvo

Os casais (10) consideraram que este tipo de programas é adequado para qualquer tipo de casal: “Por isso o meu conselho para qualquer casal, independentemente da situação, seria participar” (MB8), sendo inclusivamente referido que a *diversidade de casais* (5) a participar nestes programas constitui, por vezes, um obstáculo na medida em que é difícil encontrar um equilíbrio que satisfaça a todos. Foi referida a presença de casais crentes e não crentes, e inclusivamente mais ou menos envolvidos na vida da Igreja, casais que coabitavam previamente ao casamento ou não, com ou sem filhos e com idades variadas. No entanto, este tipo de programas, independentemente da sua componente espiritual, foi considerado igualmente adequado para *casais não católicos* (8): “Religião ou não à parte, claro que há uma componente religiosa, mas há uma parte muito importante também relacional que isto traz e que... se tirássemos... a religião desta equação, continuaria a ser uma coisa válida e útil” (FD15); “Porque aquilo tem uma vertente católica, como é óbvio (...) mas para além disso, tem um montão de exercícios e de conversas que... que é indiferente ser católico ou não” (FD14).

Relativamente aos *fatores que moderam o impacto do programa*, foram referidos quatro: a *duração do namoro* (6) “já são 13 anos. Todos os pormenores já foram falados” (MA3); as *características do casal* (6), como a extroversão ou a área de formação; a *coabitação prévia* (5) “aquilo é importante principalmente para quem não vive junto” (MB5); “portanto se calhar tiveram já este problema e portanto isto só acrescenta mais ao que já viveram, ou... se calhar nunca tiveram, portanto vão discutir este problema que pode surgir” (FC10); e a *preparação pré-noivado* (2) “portanto, muito dos grupos de namorados..., a experiência a viver em casal com outros casais não foi a primeira vez que tivemos, portanto... muitos dos temas... nós já tínhamos falado” (FC11).

Temas

No que concerne aos *Temas* abordados nos diferentes PPC, os mais referidos foram a *oração em casal* (8), “acho que sempre tive medo, ah... que não corresse bem, a parte da oração... e acho que me deu alguma força ver que tanta gente conseguia, com algum esforço”(MC11); as *famílias* (8), “como é que se gerem as relações familiares”(MD15); “é um bocado alertar para o tu também ‘tás-te a casar com a família do outro, o outro também é a tua família...”(MB5); a *educação dos filhos* (8) “essa parte da família na educação dos filhos... não que não possa participar e que a intenção às vezes é a melhor, mas é preciso pôr um travão, vá, porque... nós vamos formando uma família nossa.” (MA1); e a *vida em conjunto* (8):

“Ah... eu... gostei muito do tema... das questões práticas do casamento. Ah... Das questões práticas do viver em conjunto (...) as tarefas domésticas, se já tínhamos falado, quem é que fazia uma coisa, quem é que fazia a outra (...) tema relacionado com as questões práticas do dia-a-dia do... casamento” (FB6).

O tema relativo à exploração dos diversos métodos de *Planeamento familiar* foi referido por 7 casais, sendo que 2 deles realçam a importância deste planeamento ser feito em casal: “Os métodos contraceptivos naturais, que foi um... dos temas que se abordaram e que... saímos com muita vontade e curiosidade de... perceber melhor” (MA2);

“uma coisa que... o homem também ‘tá muito presente. Não é a mulher ‘tá grávida e o homem... não se preocupa! E... a forma como... o casal expôs o assunto... quero muito ser... quero ainda mais ser pai porque também quero vivenciar da forma como eles...” (MC10)

A *Comunicação* (7) foi identificada como tema fundamental e transversal a todos os outros. Não só foi realçada a importância da comunicação, como foram desenvolvidas técnicas de comunicação e escuta, “porque foi assim o tema maior foi a parte da comunicação. Ah... pronto, nós sabemos que é importante mas... falou-se de uma maneira prática e exemplos” (MA3). Com a mesma frequência (7), foi referido o tema da *gestão financeira* “como organizar as finanças... em casa (FB6)”; “Lidar com dinheiro” (MC11). Foram também referidos o *casamento como sacramento* (6) “percebendo o que é que é o casamento... o que é que a Igreja propõe... tudo o resto... faz sentido” (MD13); a *gestão de conflitos* (6) “foi... um bocado mais: como evitar a crise e o que é que devemos fazer de comunicação e não sei quê...” (FA2); a *infertilidade* (5) “...normalmente não se fala porque acha-se sempre que se vai ter, não é? (...) Tivemos um bocado aquela ideia de: se não acontecer, o que é que acontece?” (FA1); a *gestão de tempo* “sempre foi... um ponto de discórdia entre nós. E depois percebemos que o tempo vai-se gerindo como se pode (risos) e que temos todos o mesmo problema” (FA4); a *história pessoal e do casal* (4) “tinha que fazer... escrever quais é que foram os acontecimentos da nossa vida que nos fizeram chegar a este momento... da decisão de casar e de nos casarmos” (FD14); a *sexualidade* (4) “o tema da sexualidade... foi o que nos surpreendeu à sério porque... há mil maneiras de o abordar e aquela sem dúvida foi a maneira... brilhante” (MA4)... e ainda os *assuntos legais* (3); os *pilares da relação* (3); as *linguagens e manifestações do amor* (2); a *complementaridade* (2); a *relação com amigos* (2); a *carreira* (1) e a *intimidade* (1).

Devido à dimensão da amostra, não foi possível explorar, com confiança, as diferenças entre contextos a nível de temas. No entanto, a partir do questionário de caracterização do PPC frequentado preenchido por cada elemento do casal no início da entrevista (Apêndice C1), foi possível, a partir de uma análise de frequências, determinar quais os temas mais comuns e a sua transversalidade inter-contextos. Mais de 90% dos casais afirmou que foi abordada a comunicação, a relação com Deus, as crianças/parentalidade, e o compromisso. A cerimónia do casamento, personalidade e temperamento, resolução de problemas e relações com família de origem do outro foram referidas por mais de 80% dos noivos. Os assuntos legais foram o tema menos abordado, não tendo sido referidos nos contextos B e D. Todos os outros temas foram referidos em todos os contextos.

Casamento

A categoria *casamento* (8) engloba considerações relativas à importância deste. Sobressaíram ideias acerca do casamento enquanto decisão vitalícia e acerca da dificuldade em manter um casamento na sociedade atual: “(...) a certa altura temos de decidir: que quero passar o resto da minha vida com esta pessoa e isso é uma decisão que é importante ser tomada e ser assumida pelos dois” (MA2); “tens um mundo inteiro que te diz que aquilo que tu ‘tás a fazer [o casamento]... não precisa de ser uma entrega até ao fim... ah... tens os obstáculos de toda a gente à tua volta...” (FD13)

Disposição, abertura e motivações

Esta categoria (13) diz respeito à postura com que o casal chega ao PPC. A sua participação pode partir de uma decisão do casal (12) ou ser imposta por alguém (1). Segundo os noivos, a predisposição com que os casais chegam ao programa *determina* aquilo que podem retirar do mesmo: “Claro que... o PPC depois também é aquilo que cada pessoa dá, não é?” (FB7); “que façam este curso com... não como uma coisa de ir lá uma hora e meia e despachar, mas como uma coisa que vai fazer muito bem ao casal” (MC10).

Processos despoletados pelo PPC

Os *processos despoletados pelo PPC* (15) englobam todos os processos individuais ou de casal, imediatos ou a longo prazo, que o programa suscitou nos seus participantes. *Proporcionar conversas* (15) foi o processo referido com mais frequência, sendo referido não só por todos os casais mas pela totalidade dos entrevistados: “Há temas que nós... pronto, andamos há imenso tempo mas que... que se não disserem «falem sobre isto e debatam este tópico» às tantas (...) não se falam” (FA3). Os participantes pareceram indicar que, mais do que os conteúdos do programa em si, aquilo que gera transformação são as conversas de casal: “Ah... [o mais positivo] não foi os trabalhos de casa, não foram as reuniões em si, foi tipo... a conversa que tudo isto despoletou” (MD15). Estas conversas podem *trazer temas novos* (10): “o PPC permitiu-nos falar de temas que nós ainda não tínhamos pensado.” (MB6) ou *despoletar temas que já tinham sido falados* (7):

“não há nada de estrutural que nós tivéssemos falado com o Padre que não tivéssemos falado entre nós, e que não fosse alinhado... entre nós, mas... a maneira de

pensar as coisas, a maneira de... falar com o outro sobre as coisas, de dispor as coisas... ah... acho que saiu um bocadinho fora da caixa e foi muito útil nesse sentido.” (FD15)

Estas conversas têm o poder de gerar *discórdia* (11) no casal: “É engraçado porque o que acontecia muito era nós... entrávamos em discussão ou em discórdia, ah (...) e depois íamos para a discussão em grupo, e a coisa ficava muito mais nítida” (FA4). Ainda relativamente às conversas despoletadas, a maioria dos noivos referiu ter tido conversas acerca do conteúdo do programa, muitas vezes através dos *trabalhos para casa* (9), ou *contrastar perspetivas acerca do programa* (14) “depois de sairmos de lá, estivemos horas os dois à conversa sobre aquilo que se tinha passado... E saímos os dois super entusiasmados, a falar imenso, durante não sei quanto tempo” (FA4). Este contraste de perspetivas incidiu sobre os temas abordados, formato e aspetos positivos ou negativos, sendo de salientar a adaptação do conteúdo da reunião para o caso concreto do casal “saímos daqui e comentávamos sempre o que é que nós achávamos e também para o nosso caso específico” (FC9). Na maioria dos conteúdos, o casal apresentava à partida *perspetivas semelhantes* (6).

A *união* (14) foi o segundo processo mais referido pelos noivos. Esta união surgiu associada à resolução de uma discórdia, às conversas proporcionadas, à abordagem de temas específicos (e.g. oração em casal), ao aprofundamento do conhecimento do noivo, ao tempo passado em casal ou ao programa no geral.

“houve momentos de partilha em que o MD15 escreveu coisas, ou leu coisas ou partilhou coisas que... que marcam, que tocam, que são boas de ouvir e que... depois nos fazem pegar e discutir este tema e depois ficamos mais próximos nesse tema” (FD15).

A *partilha de experiências* (12) foi considerada o aspeto mais positivo por 3 dos casais. Ocorre no âmbito da *construção de um espaço de partilha* (5) entre todos os casais e dá-se através de três processos: *aprendizagens com o testemunho de casais mais velhos* (13), *identificação com outros casais* (10) e *união do casal pelo contraste com outros* (4). Relativamente ao primeiro, os casais mais velhos são vistos como figuras experientes, cujo testemunho “dá o mote” (FC11) para pensar e conversar acerca de diversos temas, partindo da história do casal (5): “é ouvir da experiência de outros, tentar aprender, tentar

preparar-nos já para os problemas que podem vir aí” (MC11). Por outro lado, a identificação de problemas semelhantes aos seus noutros casais parece facilitar a resolução de problemas no casal: “perceber que... se calhar há coisas que se passam na nossa relação e que se passam nas outras. Portanto nós não somos um caso isolado ah... e acho que isso para mim foi o mais importante...” (FB6) e criar um *sentido de validação* (5): “muitas vezes temos de nos proteger da nossa própria família (...) toda a gente tem noção disso, mas... mas legitimar isso, tipo dizer «podem fazer» foi uma coisa que me ajudou” (MA3). Dentro desta identificação, foi também encontrada uma *desmistificação de papéis* de género (3). No polo oposto, compreendeu-se que a *deteção de discórdia noutros casais pode constituir um fator de união para o casal* (4):

“Ah... a nossa perspetiva... de Deus na nossa relação... vivemos a espiritualidade de uma maneira muito semelhante. Ah... e... havia outros casais que não. E por isso, isso para nós acho que... permitiu-me perceber a riqueza que é conseguir viver a minha relação e... eu poder viver a minha espiritualidade com o MB6. Acho que isso foi... importante.” (FB6).

Apesar da importância atribuída à partilha de experiências entre todos os casais, o PPC também constitui um *momento de paragem a dois* (10). É um tempo que, em contraste com o período do *noivado* (7), que é agitado, stressante e focado em pormenores logísticos, serve para o casal parar e estar com o companheiro a pensar, a conversar e a *focar o essencial* (7): “é super importante fazer aquela paragenzinha pré-casamento de falar... de falarmos um com o outro sobre nós e sobre o casamento e vermos o que realmente é importante.” (FA4); “Nós, por acaso, na altura, estávamos a sofrer um bocadinho... ‘távamos a ser abafados pelas outras pessoas. Por causa do casamento em si, e a distribuição dos convites e tudo aquilo. E ‘távamos sem tempo para nós.” (FB8). Este tempo de paragem, apesar de ter benefícios imediatos para o casal, parece ser orientado para *preparar o futuro* (10) “acho que... ficámos mais preparados... para o que... para o que aí vem” (MC10). Isto é feito, por um lado, através de uma *antecipação de cenários e possibilidades* (6) “portanto vão discutir sobre este problema que pode surgir” (FC10); e, por outro, através de uma *preparação e consciencialização para dificuldades* (4) “o casamento nem sempre é cor-de-rosa” (MD12).

Estes programas parecem desempenhar um papel fundamental na *construção da identidade de casal* (10) “a partir de agora somos um, as decisões que tomarmos ficam

dos dois” (FD14); “Acho que nós ‘tamos um bocadinho a aprender a... tu estás-te a mexer e eu estou a aprender a mexer contigo” (FD15); e no *conhecimento do outro* (9). Este processo surgiu associado às conversas proporcionadas pelo programa, à antecipação de cenários e possibilidades e à vivência do programa em conjunto “sabemos e consolidamos imensas coisas de... ele é assim, eu sou assim. E por isso vamos inteiros... vamos com isto tudo para o casamento mas sabemos com o que é que vamos” (FD14). Associada ao conhecimento do outro, surgiu uma dimensão de *descoberta* em que os casais (5) relatam surpresa no conhecimento do outro e das suas perspetivas:

“Acho que foi... a cada sessão, a cada trabalho, a cada... perspetiva do outro que ouves e que te surpreende e «mas porque é que ele pensa isto? Mas porque é que ele achou que eu achava isto?» Mas... que engraçado nunca tinha visto este tema desta forma ou desta perspetiva” (FD15)

A *reflexão* (9) constitui um processo grandemente associado às conversas proporcionadas pelo programa “a partir do momento em que vamos começando a falar e sobre outras coisas e... sei lá... obriga-nos um bocado também a pensar sobre esses assuntos, que normalmente não acontece muito” (MA1). Conduz a um *aprofundamento* (7) de temas outrora abordados “ir muito mais a fundo que nós não... pelo menos nós os dois não íamos e... obrigou-nos a fazer esses exercícios de reflexão” (FD12).

Tanto a *reflexão*, como as *conversas proporcionadas pelo PPC* e o *tempo de paragem a dois* surgiram associados à *obrigação* (8), que se refere ao *ter* de falar, ou *ter* de refletir ou *ter* de parar devido à existência de um momento estipulado para esse efeito (que pode ser um fim-de-semana, reuniões espaçadas ou trabalhos de casa):

“Mesmo que aparecesse 50 perguntas para falar antes do casamento... se calhar podia ser adiado. Ou seja, depois falamos disso amanhã. Não é o mesmo «temos de falar agora porque daqui a dois dias temos o PPC e vamos ter que falar mesmo sobre este assunto.» Ou seja, obriga-nos a falar mesmo sobre o tema” (FB6)

Para 8 casais, mais do que uma novidade, o PPC constituiu uma *consolidação* (8), ilustrada pela metáfora apresentada pelo MA2:

“Foi... água (...) Porque... não, eu estava a pensar em algo que fosse... que fizesse parte da consolidação... e da agregação e pensei em cola ou em cimento ou assim. Mas pensei que não é... não é só por si aquilo que nos une... e por isso

disse água que é um dos elementos do cimento (...) por isso, em parte, contribuiu para esta consolidação (...) Acho que é por ser parte daquilo que nós usamos para consolidar... esta decisão”.

Além disso, o PPC *deixou sementes* (8) cujos frutos se verão mais tarde “vale a pena porque deixa lá a semente para se pensar em coisas que... que mais tarde vão surgir. E que... é melhor pensá-las antes de surgirem da pior maneira” (FA2) e gerou *aceitação* (8) de realidades, características e fragilidades, a qual surgiu associada ao *aprofundamento do conhecimento mútuo* e à *reflexão*:

“Perceber que os outros também olham para a fecundidade como não só o facto de podermos ou não ter filhos... nos ajudou muito a perceber que... aconteça o que acontecer connosco (...) as pessoas não vão olhar para nós, sei lá, se não tivermos filhos como uns coitadinhos que não podem ter filhos. Não! Mas que veem em nós outros... outros tipos de fecundidade por outras coisas.” (FB7)

Do mesmo modo, a participação num programa de preparação para o casamento despoletou o desejo de aprofundar e desenvolver uma *espiritualidade a dois* (7) “Eu acho que lá... não é que nos tenha unido para... o resto da vida. Mas lá, na altura, era o pararmos e rezarmos. Começarmos por rezar” (FD14).

Com menor frequência, foram referidos como processos o *conhecer e decidir-se pelo casamento católico* (5) [“eu acho que até pode ser uma altura certa para desistir para quem não esteja mesmo nisto para... para... um casamento católico” (MC11)]; os *processos individuais* (5) [“ajuda talvez também um bocadinho, se calhar individualmente trabalhares um bocadinho para o conjunto do casal” (FB5)]; o *desejo de ser casal formador* (4); o *despoletar o envolvimento em grupos* (3) e a *desdramatização* (1).

Para além dos processos imediatos despoletados pelo PPC, 10 casais referiram que o programa lhes deu, sobretudo, *ferramentas* para serem usadas mais tarde. Correspondem às aprendizagens ou frutos que levam consigo. Estas ferramentas tomam a forma de *valores* (14), como sejam *respeito* (6), *cedência* (5), *compromisso* (3), *entrega* (3), ou *comunhão* (3). Do mesmo modo, a *comunicação e diálogo* (13) constituem uma ferramenta central desenvolvida no PPC, seja pelo desenvolvimento da importância da comunicação ou pela aquisição de estratégias “se calhar... algumas técnicas que fomos desenvolvendo para comunicar melhor, para... falar e discutir melhor os vários problemas.”

(MB6). Também a *oração em casal e vida espiritual conjunta* (13) foram ferramentas frequentemente referidas. O PPC parece contribuir para a desmistificação e concretização da vivência da espiritualidade em casal “Não é tipo «ah sim, Deus vai ‘tar muito presente», tipo aquela lenga-lenga que nós já sabemos mas... concretamente, nós vamos... rezar antes das refeições, nós vamos... rezar juntos.” (FD13). Do mesmo modo, o *aprofundamento do conhecimento mútuo* (10) foi referido por mais de metade dos casais: “saímos de lá muito mais unidos... muito mais a vermos a perspetiva um do outro... ah, percebermos as fragilidades um do outro e a querermos melhorar as coisas que... as próprias fragilidades” (FA4). Com menor frequência, surgiram a *importância de dar tempo ao casal* (7) [“Ou seja, o que descobrimos, sim, num dos temas, é que deveríamos ter mais tempo para nós os dois. Só para nós, esquecer um bocado os outros” (MB8)]; a *preparação da construção de família* (7), que integra a parentalidade social [“nem é o adotar mas é mesmo esta questão da... da parte social que é tu dares, como não consegues ter filhos, tu dares aquele espaço que supostamente seria ocupado por teres filhos, à sociedade.” (MB5)]; a *relação com terceiros* (6) [“não deixar que... que pessoas externas, seja família seja outros, interfiram tanto” (MA3)]; o *amor como decisão* (4); o *amor nas coisas pequenas* (4); a *atenção ao outro* (3) e a *reflexividade* (1).

Os processos despoletados pelo PPC e as ferramentas adquiridas têm um impacto na *relação* (7) que parece ser moderado, sendo que, de 0 a 10, os homens atribuíram uma pontuação média de 6.5, e as mulheres 6.2. Em 60% dos casais, os homens atribuíram uma pontuação mais elevada que as mulheres. Nos restantes, atribuíram o mesmo valor. Relativamente aos *impedimentos a um maior impacto do programa* (9), 8 referiram que estes estão relacionados com o casal, “Nós somos assim, já... já temos as coisas muito formatadas.”(FB8), e 1 casal referiu que o programa teria tido maior impacto se fosse mais extenso.

Todos os casais afirmaram que aquilo que levam do PPC continuará a estar presente nas suas vidas *daqui a 5 anos*, seja pela vivência real dos temas abordados, pela recordação do que foi dito ou pela utilização de técnicas aprendidas no programa. Dos 15 casais, 8 referiram que o impacto dos frutos do programa iria ter um *crescimento gradual* no lugar de um impacto imediato “Eu acho que são ferramentas, lá está, portanto... não muda assim... e as coisas não mudam de um dia para o outro. Tem que haver uma mudança... gradual” (FB6).

“Eu acho que... melhorou. Mas também ainda tem muita coisa para melhorar e acho que, até muito na nossa vivência do dia-a-dia, quando começarmos a... quando casarmos e começarmos a viver juntos (...) aí vai ter um impacto muito maior do que tem agora mas já teve um impacto muito grande” (FB6)

Propostas

Em relação às *propostas* (15) que foram surgindo ao longo das entrevistas, estas organizaram-se em torno de 10 pontos centrais. Aquele que foi referido com mais frequência refere-se a um *aumento do tempo do PPC* (6), seja pela adição de um fim-de-semana, de um dia ou simplesmente de mais reuniões: “Porque eu acho que dava pano para mangas estarmos a... precisávamos de mais tempo para falar. Sobre esses temas” (FA3). O número *reduzido* de reuniões surgiu como aspeto mais negativo do programa em 4 casais: “Ai... ter sido pouco tempo!” (FD13); “Termos tido poucas reuniões... adorava ter tido mais!” (FD14).

Mais partilha (5) e *aprofundamento espiritual* (5) surgiram em segundo lugar na lista de propostas. A primeira sugere que seja dado mais espaço aos noivos para terem um papel mais ativo no programa “talvez o... não surgia muito discussões entre nós. Ou seja, era muito de... de o casal que ‘tava a expor o tema de partilhar... mas não de entre nós dialogar” (FC10); “se calhar, fazer grupos mais pequenos dentro do grupo grande, para que as pessoas também possam falar mais (...) tentar estimular um bocadinho mais isso, a partilha e o diálogo” (FC11). Em relação ao segundo, 5 casais sugeriram que houvesse um aprofundamento da componente espiritual do programa “Aprofundar um bocadinho mais... ah... o que é que... todos aqueles temas que falámos têm a ver com a fê.” (FB7).

Foi também sugerido um *acompanhamento após o programa* (4) e um *acompanhamento mais individualizado* (4), concretizado numa conversa individual com o Padre ou com os casais formadores.

“Eu acho que estes cursos, principalmente os que são de um fim-de-semana, caem no erro de... então vá, agora ‘tamos aqui um fim-de-semana, todos juntos, e vocês levam aqui uma injeção e esta injeção tem de durar o resto da vida” (FD12).

Por fim, foi sugerido que a *preparação comece no namoro* (2), que seja *incluída experiência de outros casais* (2) no contexto individualizado, a inclusão de *mais dinâmicas* (2) que estimulem um aprofundamento do tema, *mais tempo em casal* (2) e momentos de *reflexão individual* (1) prévios à reflexão em casal.

Processos despoletados pela própria entrevista

As entrevistas foram marcadas por *interações positivas do casal* (7), tendo existido momentos de comunhão e descoberta de perspectivas um do outro “FA4: ‘Tava a pensar nisso também (...) MA4: Ai tão fofinhos. FA4: Somos muito fofos (risos) MA4: Isto não é sempre assim!’ ou “FD14: Nunca tínhamos falado disso. MD14: Muito querida!”. Para dois casais, a *entrevista* constituiu um momento de casal muito positivo:

“Eu acho isto uma coisa... mesmo super interessante e super bom para o casal. O pararmos para pensar e para nos lembrarmos do que falámos e do que foi mais importante acho que é mesmo muito bom e foi mesmo muito bom para nós” (FD13)

Grounded Theory - À conversa no Olho do Furacão

Disposição, abertura e motivações / Contraste expectativas-realidade / Público-alvo

Inscrevemo-nos num programa de preparação para o casamento porque quisemos, “Eu acho que não sentimos muito essa imposição. Eu acho que nós queríamos mesmo fazer” (MB6), mas há quem se inscreva porque é obrigatório apresentar o certificado da preparação. “Foi uma coisa que fizemos, foi um tempo que passámos (...) que estabelecemos para nós e quisemos vivê-lo” (FA4) “E... e acabou por ser um momento, realmente, de reflexão a dois” (MD12). E tem graça, agora contrastando as nossas expectativas com o que aquilo foi na realidade, “porque nós não fazíamos ideia do que era. E tínhamos se calhar uma ideia completamente errada... E foi isso que nos surpreendeu” (MB8). Fomos para lá a achar “que ia ser uma seca ou... que iam só falar de Deus ou... (FB8) Da Igreja...” (MB8), mas não! “Qualquer pessoa, seja católica ou não, tem muito muito a ganhar com... com os exercícios que são propostos” (FD14). Mas depois também depende, não é? Há alguns fatores que têm impacto no que se pode tirar dali... “nós já namoramos há muitos anos por isso a maior parte das situações que abordámos

no curso já tínhamos passado inúmeras vezes por elas.” (FB5), ou casais que já vivem juntos... “quem já vive junto, aquilo muitas das coisas tu passas” (MB5), ou então a experiência de ter tido grupos de namorados “ou seja, a experiência a viver em casal com outros casais não foi a primeira vez que nós tivemos... muitos dos temas... nós já tínhamos falado noutros... ah... contextos, não é?” (FC11). Mas... “o meu conselho para qualquer casal, independentemente da situação, seria participar.” (MB6).

Processos despoletados pelos PPC

O PPC constitui um tempo de paragem a dois, de focar o essencial no meio de um noivado agitado, sem tempo para o casal e focado em “tudo o que é fútil” (FA4). Ficar noivo “é uma emoção enorme. De repente, a pessoa fica noiva e é tudo «Uau!» e toda a gente à nossa volta a dizer «Parabéns!» ... e às tantas damos por nós e ‘tamos... num patamar em que não conseguimos ‘tar bem de pés na terra, não é?” (FC9) E a verdade é que “(...) é facilímo focarmos o noivado em... pormenores logísticos de... como é que vai correr o casamento, e qual é que é o serviço...” (FD14) “Ainda para mais é uma fase em que nós andamos... sempre a mil... ‘tá toda a gente sempre a correr porque o casamento é um stress e na na na na na... e portanto é uma hora ou duas horas em que nós paramos e que pensamos sobre coisas que nós às vezes damos por adquiridas” (FD12). “Mas há outra coisa muito valiosa que é... eu acho que... o tempo de noivado é um tempo que... que é tudo a correr! Passa... a correr. E (...) eu sinto... mais que... o PPC (...) foi um... oásis mas porque estávamos ali num momento muito turbulento e... era sempre um período de acalma, ‘tás a ver? Era o olho do furacão” (MD14).

E nesse olho do furacão, todos nós, noivos, concordamos que o que mais aconteceu foi o proporcionar conversas. Aquilo é “(...) um tempo de... para falar sobre assuntos que normalmente não... se fala”(FB6), “acho que o PPC nos apresenta de uma forma estruturada vários temas que é importante serem levantados e serem discutidos e serem pensados”(MA2). E depois “estamos aqui, não podemos sair daqui, este tempo é para isto” (MA4), é quase como se houvesse uma obrigação de termos este momento para parar, refletir e conversar.

Estas conversas, muitas vezes, vão trazer temas novos, “houve ali temas que nunca, que jamais, há 11 anos [de namoro]... nunca falámos sobre isso...” (MC10). Diria até que o aspeto mais positivo “(...) foi essa parte do falar de... das coisas que às vezes

passam completamente ao lado” (FA3). Outras vezes, estas conversas vão despoletar temas que já tinham sido falados. “Nós por acaso falamos imenso um com o outro e portanto a maior parte destes temas já foram sendo falados” (MD15), “às vezes o que eu senti foi que nos voltou a fazer falar (...) de coisas que... ou ele ou eu não ‘távamos ali a 100%’ (FB5). E a verdade é que no meio de todas as conversas, aquilo chega até a gerar discórdia, “nós não somos iguais e... ah... ser casal também é conciliar o que nós sentimos e o que nós achamos sobre as várias coisas. E houve temas que nós não estávamos muito de acordo e... pronto, gerou alguma discussão” (MB6), mas “nunca era uma discussão muito grande” (FA4).

Outro aspeto muito marcante foi a partilha de experiências que se gerou entre todos, “ouve outros pontos de vista, conheces outras personalidades, acho que isso depois também te ajuda (...)”(MB5)... e a identificação com outros casais que se gera da partilha faz-nos perceber que “aquilo que a gente pensa que só acontece connosco, afinal acontece com toda a gente!” (MB8). Mas... diria, mais do que tudo isso, não me canso de recordar os “casalões”... a oportunidade de aprender com o seu testemunho... eu “vou-me sempre lembrar do exemplo que passaram enquanto casal, tanto com as coisas boas como com as más...” (FC10). Foi realmente importante para “percebermos como é que se vive... como é que um casal católico vive passado 10, 20, 30, 40 anos de ser casado e quais é que são as dificuldades, as alegrias, a forma como gerem os conflitos...” (MC11). “E o facto de termos pessoas que falem-nos sobre isso, também nos dá um bocadinho o mote para nós depois também... em casa... discutirmos esses temas” (FC11).

Este programa permitiu-nos mesmo... preparar o futuro, “foi mesmo orientado... àquilo que vinha para a frente” (MD12) e “eu acho que... que ajuda muito a responder à pergunta «O que é que nós vamos fazer?»”(FA2). Numa metáfora?... “é um soldado a... a preparar-se, ou seja, a pôr as munições nos bolsos, na... a preparar a espingarda... e pronto, a ir” (MD13). A ir... e a “perceber que daqui para a frente, o que conta somos nós (...) E... nós temos de tratar de fazer a nossa individualidade, deixar um bocadinho as raízes que temos com as nossas famílias (...) para criar raízes com o futuro marido. Portanto, acho que desde então que andamos muito mais a conseguir procurar a nossa individualidade como casal. Quem é que nós somos.” (FA4). E a experiência do PPC de facto contribui para construir essa identidade de casal, e não só... Sabem aquele candeeiro, que aparece no princípio dos filmes? “Eu acho que isto é mais o candeeiro da Pixar. No sentido em que o candeeiro da Pixar numa sala... já iluminada mas tipo... cuja iluminação

não apanha todos os cantos... Estas reuniões foram um bocado tipo... a luz que vai um bocadinho mais além da luz que já existia” (MD15), foram mesmo importantes para conhecer o outro.

Diria que uma das coisas mais importantes é que não saímos daqui vazios, levamos ferramentas! O PPC é “... assim um armário com umas gavetinhas, onde eu sei que há tudo e quando eu preciso vou lá e abro” (FB7), e dentro destas gavetinhas não tenho dúvidas que a gaveta maior é a da comunicação. Tem “...técnicas para saber como é que podemos falar melhor um com o outro e entender melhor o outro”(FD15) e tem sobretudo a “importância da comunicação”(MA1). A gaveta do lado está cheia de valores, e depois há mais três que levamos cheias... uma contém desmistificações e concretizações de uma oração em casal e de uma vida espiritual conjunta, outra tem um conhecimento muito mais aprofundado do outro, porque “vais muito mais... ah... com muito mais informação para o casamento. Vais... vais consciente daquilo que... daquilo para o que vais. Vais consciente de quem é a outra pessoa, vais consciente de ti”(FD14). E há mais uma, e essa não podemos mesmo deixar fechada, que tem a importância de dar tempo ao casal, “sentimos que, realmente, temos... de guardar tempo um para o outro (...) tem mesmo de se preparar o cenário para estas conversas acontecerem.” (FA2).

E quando o programa acaba, lá vamos nós. Numa mão, levamos esta caixa de ferramentas “que vamos usar... quando estivermos casados”(MC9). A outra mão... essa levamo-la dada. Este programa foi, para nós, fonte de união “saímos de lá muito mais unidos. Foi muito... muito mais unidos, muito mais a vermos a perspetiva um do outro...”(FA4).

E estas coisas todas têm impacto em nós, “não foi uma coisa tipo... extraordi... tipo nós ‘távamos péssimos e aquilo salvou-nos” (FD13), mas “ajudou-nos em muitas coisas” (MA4). Agora “se calhar com o tempo e à medida que as coisas vão surgindo... aí acho que vamos mudando” (MA1)... “Tem que haver uma mudança... gradual” (FB6). Até é engraçado porque ele era “o mais cético em relação à situação” (MA4), e no final os homens parecem sentir que o programa teve mais impacto do que as mulheres.

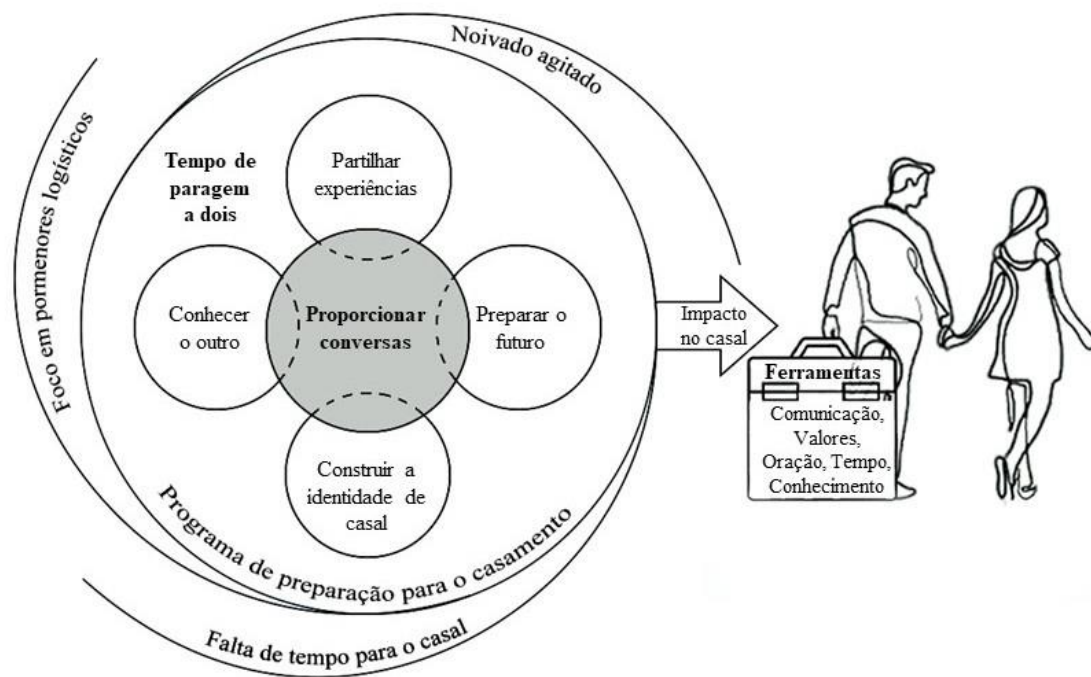


Figura 2. Diagrama ilustrativo da *Grounded Theory À Conversa no Olho do Furacão*. A circunferência exterior ilustra o noivado enquanto furacão (como referido metaforicamente pelo MD14), com três *braços* que correspondem às principais características identificadas para este período. O interior da circunferência, o olho do furacão, corresponde ao PPC, que é um tempo de paragem a dois onde as conversas são o centro de todos os outros processos. O impacto do programa no casal dá-se pelas ferramentas adquiridas, e pela união gerada, representada pela mão dada.

Análise estatística

Estatística descritiva

Relativamente aos resultados obtidos através da aplicação do “Oklahoma Clergy Involvement in Marriage Preparation” (Wilmoth, 2005), estes possibilitaram uma caracterização dos PPC realizados em contexto nacional do ponto de vista dos Padres. No que concerne às componentes requeridas, em média, estas eram “Por vezes requeridas” ($M=1,80$; $DP=0,40$). Aquela que era requerida com mais frequência correspondia às reuniões com o Padre ($M=3,48$; $DP=1,12$), seguida das sessões em grupo ($M=2,68$; $DP=1,64$) e dos trabalhos para casa ($M=2,61$; $DP=1,63$). A componente menos requerida era o inventário pré-conjugal ($M=0,58$; $DP=1,31$). Um resumo detalhado das respostas é apresentado no Quadro F1 (Apêndice F). Quando era requerido um tempo de espera até

ao casamento, este correspondia, em média a 5 meses ($M=4,7$; $DP=2,36$). Quando eram requeridos trabalhos para casa, eram pedidas, em média, 6 tarefas ($M=5,79$; $DP=4,23$) e quando existiam encontros após o casamento, era geralmente 1 encontro ($M=1,20$; $DP=0,45$) e ocorria 4 meses após o casamento ($M=4,2$; $DP=4,51$).

Em média, os participantes estavam “Bastante satisfeitos” com o modo como abordavam os conteúdos apresentados ($M=2,91$; $DP=0,95$). A cerimónia do casamento foi identificada como tópico com o qual os padres estavam mais satisfeitos ($M=3,42$; $DP=0,67$), seguida do compromisso ($M=3,35$; $DP=0,66$), crianças/parentalidade ($M=3,26$; $DP=0,68$), dimensões espirituais ($M=3,10$; $DP=0,75$), comunicação ($M=3,10$; $DP=0,87$) e relação com Deus ($M=3,10$; $DP=1,01$). Os assuntos legais apresentaram a média de satisfação mais baixa ($M=2,1$; $DP=1,08$). Os resultados relativos aos conteúdos estão detalhados no Quadro F2.

De modo geral, os fatores de risco foram considerados “*Bastante importantes*” ($M=2,87$; $DP=0,65$). O fator entendido como mais relevante foi o abuso sexual ($M=3,77$; $DP=0,5$), seguido do abuso de substâncias ($M=3,74$; $DP=0,45$), abuso verbal ou emocional ($M=3,68$; $DP=0,59$), abuso físico ($M=3,68$, $DP=0,60$) e expectativas irrealistas ($M=3,61$; $DP=0,72$). O nível educativo limitado ($M=1,9$; $DP=1,04$) foi considerado o menos relevante. No Quadro F3 consta uma ordenação detalhada dos fatores de risco.

Em média, os participantes “*Geralmente discordaram*” com os constrangimentos apresentados ($M=3,37$; $DP=1,61$). O item que surgiu como maior obstáculo corresponde à afirmação “Demasiados casais continuam a ter problemas após a preparação para o casamento” ($M=5,03$; $DP=1,96$), seguido de “Os casais estão tão focados no casamento que não conseguem focar-se na preparação do mesmo” ($M=4,55$; $DP=2,05$). Aquele que surgiu como menos relevante corresponde à afirmação “Não estou convencido de que este tipo de programas seja muito eficaz” ($M=2,26$; $DP=1,55$). A totalidade dos constrangimentos encontra-se listada por ordem decrescente de importância no Quadro F4.

Os participantes tenderam a concordar com as afirmações relativas ao valor e eficácia dos PPCs fornecidos ($M=6,86$; $DP=0,43$). Consideraram que os Padres devem estar envolvidos na preparação de noivos para o casamento ($M=7,77$; $DP=0,68$) e que existe uma margem de melhoria na eficácia dos PPC ($M=7,33$; $DP=0,84$). A afirmação com a qual os Padres menos concordaram foi: “Penso que, de um modo global, faço um bom trabalho na preparação de casais para o casamento” ($M=5,80$; $DP=1,35$). A totalidade

das afirmações encontra-se apresentada, por ordem decrescente de concordância, no Quadro F5. Relativamente às áreas nas quais os padres sentiram maior necessidade de formação, as mais referidas foram psicologia (5), resolução de conflitos e problemas (5), planeamento familiar e infertilidade (4), relação humana (3) e comunicação (2).

Em relação à *eficácia* percebida, os padres demonstraram-se bastante satisfeitos com os PPC fornecidos ($M=7,32$; $DP=1,17$). Comparativamente com os últimos 5 anos, indicaram que, atualmente, se percecionavam como *um pouco* mais eficazes e atribuíam *um pouco* mais importância aos PPC do que no passado ($M=3,82$; $DP=,69$). As frequências e percentagens obtidas encontram-se detalhas no Quadro F6. Por fim, os Padres mostram-se moderadamente abertos à receção de formação externa ($M=4,90$; $SD=0,49$). No entanto, a baixa consistência interna desta escala não permite um elevado nível de confiança neste resultado.

Análise de correlações

Em linha com os objetivos específicos do estudo quantitativo supracitados, foram realizadas correlações entre as principais escalas e sub-escalas que constituem o questionário (cujo $\alpha>,5$; Nunnally, 1967; cit. por Streiner, 2003) através de um coeficiente de correlação Pearson¹⁰. Nestas correlações foi também incluída a idade por ser considerado um dado sócio-demográfico de interesse. Os resultados obtidos revelam que existem algumas correlações significativas entre as variáveis em estudo (Quadro 2).

¹⁰ Previamente à análise, foi realizada uma análise preliminar de modo a garantir que não existia nenhuma violação das suposições de normalidade, linearidade ou homocedasticidade.

Quadro 2

Correlações entre as principais variáveis em estudo

	Eficácia	Constrangimentos	Requisitos	Fatores de risco	Abertura ao treino	Idade
Eficácia	-	-,448*	,381*	,455*	-,222	-,021
Constrangimentos		-	-,113	-,265	,463*	-,096
Requisitos			-	,410*	,024	-,401*
Fatores de risco				-	-,330	,091
Abertura ao treino					-	-,562**
Idade						-

Nota. * $p < 0,05$ (2 Sig.); ** $p < 0,01$ (2 Sig.)

Mais concretamente, foi encontrada uma correlação negativa moderada¹¹ entre a eficácia percebida e os constrangimentos identificados, uma correlação positiva moderada entre a eficácia percebida e as componentes requeridas e uma correlação positiva forte entre a eficácia percebida e os fatores de risco considerados. Foi também encontrada uma correlação positiva moderada entre os fatores de risco e as componentes requeridas e uma correlação negativa moderada entre a idade e as componentes requeridas. Por fim, a abertura ao treino revelou uma associação positiva moderada com os constrangimentos identificados e uma associação negativa forte com a idade.

Comparações entre grupos

Com o intuito de identificar diferenças entre grupos nas variáveis em estudo, foram realizadas análises de variância um fator (ANOVA). Assim, foram comparados os diferentes formatos, número de reuniões, equipa formadora e esquema de reuniões nas variáveis satisfação com os conteúdos abordados, constrangimentos identificados, percepção de fatores de risco, abertura ao treino e eficácia percebida.

¹¹ Foram utilizados os critérios de dimensão de correlação de Cohen (1988)

Apenas foram encontradas diferenças entre grupos a nível da abertura ao treino, mais concretamente entre os diferentes formatos [$F(2,27)=7,037; p=0,003$] e entre diferentes equipas formadoras [$F(2,27)=7,156; p<0,003$]. Comparações post-hoc utilizando o teste Tukey HSD indicam que a média do grupo Individualizado ($M=6,3; DP=,622$) é significativamente diferente da média do grupo Combinado ($M=4,8; DP=,71$) e da média do formato Grupo ($M=4,55; DP=,973$). O tamanho do efeito, segundo Cohen (1988) é grande ($\eta^2=0,34$). Relativamente à equipa formadora, quando a equipa formadora é apenas constituída por um Padre ($M=6,3; DP=,622$), a abertura ao treino, por parte do Padre, é significativamente superior àquela existente quando as equipas formadoras são compostas apenas por Casais ($M=4,2; DP=,566$) ou Casais + Padre ($M=4,73; DP=0,848$). O tamanho do efeito é grande (Cohen, 1988) ($\eta^2=0,3464$).

Discussão

À Conversa no Olho do furacão – Teoria explicativa dos processos relacionais subjacentes aos PPC religiosos em Portugal

Os PPC constituem um tempo de paragem a dois no âmbito de um período de noivado considerado agitado, sendo que a predisposição com que os casais encaram o PPC é fundamental. Este tempo parece ser, sobretudo, marcado pelas conversas em casal que são despoletadas e despoletam todos os outros processos, tais como a partilha de experiências (que se dá pelo testemunho dos casais mais velhos mas também pela identificação com casais noivos), a preparação do futuro, a construção da identidade do casal e o conhecimento do outro. No final, os casais levam consigo ferramentas que vão ser úteis na vida de casados, como técnicas de comunicação, valores, pistas para a concretização de uma vida espiritual conjunta, conhecimento aprofundado do parceiro e consciência do valor do tempo em casal. De um modo geral, estes programas são promotores de união no casal.

À conversa no Olho do furacão é a *Grounded Theory* que procura dar resposta aos objetivos propostos no âmbito do estudo qualitativo. Engloba uma compreensão e explicação dos processos relacionais subjacentes aos PPC, bem como expectativas, aprendizagens e impacto que estes têm nos casais. A sua elaboração na primeira pessoa pretende responder ao objetivo de “Dar voz aos noivos”. Interessa agora compreender de que modo se enquadra a teoria elaborada com a investigação existente.

Em primeiro lugar, é necessário contextualizar que os processos identificados ocorrem no âmbito do período de noivado, sobre o qual, para além de ser definido como um período stressante e frequentemente subvalorizado pelas pessoas próximas do casal, pouco se sabe (Messersmith, Kunkel, & Guthrie, 2015). No entanto, a agitação, stress e correria constantes, bem como a falta de tempo para o casal e foco em *futilidades* e *por-menores logísticos*, descritos pelos participantes entrevistados, convidam a um estudo aprofundado desta etapa, de modo a compreender com mais profundidade de que modo são vivenciadas as tarefas que lhe são inerentes (Rapoport, 1964). Nissinen (2000; p.5), à semelhança do que aqui foi encontrado, caracteriza o noivado como uma etapa marcada por sentimentos mistos, “uma combinação de excitação, stress, felicidade e confusão”. É neste contexto que a *grounded theory* elaborada utiliza, como metáfora, o *olho de um*

furacão, para explicar o modo como os casais interpretam os PPC. Este tempo de paragem a dois no qual são sobretudo despoletadas conversas dá origem ao nome *À conversa no olho do furacão*.

Vários autores têm apontado o tempo passado em casal com o intuito de promover a relação, por um lado como fator comum que explica os efeitos associados à educação relacional (Halford & Pepping, 2017) e, por outro, como o aspeto mais valorizado pelos casais relativamente a este tipo de programas (Burr et al., 2014; Williams et al., 1999). Isto indica, em conjunto com os resultados deste estudo, que, apesar dos aspetos estruturais serem relevantes (Murray, 2005; Hawkins, Carroll, Doherty, & Willoughby, 2004), as conversas em casal parecem ser o aspeto mais importante e *transformador* para os participantes, estando estas associadas a todos os outros processos, como o aprofundamento do conhecimento mútuo ou a preparação do futuro. Posto isto, independentemente do formato utilizado, estes momentos a dois devem estar sempre presentes (Williams et al., 1999).

Relativamente aos restantes processos encontrados, os noivos parecem valorizar especialmente o foco na preparação do futuro através não só da antecipação de cenários que podem surgir na vida de casados mas também, e à semelhança do referido por Monteiro (2014), pela consciencialização da inevitabilidade de momentos difíceis ou menos satisfatórios para um ou ambos os elementos do casal. Isto surge intrinsecamente associado à construção da identidade de casal, definida por Rapoport (1964) como uma das tarefas fundamentais do tempo de noivado, e que envolve a necessidade de estabelecer fronteiras entre o casal e as suas famílias (Bowen, 1976; Carter & McGoldrick, 1989), como verbalizaram os casais entrevistados. Estes processos, através das conversas a dois, são desencadeados e desencadeiam um aprofundamento do conhecimento do parceiro, processo considerado fundamental no âmbito da educação relacional (Burr et al., 2014; Scott et al., 2013). Surpreendentemente, até a partilha de experiências que se gera nas sessões parece *transformar* o casal na medida em que dá o mote para os temas sejam discutidos, novamente, a dois. No entanto, que não se pense que por isso este processo deixa de ser fundamental. Os casais mentores, à semelhança do que tem sido descrito na literatura (McManus, 2001; Sandstrom, 2004; Wages, 2003; Wilmoth & Smyser, 2012), têm um papel central na medida em que são vistos como figuras inspiradoras e encorajadoras através da partilha de recursos e experiências relacionais que nenhum Padre ou profissional está em posição de fazer. Por outro lado, a presença de casais na mesma etapa

do ciclo de vida constitui uma mais-valia pela identificação e sentido de validação gerados, como indicam também Burr e colaboradores (2014).

O impacto que estes programas têm nos casais parece dar-se, por um lado, através de um aumento do sentimento de união, possivelmente equiparável aos aumentos da satisfação relacional identificados por inúmeros autores através de estudos quantitativos (e.g. Hawkins et al., 2008). Por outro lado, os casais identificam o papel capacitador que estes programas têm pela aquisição de ferramentas. É sobre estas *ferramentas*, denominadas *competências* na maioria dos estudos quantitativos (Halford, 2011; Halford & Bodenmann, 2013; Hawkins et al., 2010), que a literatura mais se tem debruçado. Em linha com o que tem sido sugerido por estudos anteriores (Bodenmann, et al., 2009; Burr et al., 2014; Wadsworth & Markman, 2012), é na comunicação que os ganhos são mais consensuais, seja a nível de *sublinhar* a sua importância, seja pela aquisição de técnicas concretas, por exemplo, a nível da escuta. Do mesmo modo, em conformidade com os resultados do presente estudo, vários autores têm salientado o papel emergente de valores como a justiça, o respeito e o perdão no campo da educação relacional (Fincham, Stanley, & Beach, 2007; Fowers, 2000). Por outro lado, interessa referir que tanto a importância da oração em casal, como o conhecimento aprofundado do companheiro e a importância do tempo em casal têm sido corroboradas pela literatura (e.g. Lichter & Carmalt, 2009; Novak et al., 2018; Scott et al., 2013).

Para além dos processos relacionais despoletados, foram encontrados outros mecanismos que parecem deter poder explicativo acerca dos PPC. Em primeiro lugar, a predisposição com que o casal adereça o programa *determina* o que pode retirar do mesmo, à semelhança do que referiram Novak e colaboradores (2018), o que poderá ser um dado importante a considerar na decisão da obrigatoriedade destes programas. Em segundo, apesar dos casais entrevistados terem considerado que a componente espiritual dos PPC não constituía um impedimento à participação de casais não católicos, Burr e colaboradores (2014) referiram que o foco espiritual e religioso apenas é bem visto pelos casais nos quais esta componente já tinha um papel significativo na relação. Dado que a totalidade dos entrevistados do presente estudo se afirma crente, torna-se premente clarificar este resultado junto de casais não crentes que tenham participado em PPC religiosos. Por sua vez, são sugeridos alguns fatores que podem moderar o impacto dos PPC, tais como a duração do namoro, a coabitação prévia e a pertença anterior a grupos de promoção

relacional, como grupos de namorados. Na medida em que a coabitação prévia ao casamento é uma realidade crescente (Bumpass & Lu, 2000; Stanley, Whitton, & Markman, 2004), será necessário compreender de que modo é que esta variável modera o impacto do programa. Além disso, foi encontrada uma diferença de género, em que os homens consideraram que o programa teve mais impacto na relação do que as mulheres. Este resultado necessita de suporte empírico na medida em que não foi calculada a sua significância. No entanto, é contrário àquilo que tem sido proposto pela literatura (Hawkins et al., 2008; McGeorge & Carlson, 2006). Por fim, os participantes indicam que os PPC têm um impacto gradual na relação em vez de provocarem mudanças imediatas. Este dado é congruente com o que afirmam Wadsworth e Markman (2012) quando indicam que, contrariamente à terapia de casal, os programas preventivos podem durar anos ou mesmo décadas até produzir efeitos na relação.

Do outro lado dos PPC – o que dizem os Padres?

O estudo quantitativo pretendeu, por um lado, compreender a perspetiva global dos Padres face aos PPC e, por outro, explorar relações entre as variáveis estudadas. Os resultados indicam que, se de um lado temos noivos que fazem uma apreciação global positiva da experiência de participar num PPC, do outro temos Padres satisfeitos com o serviço fornecido. Os Padres, de um modo global, consideram as suas intervenções eficazes e valorizam este tipo de programas, tendo concordado especialmente com a afirmação relativa à sua envolvência na preparação de noivos para o casamento. No mesmo sentido, múltiplos autores (Glenn, 2005; Hawkins et al., 2004; Stahmann & Hiebert, 1997; Stanley et al., 2010; Wilmoth, 2015) têm salientado a posição privilegiada que os líderes religiosos ocupam e as vantagens que detêm sobre outros profissionais no âmbito do fornecimento de PPCs, tais como competência, acesso a casais, crença no valor do casamento, tradição educacional forte, existência de uma instituição que serve como base de operações e, inclusivamente, de instalações. Isto sugere que, por um lado, os Padres querem manter-se envolvidos no fornecimento de PPC e, por outro, a investigação *aprova* este envolvimento.

À semelhança daquilo que foi encontrado por Wilmoth (2005) no Oklahoma, os Padres não identificam constrangimentos major ao fornecimento de PPC, não tendo sido possível compreender o tipo de constrangimentos mais relevantes devido à reduzida consistência interna das sub-escalas (Nunnally & Bernstein, 1994; Wilmoth, 2005). No que

concerne aos fatores de risco, os padres portugueses parecem considerá-los, de modo global, menos relevantes do que seria esperado, comparativamente com os clérigos do Oklahoma (Wilmoth, 2005). Apesar de haver consenso intercontinental relativamente ao elevado impacto do abuso sexual e de substâncias, e ao reduzido impacto do nível educativo na vivência da conjugalidade, os padres portugueses parecem dar mais importância às experiências de abuso e às características pessoais distintas e menos importância à disparidade de valores e crenças, comparativamente com os clérigos do Oklahoma (Wilmoth, 2005). A coabitação prévia ao casamento parece ser, também, mais desvalorizada pelos Padres portugueses do que pelos americanos. Segundo Hawkins e colaboradores (2004), tendo os casais coabitantes maior probabilidade de divórcio (Rhoades, Stanley, & Markman, 2009; Stanley et al., 2010) estes podem ser aqueles que mais beneficiam da participação em programas deste âmbito (Rhoades, Stanley, Markman, & Allen, 2015). Assim sendo, uma atitude de despenalização da coabitação prévia ao casamento por parte dos Padres pode levar a que mais casais coabitantes beneficiem dos PPC.

No que concerne às associações encontradas, os resultados indicam que os Padres que identificam mais constrangimentos ao fornecimento de PPC consideram os seus programas menos eficazes. Esta associação apoia a teoria dos constrangimentos de Breunlin (1999), segundo a qual a complexidade e cumulação de obstáculos constitui o principal preditor da capacidade de resolver um problema. A boa notícia é que, apesar de não ter sido encontrada uma associação significativa entre eficácia e abertura ao treino, são os Padres que identificam mais constrangimentos que estão mais dispostos a receber formação. Importa, portanto, garantir que esta formação vai ao encontro dos fatores que estão a constrangir o fornecimento eficaz de PPC. Por sua vez, a constatação de uma associação forte entre idade e abertura ao treino indica que quanto mais jovens os Padres são, mais dispostos estão a receber formação no âmbito da preparação para o casamento, nomeadamente nos domínios da psicologia, comunicação, resolução de conflitos e planeamento familiar.

Por outro lado, quanto mais relevantes são considerados os fatores de risco, mais componentes são requeridas e maior é a eficácia percebida. Poderá ser colocada a hipótese de que, quanto mais conscientes os Padres estão do impacto que os fatores de risco podem ter no casal, mais exigentes são na preparação realizada (por exemplo, através da inclusão de mais componentes) e, consequentemente, mais eficazes se sentem. Bandura (1977), na sua teoria de auto-eficácia, identifica o impacto que as crenças acerca da eficácia têm no

desempenho de determinada atividade. Mais especificamente, os indivíduos têm maior probabilidade de se envolverem numa tarefa quando se percebem como capazes de ter sucesso na sua realização (Omrod, 2004). Com base na hipótese acima proposta e na premissa de Bandura (1977), é proposto que seja promovida, junto dos Padres, a tomada de consciência do impacto que certos fatores podem ter na vivência da conjugalidade. Deste modo, através do aumento das componentes exigidas, será alcançada uma maior eficácia percebida que, por sua vez, conduzirá a um maior envolvimento na preparação de noivos para o casamento.

Por fim, à semelhança do que foi encontrado no estudo qualitativo, a qualidade global do programa não depende do formato utilizado, do número de sessões, do tipo de programa, da equipa formadora ou do esquema de reuniões, como referido também por Hawkins e colaboradores (2012). Quando comparados os grupos, apenas foram encontradas diferenças significativas relativas à abertura ao treino. Estas apenas indicam que, quando os Padres desempenham papéis mais ativos nos programas, nomeadamente no formato individualizado ou quando são o único elemento da equipa formadora, estes demonstram maior abertura para receber formação.

Um ponto-de-situação: em que consistem os PPC em Portugal?

O objetivo de descrever e comparar elementos estruturais dos diferentes contextos, tais como formato e conteúdos, foi cumprido com a colaboração de noivos e Padres.

No que concerne ao número de horas, os programas aqui estudados parecem ir ao encontro das recomendações da literatura que sugerem que um intervalo de 9 a 20 horas corresponde à janela de compromisso necessária para gerar efeitos (Halford & Bodenmann, 2013; Hawkins et al., 2008; Hawkins et al., 2012). Além disso, enquanto os clérigos americanos fornecem, em média, três sessões de 30 a 90 minutos cada (Wilmoth, 2005), os Padres portugueses realizam em média sete reuniões de 60 minutos, dosagem que se encontra dentro daquilo que foi sugerido por Wilmoth e Smyser (2012) para os clérigos do Oklahoma. Também nos trabalhos de casa os Padres portugueses demonstram mais empenho do que os americanos, com uma diferença de seis para três tarefas, respetivamente (Wilmoth, 2005). Este método constitui um importante meio de reforçar os

conceitos abordados presencialmente, tanto em meio terapêutico como no âmbito da educação relacional (L'Abate, 1999; Wilmoth & Smyser, 2012). Não foi, no entanto, possível descrever ou determinar a apropriação das tarefas prescritas.

Relativamente ao esquema, enquanto os noivos parecem preferir reuniões espaçadas, os Padres dão preferência aos formatos mistos, que combinam reuniões com fins-de-semana. De acordo com Williams e colaboradores (1999), esta parece ser a solução ideal. Por outro lado, apesar da literatura apontar para uma preferência do formato individualizado por parte dos noivos (Silliman et al., 1992; Williams, 1992; Duncan & Wood, 2003; Tambling & Glenova, 2013), em Portugal, tanto Padres como casais parecem ver vantagens em ambos os formatos, algo que não é novidade dado o papel que o grupo pode desempenhar nas mudanças no funcionamento do casal (Owen et al., 2013). No entanto, o formato individualizado permite uma flexibilidade e adaptabilidade do programa a cada casal que, não só não foi encontrada no formato grupo, como está associada a uma maior eficácia dos programas (Halford & Bodenmann, 2013).

Em relação à equipa formadora, interessa salientar que as sessões em grupo e as sessões com casais mentores, que são as menos requeridas pelos clérigos do Oklahoma (Wilmoth, 2005; Wilmoth & Smyser, 2012), ocupam em Portugal a segunda e terceira posições na lista das mais requeridas, respetivamente. Apesar de Williams e colaboradores (1999) indicarem que as reuniões individuais com o Padre são as preferidas dos casais, vários autores têm chamado a atenção para o papel único desempenhado por casais mentores na educação pré-conjugal (Barlow, 1999; McManus, 2001; Sanstrom, 2004; Wages, 2003). Aliás, metade dos casais cujo programa foi fornecido apenas por um Padre sugeriram a inserção de momentos de partilha com outros casais. Assim, os noivos portugueses reconhecem aspetos positivos tanto nos casais formadores, semelhantes aos que foram encontrados por Novak e colaboradores (2018), como nos Padres, cuja presença parece ser fundamental independentemente das circunstâncias.

Por fim, é necessário adereçar dois componentes cuja importância é inquestionável (Fournier, 1999; Giblin, 1996; Murray, 2005; Williams et al., 1999; Wilmoth & Smyser, 2012; Wilmoth, 2015): os inventários pré-conjugais e as sessões de follow-up. Relativamente aos primeiros, não há conhecimento da adaptação dos principais inventários, RELATE, FOCCUS e PREPARE (Busby et al., 2001; Markey & Micheletto, 1997; Olsen

et al., 1996), para a população portuguesa, apesar da literatura indicar, de modo consistente, os benefícios da aplicação deste tipo de instrumentos no início dos PPC (e.g. Larson et al., 2002). No que concerne às sessões de follow-up, estas são raramente requeridas e, segundo os noivos, fazem falta. Múltiplos autores têm chamado a atenção para a necessidade que os casais têm de mais ajuda para generalizar as competências aprendidas nos programas para o dia-a-dia (Hawkins et al., 2008; Murray, 2005). Scott e colaboradores (2013) indicam que 38,7% dos casais que tinham participado no PREP tiveram dificuldade em utilizar as competências aprendidas nas suas vidas diárias para além do programa.

Relativamente aos conteúdos abordados, o presente estudo traz boas e más notícias. Por um lado, alguns dos temas que têm sido considerados fundamentais (Russell & Lyster, 1992; Scott et al., 2013; Williams, 1992; Williams et al., 1999) parecem ser pouco abordados no contexto português. Falamos da carreira (Bradbury et al., 2000; Williams, 1992), da importância das expectativas e conhecimento das diferentes fases do casamento (Scott et al., 2013), da exploração de variáveis como a intimidade e paixão (Karney & Gauer, 2010) ou a amizade e diversão (Halford et al., 2003) e do investimento em variáveis e processos individuais (Monteiro, 2014).

Por outro, os programas estudados parecem incluir grande parte dos tópicos que têm sido recentemente propostos (Monteiro, 2014; Wilmoth, 2015), tais como a exploração das famílias de origem (Alarcão, 2006; Carter & McGoldrick, 1989; Relvas, 2006) e de características próprias e do parceiro (Veldorale-Brogan, Lambert, Fincham, & Dewall, 2013); a importância de valores como o perdão, a justiça ou o compromisso (Fowers, 2000; Halford et al., 2003; Hahlweg & Richter, 2010); a promoção de princípios subjacentes a uma atitude de construção e manutenção da relação, como a exploração das linguagens e manifestações do amor (Bradbury & Lavner, 2012), a proteção dos momentos em casal e a exploração da história da relação (Carrere, Buehlman, Gottman, Coan, & Ruckstuhl, 2000; Monteiro, 2014) ou ainda dimensões da vida prática, como as dificuldades na gestão do tempo ou a gestão financeira (Halley, Durband, Bailey, & Gustafson, 2016; Monteiro, 2014). Além destes, a importância atribuída aos tópicos relativos às componentes espirituais, tanto pelos Padres como pelos noivos, pode ser um preditor muito favorável (Mahoney, Pargament, Tarakeshwar, & Swank, 2001), na medida em que a partilha de crenças e atividades religiosas contribui para a satisfação e estabilidade conjugais (Heaton & Pratt, 1990; Lichter & Carmalt, 2009).

A surpresa, quando comparados os resultados obtidos com Wilmoth (2005), assenta no protagonismo do tema crianças e parentalidade do ponto de vista dos Padres. No estudo original, este tópico surge perto do final da lista. Pelo contrário, o contexto português parece prestar-se a este tema, com Padres e noivos a colocá-lo no início da lista. Este foco na parentalidade surge muito associado à preparação do futuro, como também já tinha sido referido por Monteiro (2014). Os casais portugueses referem, sobretudo, a gestão da envolvimento das famílias de origem na educação dos filhos e a gestão de relações dentro da nova família.

Limitações da presente investigação

A presente investigação apresenta várias limitações, as quais devem ser tidas em conta na interpretação dos resultados encontrados.

Relativamente ao estudo com os noivos, a utilização de uma metodologia qualitativa, guiada por um paradigma interpretativo-construtivista, implica que os processos de recolha, análise e discussão dos resultados estejam expostos à subjetividade do investigador (Charmaz, 2006). Com o intuito de colmatar os riscos de enviesamento, recorreu-se à supervisão por um investigador sénior e à utilização de um diário de bordo onde foram sendo anotados possíveis estereótipos com o intuito de, após tomada de consciência dos mesmos, os contrariar. No mesmo sentido, é necessário considerar que a teoria que emergiu da análise temática corresponde a uma simplificação de experiências que são distintas e variadas. Apesar de ser, de certa forma, reducionista, importa recordar que todas as reivindicações de conhecimento têm limites na representação da experiência (Charmaz, 2006; Novak et al., 2018). Além disso, o carácter transversal e qualitativo deste estudo não permite, por um lado, acompanhar o casal de modo a compreender o impacto real do PPC ao longo do tempo e, por outro, impede a possibilidade de generalizar os ganhos associados aos PPC.

Relativamente ao estudo quantitativo, em primeiro lugar, a utilização de um questionário não validado para a população portuguesa constitui uma enorme limitação deste estudo (e.g. Arafat et al., 2016; Wang et al., 2006) na medida em que muitas questões não estavam adaptadas ao contexto português. Por exemplo, não existindo em Portugal uma proposta formal de formação de Padres no âmbito da educação relacional (como existe em países com uma Política de Casamento Comunitária, e.g. Wilmoth, 2015), as questões

relativas à abertura ao treino tornam-se desenquadradas, o que pode explicar a reduzida consistência interna desta escala. Além disso, a inexistência de literatura científica acerca da preparação para o casamento religiosa em Portugal, impediu um estudo preliminar que permitisse estabelecer critérios e pontos de interesse que orientassem o estudo (Gjersing et al., 2010), obrigando à utilização dos critérios indicados pela literatura estrangeira no estudo da realidade nacional. Ainda relativamente ao estudo quantitativo, a taxa de resposta foi muito baixa, o que levou à obtenção de uma amostra reduzida. Relativamente à baixa consistência interna das escalas, tanto no presente estudo como no questionário original (Wilmoth, 2005), esta obriga a uma interpretação cautelosa dos resultados, especialmente daqueles que incluem a escala de abertura ao treino, que foi utilizada apenas com um intuito exploratório. O mesmo se pode dizer acerca da utilização de uma amostragem de conveniência que, apesar de económica e de fácil recolha, acarreta o risco do estudo não ser generalizável para a população (Clark-Carter, 2009; Vanderstoep & Johnson, 2009). Além disso, apesar de ter sido recolhida informação relativa à organização dos conteúdos abordados pelos Padres no contexto português, a elevada variação das respostas combinada com a dimensão da amostra e a falta de tempo para uma nova análise temática impediram uma exploração detalhada destes dados.

Para terminar, em ambos os estudos a recolha de dados foi feita através de medidas de auto-relato, estando os participantes sujeitos aos efeitos de desejabilidade social, independentemente de ser garantida a confidencialidade das respostas. Deste modo, as respostas dos dois grupos podem não representar fielmente a sua experiência (Kohlsdorf, & Costa, 2017). Por outro lado, à semelhança do que foi indicado por Novak e colaboradores (2018), a participação voluntária pode implicar que sejam deixados de fora tanto os noivos que tiveram experiências menos positivas nos PPC como os Padres que estão menos satisfeitos com a eficácia dos serviços fornecidos. Por último, contrariamente ao que foi proposto inicialmente, não foi feita uma comparação aprofundada dos quatro contextos estudados. Em primeiro lugar, devido à dimensão da amostra que, em ambos os estudos, impediu que fossem feitas comparações com significância estatística (VanVoorhis & Morgan, 2007). Por outro lado, a idiosincrasia de cada programa levou a uma dificuldade em estabelecer categorias que abrangessem tamanha variedade.

Direções para futuras investigações

Sendo este um estudo exploratório e, de alguma forma pioneiro nesta área de estudos, fica o desejo de uma compreensão mais aprofundada. Posto isto, são propostas algumas linhas de investigação com o intuito de, progressivamente, instaurar uma parceria entre o campo de estudos da educação relacional e os PPC religiosos portugueses.

Primeiramente, poderá ser de maior interesse a validação para a população portuguesa do questionário “Oklahoma Clergy Involvement in Marriage Preparation” (Wilmoth, 2005) e a sua aplicação a uma amostra mais vasta, de modo a descrever, com segurança, a realidade dos PPC como são vistos pelos Padres neles envolvidos. Do mesmo modo, a inclusão de casais formadores enquanto informantes poderá constituir uma mais-valia.

Por outro lado, como foi sendo referido na discussão, há resultados cuja clarificação é necessária. Em primeiro lugar, surge a necessidade de compreender o ponto de vista de casais não crentes que tenham participado em PPC religiosos de modo a determinar a adequação dos mesmos além da população crente. Em segundo, é necessário clarificar o valor moderador da coabitação prévia ao casamento no impacto do programa, tendo em conta que este é um percurso cada vez mais normativo (Bumpass & Lu, 2000; Stanley et al., 2004). Em terceiro, a diferença encontrada entre o sexo feminino e masculino no que concerne ao impacto do programa contraria a literatura (Hawkins et al., 2008). Posto isto, é necessário por um lado compreender a sua significância e, por outro, compreender os mecanismos subjacentes a esta diferença. Em quarto lugar, é proposto um aprofundamento relativo aos trabalhos para casa. Wilmoth e Smyser (2012) indicam que estes constituem um importante reforço aos conteúdos abordados em sessão, no entanto, é necessário descrever estas tarefas de modo a determinar a sua adequação e a potenciá-la. Em quinto lugar, é sugerida a validação de um inventário relacional para a população portuguesa que possa ser introduzido no início dos PPC, inclusivamente daqueles fornecidos por Padres, de modo a avaliar as necessidades do casal promovendo uma tomada de consciência de forças e fraquezas que orientem o casal nos conteúdos que podem constituir maiores benefícios para a relação (Halford, 2011; Larson et al., 2002; Monteiro, 2014). Os clérigos do Oklahoma dão preferência à utilização do PREPARE (Olson et al., 1986), no entanto, o FOCCUS (Markey & Micheletto, 1997) e o RELATE (Busby et al., 2001) são igualmente válidos (Larson et al., 2002).

Por fim, a constatação dos desafios intrínsecos à vivência do noivado (Rapoport, 1964) articulados com a dificuldade na gestão de relações com a rede social de suporte e com a escassez de informação que procure compreender esta etapa liminar do ciclo de vida (Genep, 1960; Messersmith et al., 2015) tornam evidente a necessidade de estudar o noivado enquanto período de crise repleto de desafios (Nissinen, 2000; Rapoport, 1964). Com isto, pretende-se facilitar uma das mais desafiantes transições do ciclo de vida (Monteiro, 2014).

Implicações práticas do presente estudo

Apesar das suas limitações, este estudo gerou implicações que, se postas em prática, concretizam um dos seus principais objetivos: contribuir para o melhoramento dos PPC em Portugal. Em primeiro lugar, com base nos resultados obtidos, torna-se fundamental que, independentemente do formato, equipa formadora ou esquema de reuniões, a base dos PPC sejam as conversas de casal. Estas podem ser despoletadas de múltiplas formas, como a prescrição de trabalhos para casa, a escuta de testemunhos de outros casais ou a antecipação de cenários futuros. Esta centralidade do tempo a dois não descarta, no entanto, a importância de existirem momentos em grupo e o valor da partilha dos casais mais velhos ou dos casais que se encontram na mesma etapa do ciclo de vida (Sanstrom, 2004; Burr et al., 2014). Aliás, estes momentos devem inclusivamente ser promovidos em programas cujo formato é essencialmente individualizado na medida em que o benefício maior parece advir da articulação de reuniões em grupo (Owen et al., 2013) com reuniões individualizadas com o Padre, cuja consideração das necessidades específicas do casal constitui uma mais-valia. Ainda relativamente ao formato, é pertinente que as equipas formadoras contem tanto com um Padre como com casais que possam partilhar da sua experiência (Wages, 2003; Williams et al., 1999; Wilmoth & Smyser, 2012).

Em segundo lugar, relativamente ao papel dos Padres no âmbito dos PPC, surgem duas propostas. Por um lado, tendo em conta a associação forte encontrada entre a idade e a abertura ao treino, é sugerido que os conteúdos relativos à educação relacional, preparação para o casamento e conjugalidade sejam incluídos no corpo de estudos base dos seminaristas no lugar de serem deixados para mais tarde, sob forma de workshops ou conferências facultativas, na medida em que a motivação para comparecer será progressivamente menor. Por outro lado, de modo a aumentar a envolvimento dos religiosos nestes programas, deve ser feito um esforço de consciencialização do impacto que determinados

fatores de risco podem ter no casal (e.g. Rauer, Karney, Garvan, & Hou, 2008; Rosand, Slinning, Roysamb, & Tambs, 2014; Scott et al., 2013; Teachman, 2002).

Por fim, é sugerida a inclusão de dois componentes fundamentais nos PPC: os inventários pré-conjugais e as sessões de follow-up (Larson et al., 2002; Stahmann & Hiebert, 1997). Os primeiros, cuja validação para a população portuguesa foi acima sugerida, poderão complementar dois dos processos relacionais fundamentais sugeridos pelos noivos: a construção da identidade de casal e o conhecimento do outro. Além disso, a utilização de um inventário pré-conjugal previamente ao programa de educação relacional promove uma atitude pró-ativa dos noivos e permite canalizar a intervenção para as áreas de maior vulnerabilidade do casal (Halford et al., 2006; Larson et al., 2002; Ramalho, 2015), colmatando, de alguma forma, a dificuldade de atender às necessidades de cada casal em formatos de grupo. Relativamente às sessões de follow-up, estas, para além de apoiadas pela literatura (Hahlweg & Richter, 2010; Markman & Rhoades, 2012), constituem uma sugestão dos noivos entrevistados, sendo os PPC inclusivamente descritos como *“uma injeção... que tem de durar o resto da vida”*(FD12). A ausência de acompanhamento posterior à participação num PPC acarreta o risco dos casais não serem capazes de utilizar as competências aprendidas na sua vida (Murray, 2005; Scott et al., 2013).

Conclusão

Pretendeu-se, no presente estudo, colmatar algumas lacunas na literatura científica no âmbito da educação relacional. Por um lado, ir além da demonstração de eficácia dos programas de educação pré-conjugal, procurando entender processos relacionais e compreender a experiência a partir dos seus participantes (Wadsworth & Markman, 2012; Wilson & Halford, 2008). Por outro, preencher o vazio no que toca à compreensão dos PPC religiosos (Wilmoth, 2005/2015), contribuir para o desenvolvimento da educação pré-conjugal em Portugal e ainda, recorrendo a uma metodologia mista, compreender e comparar os PPC de pontos-de-vista distintos (Wilmoth & Smyser, 2012).

A *grounded theory* desenvolvida permite-nos aceder aos processos relacionais despoletados pela participação num PPC, bem como compreender por que vias esta experiência tem impacto no casal. Estes programas apenas podem ser compreendidos na medida em que é considerado o seu contexto. É porque o noivado constitui um período de transição e crise, em que o casal enfrenta múltiplos desafios (Carter & McGoldrick, 1989; Rapoport, 1964), que o PPC constitui um momento de paragem tão importante. Do mesmo modo, serão os desafios associados à transição para a conjugalidade que tornam o tempo a dois tão relevante. A criação de um novo sub-sistema implica a diferenciação de outros, nomeadamente das famílias de origem, a adoção de novos papéis e tarefas e a criação de uma identidade que não é do *eu*, nem do *tu*, mas dos *nós* (Alarcão, 2006). É por isto que se torna fundamental conversar sobre o futuro que se aproxima, aprofundar o conhecimento deste outro com quem quero passar o resto da vida e ir construindo uma identidade de casal. E se, por um lado, as heranças familiares têm um peso major na construção do modelo de conjugalidade de cada um; por outro, aprender de casais com vivências diferentes dos modelos herdados parece ser fundamental nesta etapa. Markman et al. (2010) referem que nas relações humanas se assume que sabemos o que fazer, mas a importância aqui atribuída à aquisição de ferramentas parece indicar que os casais estão dispostos a que lhes ensinem competências relacionais. E isto é uma porta aberta para todos os tipos de educação relacional.

Em suma, se por um lado se conclui que tanto noivos como Padres estão satisfeitos com o serviço oferecido, por outro, são identificadas direções para investigação futura e aspetos práticos de melhoria que visam potenciar o impacto dos PPC atualmente existentes e expandi-los, de modo a levar os seus benefícios a cada vez mais casais.

Referências

- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios familiares: Uma visão sistémica* (3ª ed.). Coimbra: Quarteto.
- Amato, P. R., & Cheadle, J. (2005). The long reach of divorce: Divorce and child well-being across three generations. *Journal of Marriage and Family*, 67, 191-206. <https://doi.org/10.1111/j.0022-2445.2005.00014.x>
- Arafat, S. M., Chowdhury, H. R., Qusar, M. M. A. S., & Hafez, M. A. (2016). Cross-cultural adaptation and psychometric validation of research instruments: A methodological review. *Journal of Behavioral Health* 5(3), 129-136. doi: 10.5455/jbh.20160615121755
- Bandura, A. (1977). Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*, 84(2), 191-215. <http://dx.doi.org/10.1037/0033-295X.84.2.191>
- Barlow, J.L. (1999). A new model for premarital counseling within the church. *Pastoral Psychology*, 48, 3-9.
- Birch, P. J., Weed, S. E., & Olsen, J. (2004). Assessing the impact of community marriage policies on county divorce rates. *Family Relations*, 53(5), 495-503.
- Birks, M., & Millls, J. (2011). *Grounded theory - A practical guide*. London: Sage.
- Birks, M., Mills, J., Francis, K., & Chapman, Y. (2009). A thousand words paint a picture: The use of storyline in grounded theory research. *Journal of Research in Nursing*, 14(5), 405-417.
- Bodenmann, G., & Shantinath, S. D. (2004). The Couples Coping Enhancement Training (CCET): A new approach to prevention of marital distress based upon stress and coping. *Family Relations*, 53(5), 477-484. doi: 10.1111/j.0197-6664.2004.00056.x
- Bodenmann, G., Bradbury, T., & Pihet, S. (2009). Relative contributions of treatment-related changes in communication skills and dyadic coping skills to the longitudinal course of marriage in the framework of marital distress prevention. *Journal of Divorce and Remarriage*, 50(1), 1-21. <http://dx.doi.org/10.1080/10502550802365391>

- Bowen, M. (1976). Theory and practice of family therapy. In P. J. Guerin Jr. (Ed.), *Family therapy: Theory and practice* (pp. 42-90). New York, NY: Gardner Press.
- Bradbury, T. N. (Ed.). (1998). *The developmental course of marital dysfunction*. New York: Cambridge University Press. <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511527814>
- Bradbury, T. N., & Lavner, J. A. (2012). How can we improve preventive and educational interventions for intimate relationships? *Behavior Therapy*, 43, 113-122.
- Bradbury, T. N., & Karney, B. (2004). Understanding and altering the longitudinal course of marriage. *Journal of Marriage and Family*, 66, 862-879. <http://dx.doi.org/10.1111/j.0022-2445.2004.00059.x>
- Bradbury, T. N., Fincham, F., & Beach, S. (2000). Research on the nature and determinants of marital satisfaction: A decade in review. *Journal of Marriage and Family*, 62, 964-980.
- Bradley, R., & Gottman, J. (2012). Reducing situational violence in low income couples by promoting health relationships. *Journal of Marital and Family Therapy*, 38(1), 187-198.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Breunlin, D. C. (1999). Toward a theory of constraints. *Journal of Marital and Family Therapy*, 25(3), 365-382. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1752-0606.1999.tb00254.x>
- Bumpass, L. L., & Lu, H. H. (2000). Trends in cohabitation and implications for children's family contexts in the United States. *Population Studies*, 54, 29-41.
- Burr, B. K., Hubler, D. S., Gardner, B. C., Roberts, K. M., & Patterson, J. (2014). What are couples saying about relationship education? A content analysis. *Journal of Couple & Relationship Therapy*, 13(3), 177-197. doi: 10.1080/15332691.2013.852493
- Busby, D. M., Holman, T. B., & Taniguchi, N. (2001). RELATE: Relationship Evaluation of the Individual, Family, Cultural, and Couple Contexts. *Family Relations*, 50(4), 308-316. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1741-3729.2001.00308.x>

- Carlson, R., Barden, S., Daire, A., & Greene, J. (2014). Influence of relationship education on relationship education for low-income couples. *Journal of Counseling & Development*, 92, 418-427. doi: 10.1002/j.1556-6676.2014.00168.x
- Carrère, S. Buehlman, K. T., Gottman, J. M., Coan, J. A., & Ruckstuhl, L. (2000). Predicting marital stability and divorce in newlywed couples. *Journal of Family Psychology*, 14(1), 42-58. <http://dx.doi.org/10.1037/0893-3200.14.1.42>
- Carroll, J., & Doherty, W. (2003). Evaluating the effectiveness of premarital prevention programs: A meta-analytic review of outcome research. *Family Relations*, 105-118. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2003.00105.x>
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1989). *The changing family life cycle: A framework for family therapy* (2nd ed.). New York, NY, US: Gardner Press. http://dx.doi.org/10.4324/9780203428436_chapter_14
- Charmaz, K. (2006). *Constructing grounded theory: A practical guide through qualitative analysis*. London: Sage.
- Charmaz, K., & Mitchell, R. G. (1996). The myth of silent authorship: Self, substance, and style in ethnographic writing. *Symbolic Interaction*, 19(4), 285-302.
- Choi, H., & Marks, N. F. (2008). Marital conflict, depressive symptoms, and functional impairment. *Journal of Marriage and Family*, 70, 377-390.
- Clark-Carter, D. (2009). *Quantitative psychological research: a student's handbook* (3rd ed.). New York, NY: Psychological Press.
- Cohen, J. W. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Coie, J. D., Watt, N. F., West, S. G., & Hawkins, J. D. (1993). The science of prevention: A conceptual framework and some directions for a national research program. *American Psychologist*, 48(10), 1013-1022. <http://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.48.10.1013>
- Creswell, J. W. (2009). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (3rd ed.). Thousand Oaks, CA Sage Publications.

- Creswell, J. W., & Plano, C. V. L. (2011). *Designing and conducting mixed methods research* (2nd ed.). Los Angeles: Sage Publications.
- Dawes, J.G. (2002). Five point vs eleven point scales: does it make a difference to data characteristics? *Australasian Journal of Market Research*, 10(1), 39–47. doi: 10.1.1.417.9488&rep=rep1&type=pdf
- Dawes, J. G. (2008). Do data characteristics change according to the number of scale points used? An experiment using 5-point, 7-point and 10-point scales. *International Journal of Market Research*, 50(1), 61-77.
- Doss, B., Rhoades, G. K., Stanley, S. M., Markman, H. J., & Johnson, C. A. (2009). Differential use of premarital education in first and second marriages. *Journal of Family Psychology*, 23(2), 268-273. <http://dx.doi.org/10.1037/a0014356>
- Duncan, S. F., & Wood, M. M. (2003). Perceptions of marriage preparation among college-educated young adults with greater family-related risks for marital disruption. *Family Journal*, 11(4), 342.
- Erikson, E. H. (1962). *Austen Riggs monograph, No. 4. Young man Luther: A study in psychoanalysis and history*. New York, NY, US: W W Norton & Co.
- Federação Portuguesa dos Centros de Preparação para o Matrimónio (2018). *Caminhada em matrimónio: um guia para noivos e famílias*. Lusoimpress.
- Fernandes, E., & Maia, A. (2001). Grounded Theory. In: Fernandes, M., Eugénia, M., & Almeida, I. (Eds). *Métodos e técnicas de avaliação: contributos para a prática e investigação psicológicas*. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos em Educação e Psicologia.
- Fincham, F. D., & Beach, S. R. H. (2010). Marriage in the new millennium: A decade in review. *Journal of Marriage and Family*, 72(3), 630-649. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00722.x>
- Fincham, F. D., Stanley, S. M., & Beach, S. R. H. (2007). Transformative processes in marriage: An analysis of emerging trends. *Journal of Marriage and Family*, 69(2), 275-292. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1741-3737.2007.00362.x>

- Fournier, D. (1999). *Reflections on 20+ years of evaluating marriage programs and working with engaged couples*. Stillwater, Oklahoma: Oklahoma Marriage Initiative.
- Fournier, D., & Olson, D. (1986). Programs for premarital and newlywed couples. In F. Levant (Ed.), *Psychoeducational approaches to family therapy and counseling* (pp. 194-231). New York: Springer.
- Fowers, B. J. (2000). *Beyond the myth of marital happiness: How embracing the virtues of loyalty, generosity, justice, and courage can strengthen your relationship*. San Francisco, CA, US: Jossey-Bass.
- Gennep, A. V. (1960). *The rites of passage*. Chicago: University of Chicago Press.
- Giblin, P. (1996). Marriage and family enrichment: A process whose time has come (and gone?). *Family Journal*, 4(2), 143-152.
- Giblin, P., Sprenkle, D., & Seehan, R. (1985). Enrichment outcome research: A meta-analysis of premarital, marital, and family interventions. *Journal of Marital and Family Therapy*, 11(3), 257-271. <https://doi.org/10.1007/BF01419654>
- Glaser, B. G. (1978). *Theoretical sensitivity: Advances in the methodology of grounded theory*. Mill Valley: Sociology Press.
- Glenn, N. D. (2005). *With this ring: A national survey on marriage in America*, Washington, DC: National Fatherhood Initiative.
- Gjersing, L., Caplehorn, J. R., & Clausen, T. (2010). Cross-cultural adaptation of research instruments: language, setting, time and statistical considerations. *BMC Medical Research Methodology*, 10(1). doi: 10.1186/1471-2288-10-13
- Hahlweg, K., & Richter, D. (2010). Prevention of marital instability and couple distress: Results of an 11-year longitudinal follow-up study. *Behaviour Research and Therapy*, 48, 377-383. <http://dx.doi.org/10.1016/j.brat.2009.12.010>
- Hahlweg, K., Markman, H., Thurmaier, F., Engl, J., & Eckert, V. (1998). Prevention of marital distress: Results of a German prospective longitudinal study. *Journal of Family Psychology*, 12, 543-556. <http://dx.doi.org/10.1037/0893-3200.12.4.543>

- Halford, W. K. (2004). The future of couple relationship education: Suggestions on how it can make a difference. *Family Relations*, 53(5), 559-566.
- Halford, W. K. (2011). *Marriage and relationship education: What works and how to provide it*. New York: Guilford Press.
- Halford, W. K., & Bodenmann, G. (2013). Effects of relationship education on maintenance of couple relationship satisfaction. *Clinical Psychology Review*, 512-525.
- Halford, W. K., Markman, H., Kline, G., & Stanley, S. (2003). Best practice in couple relationship education. *Journal of Marital and Family Therapy*, 29, 385-406.
- Halford, W. K., Markman, H. J., & Stanley, S. M. (2008). Strengthening couples' relationships with education: Social policy and public health perspectives. *Journal of Family Psychology*, 22(4), 497-505. <http://dx.doi.org/10.1037/a0012789>
- Halford, W. K., & Moore, E. (2002). Relationship education and the prevention of couple relationship problems. Em N. Jacobson, & A. Gurman, *Clinical handbook of couple therapy* (pp. 400-419). New York: The Guilford Press.
- Halford, W. K., Moore, E., Wilson, K., Dyer, C., Farrugia, C., & Judge, K. (2006). *CoupleCARE: Couple commitment and relationship enhancement: An evidence-based flexible delivery program couples can complete at home*. Brisbane, Australia: Australian Academic Press.
- Halford, W. K., & Pepping, C. (2017). An ecological model of mediators of change in Couple Relationship Education. *Current Opinion in Psychology*, 39-43. <http://dx.doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.04.007>
- Halford, W. K., & Simons, M. (2005). Couple relationship education in Australia. *Family Process*, 44, 147-259. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2005.00050.x>
- Halley, R. E., Durband, D. B., Bailey, W. C., & Gustafson, A. W. (2016). A survey of clergy practices associated with premarital financial counseling. *Grand Valley State University*, 1-14.
- Hawkins, A., Blanchard, V., Baldwin, S., & Fawcett, E. (2008). Does Marriage and Relationship Education Work? A Meta-Analytic Study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 723-734. doi: 10.1037/a0012584

- Hawkins, A. J., Carroll, J. S., Doherty, W. J., & Willoughby, B. (2004). A comprehensive framework for marriage education. *Family Relations*, 53(5), 547-558. <http://dx.doi.org/10.1111/j.0197-6664.2004.00064.x>
- Hawkins, A. J., Fawcett, E., Blanchard, V., & Carroll, J. S. (2010). Do premarital education programs really work? A meta-analytic study. *Family Relations*, 59, 232-239. doi: 10.1111/j.1741-3729.2010.00598.x
- Hawkins, A. J., Stanley, S. M., Blanchard, V. L., & Albright, M. (2012). Exploring programmatic moderators of the effectiveness of marriage and relationship education programs: A meta-analytic study. *Behavior Therapy*, 43(1), 77-87. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.beth.2010.12.006>
- Heaton, T. B., & Pratt, E. L. (1990). The effects of religious homogamy on marital satisfaction and stability. *Journal of Family Issues*, 11(2), 191-207. <http://dx.doi.org/10.1177/019251390011002005>
- Hetherington, L., Friedlander, M. L., & Greenberg, L. S. (2005). Change process research in couple and family therapy: Methodological challenges and opportunities. *Journal of Family Psychology*, 19, 18-27.
- Hsueh, J., Alderson, D., Lundquist, E., Michalopoulos, C., Gubits, D., Fein, D., & Knox, V. (2012). *The Supporting Healthy Marriage Evaluation: Early Impacts on Low-Income Families*. Office of Planning, Research and Evaluation Report 2012-11. Washington DC: Office of Planning, Research and Evaluation, Administration for Children and Families, United States Department of Health and Human Services.
- Hunt, R. A., Hof, L. & DeMaria, R. (1998). *Marriage enrichment: Preparation, mentoring, and outreach*. Philadelphia: Brunner/Mazel.
- Jeynes, W. H. (2001). The effects of recent parental divorce on their children's consumption of marijuana and cocaine. *Journal of Divorce & Remarriage*, 35, 43-65. <http://dx.doi.org/10.1023/A:1010440111698>
- Johnson, R. A., & Bhattacharyya, R. A. (1987). *Statistics: Principles and Methods* (2nd ed.). US: John Wiley & Sons, Inc.

- Kaminski, J. W., Valle, L. A., Filene, J. H., & Boyle, C. L. (2008). A meta-analytic review of components associated with parent training program effectiveness. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 36, 567-589. doi: 10.1007/s10802-007-9201-9
- Karney, B. R., & Gauer, B. (2010). Cognitive complexity and marital interaction in newlyweds. *Personal Relationships*, 12(2), 181-200.
- Kohlsdorf, M., & Costa, Á. L. C., Jr. (2017). O autorrelato na pesquisa em psicologia da saúde: desafios metodológicos. *Psicologia Argumento*, 27(57), 131-139.
- L'Abate, L. (1999). Structured enrichment and distance writing for couples. In R. Berger & M.T. Hannah (Eds.), *Preventive approaches in couples therapy* (pp. 106-124). Philadelphia: Bruner/Mazel.
- Larson, J. H., Holman, T. B., Klein, D. M., Busby, D. M., Stahmann, R. F., & Peterson, D. (1995). A review of comprehensive questionnaires used in premarital education and counseling. *Family Relations*, 44, 245-252.
- Larson, J. H., Newell, K., Topham, G., & Nichols, S. (2002). A review of three comprehensive premarital assessment questionnaires. *Journal of Marital And Family Therapy*, 28(2), 233-239. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1752-0606.2002.tb00360.x>
- Larson, J., & Holman, T. (1994). Premarital Predictors of marital quality and stability. *Family Relations*, 44, 228-237. doi:10.2307/585522
- Lauer, S., & Yodanis, C. (2010). The deinstitutionalization of marriage revisited: A new institutional approach to marriage. *Journal of Family Theory & Review*, 2(1), 58-72. doi:10.1111/j.1756-2589.2010.00039.x
- Laurenceau, J.-P., Stanley, S. M., Olmos-Gallo, A., Markman, H. J., & Baucom, B. (2004). Community-based prevention of marital dysfunction: Multilevel modeling of a randomized effectiveness study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 72(6), 933-943.
- Lee, N., & Lee, S. (2009). Case study: The Marriage Course. In H. Benson & S. Callan (Eds.), *What works in relationship education: Lessons from academics and service deliverers in the United States and Europe* (pp. 117-120). Doha, Qatar: Doha International Institute for Family Studies and Development.

- Lichter, D. T., & Carmalt, J. H. (2009). Religion and marital quality among low-income couples. *Social Science Research*, 38(1), 168-187. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ssresearch.2008.07.003>
- Mahoney, A., Pargament, K. I., Tarakeshwar, N., & Swank, A. B. (2001). Religion in the home in the 1980s and 1990s: A meta-analytic review and conceptual analysis of links between religion, marriage, and parenting. *Journal of Family Psychology*, 15(4), 559-596. <http://dx.doi.org/10.1037/0893-3200.15.4.559>
- Markey, B., & Micheletto, M. (1997). *Instructor manual for FOCCUS*. Omaha: Archdiocese of Omaha.
- Markman, H. J., & Rhoades, G. (2012). Relationship education research: Current status and future directions. *Journal of Marital and Family Therapy*, 38(1), 169-200. doi: 10.1111/j.1752-0606.2011.00247.x
- Markman, H. J., Rhoades, G., Stanley, S., & Peterson, K. (2013). A Randomized Clinical Trial of the Effectiveness of Premarital Intervention: Moderators of Divorce Outcomes. *Journal of Family Psychology*, 165-172. <http://dx.doi.org/10.1037/a0031134>
- Markman, H. J., Rhoades, G., Stanley, S., Whitton, S., & Ragan, E. (2010). The premarital roots of marital distress and divorce: The first five years of marriage. *Journal of Family Psychology*, 24, 289-298. doi: 10.1037/a0019481
- Markman, H. J., Stanley, S. M., & Blumberg, S. L. (2010). *Fighting for your marriage: A deluxe revised edition of the classic best-seller for enhancing marriage and preventing divorce*. USA: John Wiley & Sons.
- McGeorge, C. R., & Carlson, T. S. (2006). Premarital education: An assessment of program efficacy. *Contemporary Family Therapy: An International Journal*, 28(1), 165-190. <http://dx.doi.org/10.1007/s10591-006-9701-8>
- McManus, M. (2001). Couple mentoring: How to save nine of ten troubled marriages. *Ethics & Religion*, (Column) 1051, 1-2.

- Messersmith, A. S., Kunkel, A., & Guthrie, J. (2015). Newlywed Reports of Social Support During Engagement: What Worked and What Failed. *Communication Studies*, 66(3), 257–276. doi: 10.1080/10510974.2014.990046
- Moloney, L., Weston, R., Qu, L., & Hayes, A. (2012). Families, life events and family service delivery: a literature review. *Australian Institute of Family Studies*, 67, 55-66.
- Monteiro, A. (2014). *Casa(l) em Construção: Uma Base Teórico-Empírica para o Desenvolvimento de uma Intervenção na Transição para a Conjugalidade*. (Tese de Doutoramento) Lisboa: Faculdade de Psicologia.
- Murray, C.E. (2005). Prevention work: A professional responsibility for marriage and family counselors. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 13, 27-34.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. (2009). *Olhares sobre a Conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Neves, R. (2018). *E os dois serão uma só carne*. Cascais: Lucerna.
- Nissinen, S. (2000). *The conscious bride: Women unveil their true feelings about getting hitched*. Oakland, CA: New Harbinger
- Nock, S., Sanchez, L., & Wright, J. (2008). *Covenant marriage: The movement to reclaim tradition in America*. New Brunswick, NJ: Rutgers University.
- Novak, J. R., Whiting, J. B., Brown, M. D., & Harris, S. M. (2018). The impact of relationship education on couple relationship: A grounded theory of intentionality and awareness. *Journal of Couple & Relationship Therapy*, 1-22.
- Nunnally, J & Bernstein, L. (1994). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill Higher.
- Olson, D. H. (1986). Circumplex model VII: Validation studies and FACES III. *Family Process*, 25, 337-351.
- Olson, D. H., & Olson-Sigg, A. K. (1999). PREPARE/ENRICH Program: Version 2000. In B. Rony & M. T. Hannah (Eds.), *Preventive Approaches in Couples Therapy* (pp. 196-216). Philadelphia, PA: Brunner/Mazel.

- Olson, D. H., Fournier, D. H., & Druckman, J. M. (1986). *Counselor's manual for PRE-PARE-ENRICH*. Minneapolis: Life Innovations.
- Ormrod, J.E. (2004). *Human Learning* (4th ed.) Ohio: Pearson.
- Overbeek, G., Vollenbergh, W., de Graaf, R., Scholte, R., de Kemp, R., & Engels, R. (2006). Longitudinal associations of marital quality and marital dissolution with the incidence of DSM-III-R disorders. *Journal of Family Psychology*, 20, 284-291. <http://dx.doi.org/10.1037/0893-3200.20.2.284>
- Owen, J., Antle, B., & Barbee, A. (2013). Alliance and group cohesion in relationship education. *Family Process*, 52(3), 465-476. doi: 10.1111/famp.12039
- Pallant, J. (2007). *SPSS survival manual*. New York, NY: McGraw-Hill Education.
- Pape Cowan, C., & Cowan, P. (2005). Two central roles for couple relationships: Breaking negative intergenerational patterns and enhancing children's adaptation. *Sexual and Relationship Therapy*, 20(3), 275-288. <https://doi.org/10.1080/14681990500140859>
- Pihet, S., Bodenmann, G., Cina, A., Widmer, K., & Shantinath, S. (2007). Can prevention of marital distress improve well-being? A 1 year longitudinal study. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 14(2), 79-88. <http://dx.doi.org/10.1002/cpp.522>
- Pordata.pt (2019)^a. PORDATA – Número de divórcios por 100 casamentos [online]. Disponível em <https://www.pordata.pt/Portugal> [Consultado a 12-09-2019].
- Pordata.pt (2019)^b. PORDATA – Casamentos entre pessoas do sexo oposto: total e por estado civil anterior do cônjuge do sexo masculino [online]. Disponível em <https://www.pordata.pt/Portugal> [Consultado a 12-09-2019].
- Pordata.pt (2019)^b. PORDATA – Casamentos entre pessoas do sexo oposto: total e por estado civil anterior do cônjuge do sexo feminino [online]. Disponível em <https://www.pordata.pt/Portugal> [Consultado a 12-09-2019].
- Preston, C.C. & Colman, A. (2000). Optimal number of response categories in rating scales: reliability, validity, discriminating power, and respondent preferences. *Acta Psychologica*, 104, 1–15. doi: 10.1016/S0001-6918(99)00050-5

- Ramalho, C. (2015). *Educar (n)a conjugalidade: Variáveis psicossociais na promoção do ajustamento diádico, da qualidade relacional e do bem-estar pessoal*. (Tese de Doutoramento) Lisboa: Faculdade de Psicologia.
- Rapoport, R. (1964). The transition from engagement to marriage. *Acta Sociologica*, 8(1-2), 36–55.
- Rauer, A. J., Adler-Baeder, F., Lucier-Greer, M., Skuban, E., Ketring, S. A., & Smith, T. (2014). Exploring processes of change in couple relationship education: Predictors of change in relationship quality. *Journal of Family Psychology*, 28(1), 65-76. doi: 10.1037/a0035502
- Rauer, A. J., Karney, B. R., Garvan, C. W., & Hou, W. (2008). Relationship risks in context: A cumulative risk approach to understanding relationship satisfaction. *Journal of Marriage and Family*, 70(5), 1122-1135. doi: 10.1111/j.1741-3737.2008.00554.x
- Relvas, A. P. (2006). *O Ciclo Vital da Família* (4th ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Reichenheim, M. E., & Moraes, C. L. (2007). Operationalizing the cross-cultural adaptation of epidemiological measurement instruments. *Rev. Saúde Pública*, 41, 665-675.
- Rhoades, G. K., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2009). The pre-engagement cohabitation effect: A replication and extension of previous findings. *Journal of Family Psychology*, 23, 107-111. doi: 10.1037/a0013969.
- Rhoades, G. K., Stanley, S. M., Markman, H. J., & Allen, E. S. (2015). Can marriage education mitigate the risks associated with premarital cohabitation? *Journal of Family Psychology*, 29(3), 500-506. doi: 10.1037/fam0000081
- Rogge, R., Cobb, R., Lawrence, E., Johnson, M., & Bradbury, T. (2013). Is skills training necessary for the primary prevention of marital distress and dissolution? A 3-year experimental study of three interventions. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 81(6), 949-961. doi: 10.1037/a0034209
- Rosand, G. B., Slinning, K., Roysamb, E., & Tambs, K. (2014). Relationship dissatisfaction and other risk factors for future relationship dissolution: a population-based

study of 18,523 couples. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 49(1), 109-119.

Russell, M., & Lyster, R. (1992). Marriage preparation: Factors associated with consumer satisfaction. *Family Relations*, 41, 446-451. doi: 10.2307/585589

Sandstrom, G. D. (2004). *The effect of marriage mentoring when utilized in a premarital program*. (Doctoral dissertation) Capella University. (UMI No. 3129597).

Schaer, M., Bodenmann, G., & Klink, T. (2008). Balancing work and relationship: Couples Coping Enhancement Training (CCET). *Applied Psychology: An International Review*, 57, 71-89. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1464-0597.2008.00355.x>

Scott, S. B., Rhoades, G. K., Stanley, S. M., Allen, E. S., & Markman, H. J. (2013). Reasons for divorce and recollections of premarital intervention: Implications for improving relationship education. *Couple and Family Psychology: Research and practice*, 2(2), 131-145. <http://dx.doi.org/10.1037/a0032025>

Silliman, B., Schumm, W. R., & Jurich, A. (1992). Young adults' preferences for premarital preparation program designs: An exploratory study. *Contemporary Family Therapy*, 14, 89-100. <https://doi.org/10.1007/BF00891751>

Stahmann, R., & Hiebert, W. (1997). *Premarital and remarital counseling: The professional's handbook*. San Francisco: Jossey-Bass.

Stanley, S. M. (2001). Making A Case for Premarital Education. *Family Relations*, 50(3), 272-280. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2001.00272.x>

Stanley, S. M., Amato, P., Johnson, C., & Markman, H. (2006). Premarital education, marital quality, and marital stability: Findings from a large, random, household survey. *Journal of Family Psychology*, 20(1), 117-126. <http://dx.doi.org/10.1037/0893-3200.20.1.117>

Stanley, S. M. , Markman, H., Prado, L., Olmos-Gallo, P., Tonelli, L., St. Peters, M., . . . Whitton, S. (2001). Community-Based Premarital Prevention: Clergy and Lay Leaders on the Front Lines. *Family Relations*, 67-76.

- Stanley, S. M., Markman, H. J., St. Peters, M., & Leber, B. D. (1995). Strengthening marriages and preventing divorce: New directions in prevention research. *Family Relations*, 44, 392-401. <http://dx.doi.org/10.2307/584995>
- Stanley, S. M., Rhoades, G. K., Amato, P.R., Markman, H. J., & Johnson, C. A. (2010). The timing of cohabitation and engagement: Impact on first and second marriages. *Journal of Marriage and Family*, 72, 906-918. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00738.x>
- Stanley, S. M., Rhoades, G. K., & Fincham, F. D. (2011). Understanding romantic relationships among emerging adults: The significant roles of cohabitation and ambiguity. In F. D. Fincham & M. Cui (Eds.), *Romantic Relationships in Emerging Adulthood*. Cambridge: Cambridge University Press
- Stanley, S. M., Rhoades, G. K., & Whitton, S. W. (2010). Commitment: Functions, formation, and the securing of romantic attachment. *Journal of Family Theory & Review*, 2(4), 243-257. <https://doi.org/10.1111/j.1756-2589.2010.00060.x>
- Stanley, S. M., Whitton, S. W., & Markman, H. J. (2004). Maybe I do: Interpersonal commitment and premarital or nonmarital cohabitation. *Journal of Family Issues*, 25, 496-519. <https://doi.org/10.1177/0192513X03257797>
- Strauss, A. L. (1987). *Qualitative analysis for social scientists*. New York: Cambridge University Press.
- Strauss, A. L., & Corbin, J. M. (1990). *Basic of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques*. Newbury Park, CA: Sage Publications
- Strauss, A. L., & Corbin, J. M. (1998). *Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing grounded theory*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Streiner, D. L. (2003). *Starting at the Beginning: An Introduction to Coefficient Alpha and Internal Consistency*. *Journal of Personality Assessment*, 80(1), 99–103.
- Tambling, R. B., Glebova, T. (2013). Preferences of individuals in committed relationships about premarital counseling. *The American Journal of Family Therapy*, 41(4), 330-340. <http://dx.doi.org/10.1080/01926187.2012.701593>

- Teachman, J. D. (2002). Stability across cohorts in divorce risk factors. *Demography*, 39(2), 331-351. <https://doi.org/10.1353/dem.2002.0019>
- Thomas, A., & Sawhill, I. (2005). For love and money? The impact of family structure on family income. *The Future of Children*, 15(2), 57-74. doi: 10.1353/foc.2005.0020
- Tomcikova, Z., Geckova, A. M., Orosova, O., van Dijk, J. P., Reijneveld, S.A. (2009). Parental divorce and adolescent drunkenness: Role of socioeconomic position, psychological well-being and social support. *European Addiction Research*, 15, 202-208. doi:10.1159/000231883
- United Nations Economic and Social Affairs Population Division. (2013). World fertility report: 2012. New York: United Nations.
- Vanderstoep, S. W., & Johnston, D. D. (2009). *Research Methods for Everyday Life Blending Qualitative and Quantitative Approaches*. Jossey-Bass, San Francisco.
- VanVoorhis, C. R. W., & Morgan, B. L. (2007). Understanding power and rules of thumb for determining sample sizes. *Tutorials in Quantitative Methods for Psychology*, 3(2), 43-50. doi: 10.20982/tqmp.03.2.p043
- VanWidenfelt, B., Markman, H., Guerney, B., Behrens, B., & Hosman, C. (1997). Prevention of relationship problems. In Halford, W.K., & H. Markman, *Clinical handbook of marriage and couples interventions* (pp. 651-675). New York: Wiley.
- Veldorale-Brogan, A., Lambert, N. M., Fincham, F. D., & Dewall, C. N. (2013). The virtue of problema-solving: Perceived partner virtues as predictors of problema-solving efficacy. *Personal relationships*, 20(3), 511-523. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2012.01421.x>
- Wade, T. J., & Pevalin, D. J. (2004). Marital transitions and mental health. *Journal of Health and Social Behavior*, 45, 155-170. doi: 10.1177/002214650404500203
- Wadsworth, M., & Markman, H. (2012). Where's the action? Understanding what works and why in relationship education. *Behavior Therapy*, 99-112. doi: 10.1016/j.beth.2011.01.006

- Wages, S. A. (2003). *A formative and summative evaluation of marriage preparation program using mentor couples*. (Doctoral dissertation) Florida State University.
- Waite, L. J., & Gallagher, M. (2000). *The case for marriage: Why married people are happier, healthier, and better off financially*. New York: Doubleday.
- Wang, W.-L., Lee, H.-L., & Fetzer, S. J. (2006). Challenges and Strategies of Instrument Translation. *Western Journal of Nursing Research*, 28(3), 310–321. doi: 10.1177/0193945905284712
- Whitton, S. W., Waldinger, R. J., Schulz, M. S., Allen, J. P., Crowell, J. A., & Hausser, S. T. (2008). Prospective associations from family-of-origin interactions to adult marital interactions and relationship adjustment. *Journal of Family Psychology*, 22, 274-286. doi: 10.1037/0893-3200.22.2.274
- Wilcox, W., Doherty, W., Fisher, H., Galston, W., Glenn, N., Gottman, J., . . . Wallerstein, J. (2005). *Why marriage matters, second edition. Twenty-six conclusions from the social sciences*. New York: Institute for American Values.
- Williams, L. M. (1992). Premarital counseling: A needs assessment among engaged individuals. *Contemporary Family Therapy*, 14(6), 505-518. <https://doi.org/10.1007/BF00892197>
- Williams, L., Riley, L., Risch, G., & Van Dyke, D. (1999). An empirical approach to designing marriage preparation programs. *American Journal of Family Therapy*, 27(3), 271-283. doi: 10.1080/019261899261970
- Wilmoth, J. (2005). *Involvement of Oklahoma clergy in providing marriage preparation*. (Tese de Doutorado) Oklahoma, Stillwater: Oklahoma State University.
- Wilmoth, J. D. (2015). Marriage Preparation: A Ministry with lasting benefits. In Jeynes, W., & Martinez, E. *Ministering spiritually to families* (101-129). Switzerland: Springer International Publishing. http://dx.doi.org/10.1007/978-3-319-13302-7_6
- Wilmoth, J. D., & Fournier, D. G. (2009). Barriers to providing marriage preparation. *The Journal of Family and Community Ministries*, 22(4), 31-41.

- Wilmoth, J. D., & Smyser, S. L. (2007). *Premarital requirements and perceived effectiveness of clergy*. Poster session presented at the annual meeting of the National Council on Family Relations, Pittsburgh.
- Wilmoth, J., & Smyser, S. (2012). A national survey of marriage preparation provided by clergy. *Journal of Couple & Relationship Therapy*, 69-85. doi: 10.1080/15332691.2012.639705
- Wilson, K., & Halford, K. (2008). Processes of change in self-directed couple relationship education. *Family Relations*, 57, 625-635. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2008.00529.x>
- Wood, R., McConnel, S., Moore, Q., Clarkwest, A., & Hsueh, J. (2010). *Strengthening unmarried parents' relationships: the early impacts of Building Strong Families*. Washington DC: Mathematica Policy Research, Inc.

Apêndices

Apêndice A: Glossário

Casais formadores: também definidos na literatura como casais mentores, correspondem a casais casados que pertencem à equipa formadora dos programas de educação pré-conjugal. Vários autores têm considerado que estes constituem um elemento fundamental na medida em que estão em posição de partilhar experiências relacionais que nenhum Padre ou profissional está em posição de fazer (McManus, 2001; Sandstrom, 2004; Wages, 2003; Wilmoth & Smyser, 2012).

Clérigos: Pessoas ordenadas no âmbito de uma organização ou congregação cristã. Os estudos de Wilmoth (2005) abrangem todo o contexto cristão. A fraca representatividade de outras instituições religiosas no Oklahoma é a justificação da não inclusão de uma população mais alargada. Clérigos inclui elementos do sexo feminino e masculino, sendo a maioria do sexo masculino. São pessoas com formação no âmbito teológico e familiar, cuja abordagem se baseia nos valores cristãos.

Componentes requeridas: também referidas como requisitos, referem-se às componentes que os Padres incluem nos PPC por si fornecidos (Wilmoth, 2005). Nestas componentes incluem-se o tempo de espera desde o contacto até ao casamento, a utilização de um inventário pré-conjugal, a requisição de uma ou mais reuniões com o Padre, a participação numa ou mais aulas/sessões em grupo, a participação em sessões com casais mentores, os trabalhos para casa, a pertença à comunidade/movimento religioso, a abstinência sexual pré-conjugal, os encontros após o casamento e outros contactos após o casamento.

Conteúdos abordados: referem-se aos conceitos abordados na preparação para o casamento. Os conteúdos apresentados no questionário de Wilmoth (2005) foram seleccionados com base numa revisão de literatura. São eles: cerimónia do casamento, expectativas realistas, perceção de papéis, crianças/parentalidade, carreira, personalidade/temperamento, relação com Deus, comunicação, resolução de conflitos, resolução de problemas, família de origem, finanças/orçamentos, relações com a família de origem do outro, amigos, relação sexual, planeamento familiar, dimensões espirituais, assuntos legais, compromisso.

Fatores de risco percebidos: dizem respeito a condições que estão associadas a uma maior probabilidade de distress conjugal (Wilmoth, 2005). No questionário desenvolvido por Wilmoth (2005), é pedido aos Padres que os classifiquem conforme a importância

que dão a cada um. No questionário constam: ter pais divorciados, falta de apoio por parte dos pais, idade jovem aquando do casamento, salários limitados, nível educativo limitado, disparidade de valores e crenças, coabitação prévia ao casamento, relações sexuais prévias ao casamento, características pessoais distintas (e.g. raça, estatuto socioeconómico, inteligência, idade, religião, etc...), gravidez pré-conjugal, fracas competências de comunicação, expectativas irrealistas, competências pobres de resolução de conflitos, curta duração do conhecimento mútuo, experiência prévia de abuso físico, experiência prévia de abuso sexual, experiência prévia de abuso verbal ou emocional, abuso de substâncias por um dos membros do casal.

Constrangimentos identificados: também definidos como obstáculos, são tudo aquilo que impede a resolução de um problema (Wilmoth, 2005). O recurso ao estudo dos obstáculos é fundamentado na perspetiva de Breunlin (1999), que sugere que a remoção de obstáculos é a forma mais eficaz de resolver um problema. Wilmoth (2005) assume que uma perspetiva válida na promoção da eficácia dos clérigos no fornecimento de PPC passa pela identificação e remoção de obstáculos. São definidos 16 obstáculos que Wilmoth (2005) subdivide em cinco sub-escalas. Estas sub-escalas não alcançaram consistência interna na população portuguesa, pelo que os constrangimentos são estudados como uma só escala.

Eficácia percebida: refere-se à perceção que os Padres têm da sua eficácia enquanto provedores de preparação para o casamento e à satisfação relativa ao modo como abordam os conteúdos incluídos no programa (Wilmoth, 2005). Trata-se, assim, de uma medida de eficácia obtida por meio de auto-relato.

Valor atribuído: refere-se à importância atribuída pelos clérigos aos PPC, associada às crenças acerca do potencial deste tipo de programas (Wilmoth, 2005). Esta sub-escala não alcançou a consistência interna necessária para ser alvo de estudo ($\alpha=0,15$; α da escala original=0,45) (Nunnally & Bernstein, 1994).

Abertura ao treino: concerne à abertura que os padres manifestam para a receção de formação externa cujo intuito é tornar os programas mais eficazes (Wilmoth, 2005). No questionário, não é explicado o tipo de formação que se pretende oferecer.

Componentes estruturais: corresponde a quatro parâmetros estruturais nos quais os PPC podem variar: formato, número de sessões, equipa formadora e esquema de reuniões. Estes parâmetros foram definidos com base numa revisão de literatura (e.g. Halford & Bodenmann, 2013; Tambling & Glenova, 2013; Williams, 1992; Williams et al., 1999; Wilmoth, 2005).

A nível de formato, os programas dividem-se em individualizado (um Padre para um casal), em grupo (vários casais participam no PPC simultaneamente) ou uma combinação de ambos (com sessões de grupo e sessões individualizadas). O número de sessões, por ser muito variável, foi dividido em seis intervalos: 1-2; 3-4; 5-6; 7-8; 9-10; >10. No que concerne à equipa formadora, foram definidas quatro configurações possíveis (no entanto, apenas as primeiras três foram encontradas na amostra): PPC fornecido apenas por um Padre, por um conjunto de casais, por um conjunto de casais + Padre, ou por um conjunto de casais + Padre + outros profissionais (e.g. psicólogos, enfermeiros). Por fim, o esquema reuniões pode tomar três formatos: reuniões espaçadas ao longo do tempo, programa condensado num (ou mais) fins-de-semana, ou uma combinação de reuniões e fim-de-semana.

Apêndice B : Organização de dois Programas religiosos de Preparação para o Casamento editados em formato livro

Neves, R. (2018). *E os dois serão uma só carne*. Cascais: Lucerna.

Tema	Conteúdos abordados	Para trabalhar
I. Um cruzamento de histórias pessoais	<p>Proposta de revisitar a história de um encontro que se quer tornar aliança definitiva de amor na premissa de que é Deus quem une e entrelaça as histórias de cada um; “(...) procurar no caminho já trilhado sinais, momentos, decisões, compromissos, fracassos superados que indiquem que este é caminho que Deus escolheu e que como casal desejam abraçar numa resposta livre, feliz e comprometida com o apelo de Deus” (p.17).</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O momento mais decisivo da nossa história 2. Fruto de uma história conjunta 3. Deus foi tecendo esta história 4. A nossa história diz o nosso futuro 	Fazer a história da relação: primeiro individualmente, e depois tirar uma tarde para a confrontar com a do outro. Especificar tempos, evolução humana, as marcas de Deus, os dramas e dificuldades, os momentos mais altos e os momentos mais baixos, os momentos de estagnação.
II. Atração e compatibilidade humanas	<p>“Em Jesus há um <i>casamento</i> entre o que é humano e o que é divino” (p.24).</p> <p>Proposta de aprender a discernir e a conhecer o realismo e a concretude do amor, sem fantasias e sem ilusões. Sendo o Matrimónio um sacramento de Jesus, é necessário “encontrar nele tudo o que é humano: diálogos, desejos,</p>	Fazer um mapa das características da pessoa que tenho a meu lado: o que admiro; as suas capacidades e os talentos especiais; o que mais me ajuda a crescer

	<p>conhecimento do mundo a dois, partilha de opiniões, tensões, medos, descobertas, risos, aprendizagens, encontro de interesses, decisões, inseguranças, grupos de amigos que se cruzam, silêncios, desajustes, toques, desfrute de experiências a dois, oração; no fundo, todos os ambientes e realidades em que o amor nasce e evolui” (p.24-25)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A base humana do matrimónio 2. Os motivos e a força da atração 3. Da atração para as compatibilidades 4. O conhecimento integral no caminho do amor 	<p>cer e puxa por mim; as maiores dificuldades e limitações; os pecados; o que mais me incomoda ou dificulta na relação com ele/ela; a melhor qualidade e o pior defeito na relação com os de fora. Escrever ainda os medos, as dificuldades e os defeitos que tenho para oferecer.</p>
III. A unidade do amor conjugal: amor em estado de conversão	<p>União entre homem e mulher como “um itinerário de vida, onde todos os dias a promessa dita no primeiro sim precisa de ser concretizada e renovada.” (p.32)</p> <p>Unidade do amor conjugal como um «amor em estado de conversão», onde se aprende diariamente a ser como Deus e a amar como Ele, na fidelidade quotidiana.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A unidade é um caminho e uma meta 2. Unir a partir das características humanas (as compatibilidades) 3. Unir a partir da dignidade e da eleição divinas 4. Unir a partir do projeto de Deus 	<p>Rezar o(a) meu(minha) noivo(a) reconhecendo-o(a) como maior do que eu. Alegrar-se com isso.</p> <p>Rever e reconhecer áreas da relação onde haja desequilíbrios e onde eu não me sinta tratado(a) como igual em dignidade ou em valor. Rever áreas onde a unidade seja ainda difícil. Rever áreas onde não há sintonia.</p>

	<ol style="list-style-type: none"> 5. Acolher quem me é dado 6. Só acolhe quem é pequeno 7. A unidade requer o conhecimento e a transparência 8. Converter-se à pessoa amada 9. A ternura como linguagem da proximidade e da disponibilidade 10. A intimidade sexual como linguagem da unidade e da exclusividade 	<p>Rever áreas onde a sintonia e a unidade são muito evidentes, e têm sido construídas de forma sólida. Agradecer isso.</p> <p>Rever a área da ternura.</p> <p>Fazer um texto conjunto de compromissos concretos com a unidade.</p>
IV. A fecundidade do amor conjugal: a expansão do amor	<p>A fecundidade familiar é a vida de Deus que desborda e se contagia como dilatação e comunicação gratuita do amor divino. Alarga-se em “expressões gratuitas de comunhão e amor, expandido as fronteiras do núcleo familiar num exercício permanente de confiança e corresponsabilidade” (p.44).</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A fecundidade é a vida que se contagia 2. A fecundidade de Deus é dilatação, comunicação e contágio do seu amor 3. A fecundidade nasce de dentro do amor 4. A fecundidade é sintoma do excesso de gratuidade no amor 5. A fecundidade é a unidade a alargar-se 	<p>Durante o mês, rezar pelos filhos que vão ter.</p> <p>Fazer um mapa dos aspetos que acham fundamentais para a educação dos vossos filhos: valores humanos, atitudes, hábitos, opções.</p> <p>Escolher o nome dos vossos filhos.</p> <p>Será bom insistir na oração de casal, geradora de uma intimidade profunda. Há hábitos da vida de casal que não</p>

	6. A fecundidade é estimulada pelos desafios de Deus e dos homens à generosidade 7. A fecundidade é a ousadia de alargar as fronteiras 8. O milagre de uma nova pessoa humana 9. Educação dos filhos: fecundidade fiel 10. A fecundidade pede a confiança e a responsabilidade 11. Só os servos são fecundos	aparecerão por geração espontânea a seguir ao casamento: é preciso começar a trabalhá-los desde já. A nossa relação passa no teste: «Eu sinto-me realmente amada por ti?»
V. A fidelidade do amor conjugal: a criatividade no amor	<p>“(…) o amor entre marido e mulher é chamado à fidelidade, que é a expressão no tempo do amor livre (…) a fidelidade conjugal mostra o que de bom há no casamento cristão, e fundamenta-se na fidelidade sem limites, restrições ou condições que Deus tem para com a sua obra” (p.54).</p> <p>Fidelidade conjugal como resposta à fidelidade de Deus.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Deus é fiel à sua obra porque é fiel a si mesmo 2. A fidelidade de Deus é a sua capacidade parar recriar todas as coisas 3. A fidelidade de Deus é a sua eternidade 4. A fidelidade de Deus é a pessoas, não a esquemas 5. A fidelidade é a resposta à promessa de Deus 6. A fidelidade é a resposta às iniciativas de Deus 7. A fidelidade é a capacidade de recriar permanentemente a relação 	<p>Pedir insistentemente na oração o dom da fidelidade.</p> <p>Para trabalhar a criatividade na relação: 1ª semana – combinar um jantar especial e tranquilo; 2ª semana – combinar uma missa fora do normal, seguida de um tempo de oração partilhada; 3ª semana – convidar um amigo ou casal amigo para um programa especial de encontro e partilha; 4ª semana – visitar em casal uma pessoa só ou em dificuldade; 5ª semana – fazer</p>

	8. A fidelidade vai até ao perdão	uma surpresa ao outro. Registrar na folha o que fizeram exatamente e como correu.
VI. O sacramento do matrimónio	<p data-bbox="515 414 1523 813">Dimensão sacramental do Matrimónio</p> <p data-bbox="515 494 1523 813">“No sacramento do Matrimónio, Cristo vem ao encontro dos esposos cristãos, fica com eles, dá-lhes a coragem de O seguirem, tomando o caminho da cruz, na entrega de amor até ao fim (cf. <i>Catecismo da Igreja Católica</i>, 1642). Faz-nos tomar consciência do grande mistério a que os cônjuges são chamados por Deus: serem sinal do amor de Cristo pela Igreja (cf. Ef 5, 21-33).” (p.65)</p> <ol data-bbox="515 861 1523 1198" style="list-style-type: none"> <li data-bbox="515 861 1523 901">1. Os sacramentos são gestos de Cristo <li data-bbox="515 917 1523 957">2. Os sacramentos são realidades dinâmicas <li data-bbox="515 973 1523 1013">3. A matéria do sacramento do matrimónio <li data-bbox="515 1029 1523 1069">4. Os ministros do sacramento do matrimónio <li data-bbox="515 1085 1523 1125">5. A significação do sacramento do matrimónio <li data-bbox="515 1141 1523 1181">6. As graças do sacramento do matrimónio 	<p data-bbox="1523 414 2040 686">Durante o mês, preparar a celebração do Matrimónio: rever o ritual, escolher as leituras, preparar a oração dos fiéis, escolher as orações que têm alternativas, escolher os cânticos.</p> <p data-bbox="1523 718 2040 813">Critérios de escolha dos textos e cânticos.</p> <p data-bbox="1523 861 2040 957">Rezar já estes textos, quer individualmente, quer em casal.</p> <p data-bbox="1523 1005 2040 1101">Será bom, nesta fase, um tempo de retiro espiritual.</p>

VII. A vida espiritual do casal	<p>“A vida espiritual do casal há de ser fonte e alimento permanente da unidade de ambos com Deus e em Deus; um verdadeiro programa de vida feito pelo casal, com projetos, etapas e objetivos, pois a melhor maneira de abrir-se a Deus é fazer d’Ele uma presença quotidiana no seu seio, não O arrumando no fim do dia ou na missa semanal” (p.72).</p>	<p>Rever e avaliar como foi a resposta à proposta de oração comum para este tempo de preparação.</p>
<ol style="list-style-type: none"> 1. Alimentar a unidade profunda 2. A fidelidade espiritual – o investimento da fé 3. A Eucaristia na vida do casal 4. A Confissão na vida do casal 5. A oração conjugal e a oração individual 6. Grupo de aprofundamento e empenhamento apostólico 7. Acompanhamento espiritual e dever de sentar 		<p>Partilhar o esquema de vida espiritual de cada um.</p> <p>Preparar uma confissão aprofundada sobre os meus pecados em contraste com a beleza e a profundidade que Deus me pediu para o meu namoro.</p> <p>Preparar em comum o programa de vida espiritual familiar e conjugal.</p>

Federação Portuguesa dos Centros de Preparação para o Matrimónio (2018). *Caminhada em matrimónio: um guia para noivos e famílias*. Luso-impress.

“O CPM (Centro de Preparação para o Matrimónio) é um serviço da Igreja Católica, de base paroquial, aberto a crentes e não crentes, que tem como finalidade principal a promoção de sessões de preparação de noivos para o matrimónio, através de uma pedagogia e metodologia próprias, baseadas na revisão de vida e no testemunho vivencial de casais católicos, assistidos por sacerdotes, e apoiados na reflexão e diálogo conjugais.” (p.174). Não tem como objetivo fornecer informação aos noivos pelo que são promovidos encontros de reflexão, e não cursos, com vista a fomentar uma caminhada de preparação para o Matrimónio.

A equipa de base é constituída por seis ou sete casais, sendo um deles coordenador e os restantes animadores. A equipa é acompanhada por um assistente, normalmente um sacerdote. De modo geral, a estrutura das sessões divide-se em oito momentos: acolhimento dos noivos, reflexão em casal, reflexão em grupo, momento de convívio, plenário (opcional), testemunho de um casal, palavra do assistente e oração final.

Esta caminhada aborda seis temas fundamentais, que são precedidos por uma sessão de acolhimento e apresentação do CPM. Os temas são:

- I. Uma comunidade de amor
- II. Novas situações, novas exigências
- III. Diálogo e gestos de amor
- IV. A fecundidade do casal
- V. Matrimónio, sacramento de amor
- VI. Amor ao longo da vida

Apêndice C: Instrumentos utilizados na recolha de dados

Apêndice C1. Questionário sócio-demográfico e de caracterização dos PPC (estudo qualitativo)

Idade: _____

Sexo: ☐ Feminino ☐ Masculino

Escolaridade:

☐ Até ao 9º ano

☐ 12º ano

☐ A frequentar o ensino superior

☐ Licenciatura

☐ Mestrado

☐ Doutoramento

Profissão: _____

Situação relacional atual:

☐ Noivo(a)

☐ Casado(a)

Duração da relação (em meses): _____

Com quem reside?

☐ Familiares. Especifique _____

☐ Colegas/amigos

☐ Sozinho(a)

☐ Noivo(a)/Companheiro(a)

☐ Outra situação. Especifique _____

Estado Civil dos Pais:

Pai:

☐ Casado

☐ União de facto/coabitação

☐ Divorciado/separado

☐ Viúvo

☐ Solteiro

☐ Não sei

Mãe:

☐ Casada

☐ União de facto/coabitação

☐ Divorciada/separada

☐ Viúva

☐ Solteira

☐ Não sei

É crente em alguma religião?

☐ Não ☐ Sim. Qual? _____

É praticante? ☐ Não ☐ Sim

Selecione a/as opção/opções que melhor descreve o formato do Programa de Preparação para o Casamento em que participou:

☐ Fim-de-semana para um grupo de noivos

☐ Reuniões individuais (1 casal + Padre)

Caso seja este o caso:

Quantas reuniões foram? _____

Qual a duração média por reunião? _____

Qual o espaçamento entre reuniões? _____

☐ Reuniões com um grupo de noivos

Caso seja este o caso:

Quantas reuniões foram? _____

Qual a duração média por reunião? _____

Qual o espaçamento entre reuniões? _____

☐ Outro. Qual? _____

Selecione a opção que melhor descreve o contexto em que participou no Programa de Preparação para o Casamento:

☐ A¹²

☐ B

☐ C

☐ D

☐ Outro. Qual? _____

Selecione a opção que melhor descreve a equipa formativa do Programa de Preparação para o Casamento em que participou:

☐ Casal ou Conjunto de casais

☐ Casal ou Conjunto de casais + Padre(s)

☐ Padre(s)

¹² Por motivos de confidencialidade, não serão revelados os contextos estudados. Posto isto, estes foram substituídos pelas letras A, B, C e D. As características de cada um constam no Quadro 1.

☐ Casal ou Conjunto de casais + Padre(s) + outros. Quais?

Selecione a opção que melhor descreve o tipo de Programa de Preparação para o Casamento em que participou:

- ☐ Apresentação didática de informação
- ☐ Programa focado no treino de competências
- ☐ Misto (Apresentação didática de informação + treino de competências)
- ☐ Outro. Qual?

Marque com um X os conteúdos que recorda terem sido abordados no Programa de Preparação para o Casamento em que participou. Caso tenham sido abordados temas que não estejam elencados, acrescente-os, por favor, no final.

- ☐ Cerimónia do casamento
- ☐ Expectativas realistas
- ☐ Perceção de papéis
- ☐ Crianças/parentalidade
- ☐ Carreira
- ☐ Personalidade/temperamento
- ☐ Relação com Deus
- ☐ Comunicação
- ☐ Resolução de conflitos
- ☐ Resolução de problemas
- ☐ Família de origem
- ☐ Finanças/orçamentos
- ☐ Relações com a família de origem do outro
- ☐ Amigos
- ☐ Relação sexual

- ☐ Planeamento familiar
 - ☐ Dimensões espirituais
 - ☐ Assuntos legais
 - ☐ Compromisso
 - ☐ Outros. Quais? _____
-
-

Consentimento Informado

O presente estudo, para o qual pedimos a sua colaboração, está integrado no âmbito de uma dissertação de mestrado realizada através da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa por Matilde Jonet e orientada pela Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro. Pretende-se, com este estudo, compreender a perspetiva de noivos e padres acerca dos programas de preparação para o casamento implementados em diferentes contextos religiosos.

A sua colaboração consiste na participação numa entrevista que terá a duração aproximada de 45 minutos. A participação é voluntária e a decisão de não participar não tem qualquer consequência, podendo desistir a qualquer momento, se assim o desejar.

Esta sessão será gravada para que a informação seja, posteriormente, sintetizada. Após a elaboração da síntese, a gravação será eliminada. Garantimos a confidencialidade de toda a informação recolhida, não sendo registados dados que o possam identificar.

Todo o estudo decorrerá segundo os princípios éticos internacionais aplicados à investigação em Psicologia. Poderá esclarecer qualquer dúvida e/ou obter informações sobre a investigação através do endereço de email: matildejonetmatta@gmail.com

Ao aceitar a sua participação neste estudo, confirma que:

- Tomou conhecimento dos objetivos da investigação e do que lhe é pedido
- Tomou conhecimento de que os dados são confidenciais
- Tomou conhecimento de que os dados são analisados anonimamente
- Tomou conhecimento de que a sessão será gravada
- Participa voluntariamente

(O participante)

Data: ____/____/____

Gratos pela sua participação!

Apêndice C3. Guião de entrevista semi-estruturada (estudo qualitativo)

Blocos Temáticos	Objetivos gerais	Objetivos específicos	“Perguntas tipo”	Notas
1.Introdução, informação geral e sociodemográfica	<p>1. Realizar a apresentação da entrevistadora</p> <p>2. Explicar os objetivos do estudo e da entrevista</p> <p>3. Clarificar aspetos deontológicos</p> <p>4. Requerer a assinatura do consentimento informado e permissão para gravação</p> <p>5. Requerer o preenchimento do questionário sociodemográfico e de caracterização dos programas</p>	<p>1.1. Agradecer a participação</p> <p>2.1. Informar acerca dos objetivos do estudo</p> <p>2.2. Informar acerca dos objetivos e duração da entrevista</p> <p>3.1. Garantir a confidencialidade</p> <p>3.2. Informar acerca do direito à não resposta</p> <p>5.1. Recolher informação socio demográfica relevante</p> <p>5.2. Caracterizar o PPC em que o casal participou</p>	<p>4.1.1. Permitem-me que grave a entrevista para que não se perca nenhuma informação?</p>	<p>* Consentimento Informado</p> <p>* Questionário sociodemográfico e de caracterização dos programas</p>

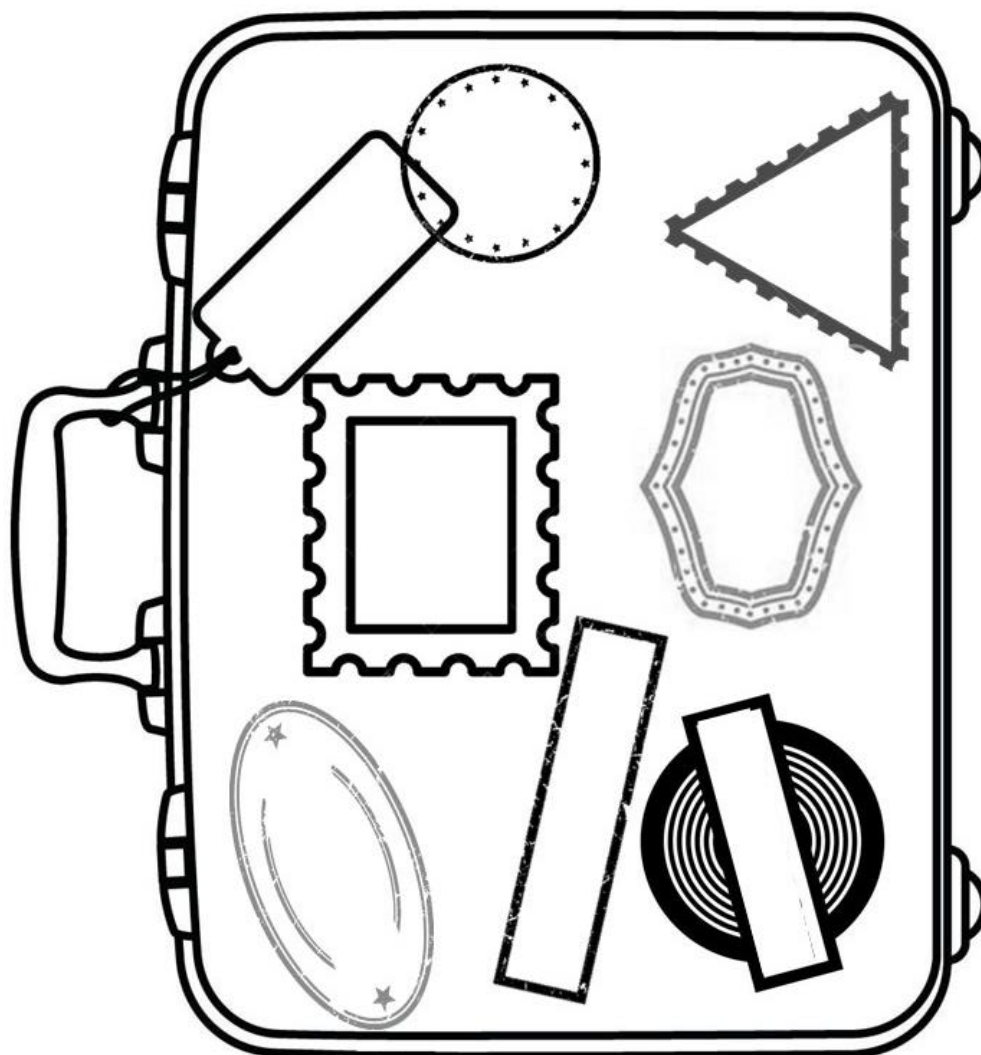
	6. Proceder à apresentação do casal	6.1. Recolher nomes e idades 6.2. Compreender há quanto tempo participaram num PPC	6.1.1. Como se chamam? 6.1.2. Que idades têm? 6.2. Há quanto tempo participaram num programa de preparação para o casamento?	
II. Programa de preparação para o Casamento	1. Compreender impressões gerais acerca do programa 2. Explorar expectativas e o seu contraste com a realidade	1.1. Compreender como os noivos pautam a participação no PPC. 1.2. Explorar o diálogo que o programa suscitou no casal 2.1. Compreender quais as expectativas relativamente ao programa 2.2. Compreender o contraste entre expectativas e realidade	1.1.1. O que diriam, com base na vossa experiência, a um casal de noivos que está indeciso acerca da sua participação num PPC? 1.2.1. Após o programa, falaram entre vocês sobre aquilo que acharam? 1.2.2. Como foi contrastar a perspetiva de um e de outro? 2.1.1. Conseguem lembrar-se de quais eram as vossas expectativas para o PPC quando se inscreveram? 2.2.1. Consideram que o programa foi ao encontro daquilo que esperavam? 2.2.2. Houve algum tema/pergunta/atividade que vos tenha surpreendido?	

			<p>2.2.3. Houve algum tema/atividade que tenha gerado discórdia?</p> <p>2.2.4. Houve algum tema/atividade que tenha gerado união?</p>	
	3. Explorar a percepção do casal	<p>3.1. Identificar a palavra/metáfora/imagem que melhor descreve o programa em que participaram</p> <p>3.2. Compreender qual(uais) o(os) tema/ atividade/ dinâmica considerados mais positivos</p> <p>3.3. Compreender qual(uais) o(os) tema/atividade/dinâmica(s) considerados mais negativos</p>	<p>3.1.1. Se vos pedisse para descreverem numa palavra, metáfora ou imagem o que foi este programa para a vossa relação, como é que o descreviam?</p> <p>3.2.1. Qual foi o aspeto mais positivo?</p> <p>3.3.1. Qual foi o aspeto mais negativo?</p>	
	4. Explorar principais aprendizagens do programa e o seu impacto no casal	4.1. Compreender quais as principais aprendizagens proporcionadas pelo programa	4.1.1. Gostava que olhassem para esta mala como símbolo daquilo que trouxeram do programa de preparação para o casamento em que participaram, e que escrevesse nas etiquetas as principais aprendizagens que o programa vos proporcionou	*Dinâmica da mala

		<p>4.2. Explorar o impacto das aprendizagens associadas ao PPC</p> <p>4.3. Compreender quais os frutos do programa a longo prazo</p> <p>4.4. Compreender o impacto do programa no casal</p>	<p>4.2.1. Daquilo que trouxeram do programa, o que é que teve mais impacto na vossa relação?</p> <p>4.3.1. Consideram que, daqui a 5 anos, as aprendizagens ou frutos deste programa poderão continuar presentes?</p> <p>4.3.2. Quais? De que forma?</p> <p>4.4.1. Se tivessem de atribuir um número de 0 a 10 ao grau de impacto que este programa teve na vossa relação, sendo 0=não teve impacto absolutamente nenhum e 10=melhorou muito a nossa relação, que número atribuiriam?</p>	
	5. Explorar sugestões de mudança	<p>5.1. Explorar pequenas mudanças no sentido de aumentar o impacto do programa no casal</p> <p>5.2. Identificar sugestões/alterações para o futuro</p>	<p>5.1.2. O que seria necessário mudar para subirem 1 ponto nessa escala?</p> <p>5.2.1. Para terminar, e partindo do que estamos a falar, gostava que se imaginassem daqui a 10 anos, como casal formador do programa de preparação para o casamento em que participaram.</p>	

			Mudariam alguma coisa? O quê?	
III. Finalização	<p>1. Preparar para o término da entrevista</p> <p>2. Agradecer a participação do casal</p> <p>3. Informar que podem ser informados acerca das conclusões finais do trabalho</p> <p>4. Dar espaço para que sejam colocadas questões e/ou sugestões</p>	<p>1.1. Questionar se há algo que gostassem de acrescentar</p> <p>2.1. Sublinhar a importância do seu contributo para a investigação</p> <p>3.1. Requerer um contacto caso desejem receber um resumo das principais conclusões</p> <p>4.1. Perguntar ao casal se existem questões ou assuntos que desejam esclarecer</p>	<p>1.1.1. Há algum tema, algum aspeto que queiram acrescentar àquilo que discutimos?</p> <p>4.1.1. Têm alguma dúvida/questão?</p> <p>4.1.2. Há alguma sugestão que queiram deixar?</p>	

Apêndice C4. Dinâmica com mala utilizada na entrevista semi-estruturada (estudo qualitativo)



Programas de Preparação para o Casamento

Interpretando esta mala como símbolo daquilo que “trouxe” do programa de preparação para o casamento em que participou, por favor escreva nas etiquetas as principais aprendizagens que o programa lhe proporcionou.

Entrevista:

Data: ____/____/____

Sexo:

Questionário de Opinião Confidencial

**Tradução do *Oklahoma Clergy Involvement in Marriage Preparation Survey*
(Wilmoth, 2005)**

Parte 1: Nesta primeira parte, pretende-se sumariar algumas características demográficas dos padres que realizam preparação para o casamento e dos contextos em que o fazem. Esta informação é confidencial e ajudar-nos-á a compreender algumas diferenças existentes entre os Cursos de Preparação para o Matrimónio dependentes do contexto em que são realizados.

1. Idade:

2. Há quantos anos é Padre? _____

3. Marque com um X a sua posição atual:

☐ Prior ☐ Vigário paroquial ☐ Padre de um Movimento ☐ Outro. Qual?

4. Há quantos anos está na sua posição atual? _____

5. Escolha a opção que melhor descreve o âmbito no qual realiza a preparação de noivos para o casamento

☐ A¹³ ☐ B

☐ C ☐ D

☐ Outro. Qual? _____

6. Qual é o nível mais elevado de formação completou? (Marque com um X a resposta mais adequada)

☐ Doutoramento ☐ Mestrado ☐ Licenciatura ☐ Escolaridade Obrigatória

7. Caso tenha completado Licenciatura, Mestrado ou Doutoramento, qual/quais a/s sua/suas área/áreas de estudo?

8. Por favor, indique o número aproximado e o tipo de cursos que realizou em cada uma das seguintes áreas:

• **Aconselhamento:** _____

☐ Workshop ☐ Conferência ☐ Curso certificado ☐ Pós-graduação

☐ Outro. Qual? _____

¹³ Por motivos de confidencialidade, não serão revelados os contextos estudados. Posto isto, estes foram substituídos pelas letras A, B, C e D. As características de cada um constam no Quadro 1.

• **Casamento e família:** ____

- ☐ Workshop ☐ Conferência ☐ Curso certificado ☐ Pós-graduação
☐ Outro. Qual? _____

• **Educação para a vida familiar:** ____

- ☐ Workshop ☐ Conferência ☐ Curso certificado ☐ Pós-graduação
☐ Outro. Qual? _____

• **Preparação para o matrimónio:** ____

- ☐ Workshop ☐ Conferência ☐ Curso certificado ☐ Pós-graduação
☐ Outro. Qual? _____

- Outros cursos que tenha frequentado e considere relevantes para a preparação de noivos para o casamento:

9. Quantos casamentos (aproximadamente) realizou em cada um dos seguintes anos:

2016 _____ 2017 _____ 2018 _____

10. Aproximadamente, quantos casamentos realizaram outros padres da sua comunidade (para além de si) em cada um dos seguintes anos?

2016 _____ 2017 _____ 2018 _____

11. Descreva, de forma breve, a estrutura e conteúdos mais relevantes dos CPM's que realiza
[por exemplo: extensão no tempo, número médio de sessões, formato de grupo ou individualizado, guiado por um programa estruturado (caso seja este o caso, indique qual) ou adaptado consoante as necessidades do casal, conduzido por uma equipa de pessoas ou somente por si, principais conteúdos, alguns exemplos de atividades realizadas]

Parte 2: Em baixo, são apresentados algumas condições que são, por vezes, exigidos por padres na preparação de noivos para o casamento. Por favor, marque com um X a opção que melhor descreve a medida em que requer cada uma das seguintes condições, numa escala de 0 a 4 (0=Nunca requerido; 1= Raramente requerido; 2=Por vezes requerido; 3=Frequentemente requerido; 4=Sempre requerido). Caso tenha condições não apresentados abaixo, por favor acrescente-os no espaço “Outros”.

Nunca requerido	Raramente requerido	Por vezes requerido	Frequentemente requerido	Sempre requerido	
0	1	2	3	4	Tempo de espera desde o contacto até ao casamento. <i>Caso seja requerido, qual o período de tempo necessário?</i>
0	1	2	3	4	Inventário pré-conjugal de casal <i>Caso seja requerido, qual?</i>
0	1	2	3	4	Reunião/reuniões com o padre <i>Caso seja requerido, quantas sessões?</i>
0	1	2	3	4	Aulas/sessões em grupo (com outros casais)
0	1	2	3	4	Sessões com casais mentores (casais experientes que participam em encontros com casais noivos)
0	1	2	3	4	Trabalhos para casa <i>Caso sejam requeridos, qual o número aproximado de tarefas pedidas?</i>
0	1	2	3	4	Pertença à comunidade/movimento religioso
0	1	2	3	4	Abstinência sexual pré-conjugal
0	1	2	3	4	Encontros/reuniões após o casamento <i>Caso se realizem, quantas sessões?</i> <i>Quantos meses após o casamento?</i>
0	1	2	3	4	Outros contactos após o casamento <i>Caso existam, de que tipo?</i>
Outros:					

Parte 3: Abaixo, encontram-se várias áreas de conteúdo que podem ser abordadas na preparação de noivos para o casamento. Com o intuito de compreender quais as que inclui aquando da preparação de noivos para o casamento, marque com uma cruz o número que melhor descreve quão satisfeito está com o modo como aborda cada tema abaixo referido na preparação para o matrimónio que realiza, numa escala de 0 a 4, em que 0 é “Nada satisfeito” e 4 é “Muito Satisfeito”.

Nada satisfeito		Muito satisfeito			
0	1	2	3	4	Cerimónia do casamento
0	1	2	3	4	Expectativas realistas
0	1	2	3	4	Perceção de papéis
0	1	2	3	4	Crianças/parentalidade
0	1	2	3	4	Carreira
0	1	2	3	4	Personalidade/temperamento
0	1	2	3	4	Relação com Deus
0	1	2	3	4	Comunicação
0	1	2	3	4	Resolução de conflitos
0	1	2	3	4	Resolução de problemas
0	1	2	3	4	Família de origem
0	1	2	3	4	Finanças/orçamentos
0	1	2	3	4	Relações com a família de origem do outro
0	1	2	3	4	Amigos
0	1	2	3	4	Relação sexual
0	1	2	3	4	Planeamento familiar
0	1	2	3	4	Dimensões espirituais
0	1	2	3	4	Assuntos legais
0	1	2	3	4	Compromisso

Parte 4: Existem condições que, segundo a literatura, estão associadas com maior probabilidade de dificuldades conjugais futuras. Em seguida, estão alguns fatores de risco conhecidos. Por favor, marque com um X o número que melhor descreve quão importante acredita que cada um destes fatores é para o bom-funcionamento conjugal, sendo que 0 corresponde a “Nada importante” e 4 “Muito importante”.

Nada					Muito	
Importante					importante	
0	1	2	3	4	Ter pais divorciados	
0	1	2	3	4	Falta de apoio por parte dos pais	
0	1	2	3	4	Idade jovem aquando do casamento	
0	1	2	3	4	Salários limitados	
0	1	2	3	4	Nível educativo limitado	
0	1	2	3	4	Disparidade de valores e crenças	
0	1	2	3	4	Coabitação prévia ao casamento	
0	1	2	3	4	Relações sexuais prévias ao casamento	
0	1	2	3	4	Características pessoais distintas (e.g. raça, estatuto socioeconómico, inteligência, idade, religião, etc...)	
0	1	2	3	4	Gravidez pré-conjugal	
0	1	2	3	4	Fracas competências de comunicação	
0	1	2	3	4	Expectativas irrealistas	
0	1	2	3	4	Competências pobres de resolução de conflitos	
0	1	2	3	4	Curta duração de conhecimento mútuo	
0	1	2	3	4	Experiência prévia de abuso físico	
0	1	2	3	4	Experiência prévia de abuso sexual	
0	1	2	3	4	Experiência prévia de abuso verbal ou emocional	
0	1	2	3	4	Abuso de substâncias por um dos membros do casal	
Mencione outros fatores de risco que considere importantes:						

Parte 5: As seguintes frases identificam razões pelas quais alguns padres podem pensar que a preparação para o matrimónio poderia ser mais eficaz. Por favor, selecione com um X quanto concorda com cada uma das afirmações, de 1 (Discordo fortemente) a 8 (Concordo fortemente).

Discordo fortemente		Geralmente discordo		Geralmente concordo		Concordo fortemente		
1	2	3	4	5	6	7	8	
1	2	3	4	5	6	7	8	Penso que não recebi formação suficiente para fornecer preparação para o casamento adequada.
1	2	3	4	5	6	7	8	A minha comunidade não reconhece o valor da preparação para o casamento.
1	2	3	4	5	6	7	8	A minha comunidade não encoraja a preparação para o matrimónio.
1	2	3	4	5	6	7	8	Não estou convencido de que este tipo de programas seja muito eficaz.
1	2	3	4	5	6	7	8	Não estou confortável com situações de “aconselhamento”.
1	2	3	4	5	6	7	8	Os recursos financeiros da Igreja são limitados.
1	2	3	4	5	6	7	8	Não tenho conhecimento dos recursos que estão disponíveis para me auxiliar.
1	2	3	4	5	6	7	8	Outros padres na minha comunidade não parecem valorizar a preparação para o casamento.
1	2	3	4	5	6	7	8	As pessoas da minha comunidade (fiéis) não parecem valorizar a preparação para o casamento.
1	2	3	4	5	6	7	8	Tenho demasiadas responsabilidades e não tenho tempo suficiente.
1	2	3	4	5	6	7	8	Não me considero competente para lecionar cursos de preparação para o casamento.
1	2	3	4	5	6	7	8	Os casais estão tão focados no casamento que não conseguem focar-se na preparação do mesmo.
1	2	3	4	5	6	7	8	Os noivos não valorizam a preparação para o casamento.
1	2	3	4	5	6	7	8	Os pais tornam muitas vezes o processo de preparação do casamento mais difícil.

1	2	3	4	5	6	7	8	Demasiados casais continuam a ter problemas após a preparação para o casamento.
---	---	---	---	---	---	---	---	---

1	2	3	4	5	6	7	8	É muito mais difícil trabalhar com casais do que com indivíduos.
---	---	---	---	---	---	---	---	--

Outros:

Parte 6: Perto do final, gostaríamos de compreender o que é que pensa acerca do valor e eficácia da preparação do casamento. Sendo que 1 significa “Discordo fortemente” e 8 “Concordo fortemente”, assinale com um X o quanto concorda com cada uma das seguintes afirmações.

Discordo fortemente		Geralmente discordo		Geralmente concordo		Concordo fortemente		
1	2	3	4	5	6	7	8	
1	2	3	4	5	6	7	8	A preparação para o casamento é uma componente valiosa do meu ministério.
1	2	3	4	5	6	7	8	Apenas ofereço preparação para o casamento porque é esperado que o faça.
1	2	3	4	5	6	7	8	Penso que, de um modo global, faço um bom trabalho na preparação de casais para o casamento.
1	2	3	4	5	6	7	8	Estou disposto a receber treino adicional no âmbito da preparação para o casamento.
<i>Caso concorde, há alguma área específica em que sente maior necessidade de formação no âmbito da preparação para o casamento?</i>								
1	2	3	4	5	6	7	8	Os padres não deveriam estar envolvidos em assuntos privados, como o é a preparação para o casamento.
1	2	3	4	5	6	7	8	Penso que os casais beneficiaram da preparação para o casamento que providenciei no passado.
1	2	3	4	5	6	7	8	Acredito que há margem para melhorias na eficácia dos cursos de preparação para o casamento.

Para finalizar, como diria que a sua opinião, relativamente à importância e eficácia da preparação para o casamento, mudou nos últimos 5 anos? (Marque com um X a melhor resposta)

Importância atribuída atualmente comparativamente àquela atribuída há 5 anos atrás	Muito menos agora	Um pouco menos agora	Mais ou menos igual	Um pouco mais agora	Muito mais agora
Eficácia percebida atualmente comparativamente àquela percebida há 5 anos atrás	Muito menos agora	Um pouco menos agora	Mais ou menos igual	Um pouco mais agora	Muito mais agora

CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO

O presente questionário está integrado no âmbito de uma dissertação de mestrado realizada através da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa por Matilde Jonet e orientada pela Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro. Esta dissertação pretende compreender e comparar a perspetiva dos noivos e padres acerca dos Programas de Preparação para o Casamento implementados em diferentes contextos religiosos.

A sua colaboração é requerida na medida em que se pretende compreender as práticas, atitudes e crenças dos padres que fornecem serviços de preparação para o casamento. A sua participação é voluntária e a decisão de não participar não tem qualquer consequência. Os resultados são confidenciais e não serão atribuídos a um respondente específico.

A participação nesta investigação implica o preenchimento de uma adaptação do questionário “Oklahoma Clergy Involvement in Marriage Preparation” (Wilmoth, 2005).

Caso deseje ter acesso aos resultados gerais da investigação ou outros esclarecimentos acerca da mesma, poderá solicitar informação através do seguinte endereço eletrónico: matildejonetmatta@gmail.com

Ao aceitar a sua participação neste estudo, confirma que:

- Tomou conhecimento dos objetivos da investigação e do que lhe é pedido
- Tomou conhecimento de que os dados são confidenciais
- Tomou conhecimento de que os dados são analisados anonimamente
- Participa voluntariamente

(O participante)

Data: ____/____/____

Gratos pela sua participação!

Apêndice D: Esquemas elaborados no decorrer da análise temática

Apêndice D1. Esquemas desenvolvidos na etapa de codificação axial



<div> <div>26/08</div> <div>CODIFICAÇÃO INTERMÉDIA</div> <div>EXCUSED CODING, CHARMAC (2006)</div> </div>			
CATEGORIAS E SUB-CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	PROPRIEDADES	EXEMPLOS
<p>OPINIÃO GERAL *13-01</p> <p>(LINK COM VARIÁVEL AINDA - CADA UM TEMENDO O NÃO OUTRO)</p>	<p>PERSPECTIVA GLOBAL DOS CASOS DO PROGRAMA EM QUE PARTICIPARAM; RECOMENDAÇÃO PARA CASOS NOVOS; E JUSTIFICAÇÃO DA RECOMENDAÇÃO</p>	<p>RECOMENDADO; CONDIÇÕES (FUSCO ALVO); PORQUÊ DE RECOMENDAR (VERMELHO)</p>	<p>NEM PARECE SE DE LOS CUIDAR CO OU NÃO, SÓO QUE É UM... PARA QUALQUER PESSOA (13.01)</p>
<p>CONTRASTE DE PERSPECTIVAS [TEMA] *14-01</p> <p>LINK COM "TRABALHO PARA CASA"</p> <p>EVENTUAL LINK COM "MUNDO CONTEMPORÂNEO"</p> <p>SEJA O CONTRASTE DE PERSPECTIVA UM PROCESSO LINGÜÍSTICO EM "DESEJO/CONVERSA"?</p> <p>CONTEÚDO DO CONTRASTE DE PERSPECTIVAS</p> <p>*14-03</p>	<p>EXISTÊNCIA OU NÃO DE CONVERSA; FORMA DAS CONVERSAÇÕES (CONTÊÚDO OU "MARCADES"); CHOQUE, OU NÃO, DE OPINIÕES; "GERALMENTE TEMOS OPINIÕES PARCIAIS"</p> <p>TEMAS QUE GERAM CONVERSA; CONTEÚDO DA CONVERSA; EXISTÊNCIA DE CONTRASTE EXPLÍCITO OU NÃO</p> <p>TÍPO DE TRABALHOS PARA CASA EM TERMOS DE TEMA; FUNÇÃO CRIE OU DOS E "ENVIADOS" CECOS OU INDIVIDUAIS</p>	<p>ACORDO ENTRE O CASAL; EXISTÊNCIA OU NÃO DE CONVERSA; NATURAL OU FORMAL (TEMOS MESMO DE PREPARAR O CONTEÚDO PI ESTAS CONVERSAS OCONTECEM"22)</p> <p>TEMAS QUE GERAM CONVERSA; CONTEÚDO DAS CONVERSA; CONTRASTE EXPLÍCITO (ELEMENTOS QUE PODEM OU EXPLÍCITO CONVERSAIS)</p> <p>FORMA (LER TEXTOS, CONVERSAS, PERGUNTAS); FUNÇÃO (PREPARAR MATERIAL A SEGUIR VS CONTINUAÇÃO ANTERIOR INDIVIDUAL VS GRUPO)</p>	<p>NÃO ENCONTRO QUE NOS DIZE... MAS PARTICIPAMOS EM... MEMÓRIAS DE VER MUITA LUTA" (13.1)</p> <p>"MAQUETE COMO PARA CASA, APARTADO MUITO ALTO... ALEGRIA, TINHAMOS SEMPRE... PARECEMOS SEMPRE A DESCOBERTA" (13.10)</p> <p>"TAVELAMOS UM BARRADO SOBRE O TEMPO DO... DA TEM (13.1)"</p> <p>"OS TEMAS NÃO SÃO MUITO INTERESSANTES"</p>
<p>PERSPECTIVAS *14-04</p> <p>LINK COM "REFERÊNCIAS E ESCOLHA DO PROGRAMA"</p> <p>CONTRASTE EXPECTATIVAS - REALIDADE</p> <p>*14-02</p>	<p>AQUILO QUE ERA ESPERADO PELOS NOVOS ANTES DO INÍCIO DO PROGRAMA EM TERMOS DE TEMAS, "QUALIDADE", FORMATO E SE, HAVIA OU NÃO EXPECTATIVAS</p> <p>CONTRASTE ENTRE O QUE ERA ESPERADO E O QUE ACABOU POR ACONTECER EM TERMOS DE FORMATO, TEMAS, QUALIDADE, CONFIRMAÇÃO/DESCONFIRMAÇÃO DE EXPECTATIVAS</p>	<p>TEMAS ESPERADOS, QUANTIDADE ESPERADA (COM VS SEM), FORMATO ESPERADO</p> <p>EXISTÊNCIA OU NÃO DE EXPECTATIVAS</p> <p>FORMATO, TEMAS, QUALIDADE/CONTÊÚDO GERADO</p> <p>CONFIRMAÇÃO/DESCONFIRMAÇÃO DE EXPECTATIVAS</p>	<p>"TAVELAMOS A ESPERA QUE TIVEMOS PARA O TEMPO (13.10)"</p> <p>"A expectativa era uma coisa... mas não logo não... que tem bom" (13.1)</p> <p>"BOM VAMOS AN... E QUE... QUE M... SURPREENDENDO PARA POSITIVA" (13.13)</p>
<p>ASPECTOS SURPREENDENTES *15-02</p> <p>UNIR DE alguma maneira 4 expectativas e CONTRASTE</p> <p>ASPECTOS SURPREENDENTES // CONTRASTE PARA REALIDADE</p> <p>LINK COM "REFERÊNCIAS E ESCOLHA DO PROGRAMA"</p>	<p>EXISTÊNCIA (OU NÃO) DE ASPECTOS SURPREENDENTES, POSITIVA OU NEGATIVAMENTE</p> <p>ASPECTOS SURPREENDENTES A NÍVEL DE CONTEÚDOS, FORMATO, VIVÊNCIA COMO CASOS, IMPACTO DO PROGRAMA E NA PRÓPRIA REALIDADE DO CASAL</p>	<p>EXISTÊNCIA OU NÃO; POSITIVOS OU NEGATIVOS; A NÍVEL DE CONTEÚDO, FORMATO, VIVÊNCIA E DOS CASOS, IMPACTO RELATADO DE CADA</p>	<p>NO CONTEÚDO DOS TEMAS, NÃO FOI SURPREENDENTE (13.10)"</p> <p>"PAROINHO NOS NÃO SOMOS UM CASO RELATADO... FOI ALGO QUE QUE FOI UMA MUITO SURPREENDENTE (13.10)"</p> <p>"MUITO QUE NO TODO ALGO QUE FOI POR ME SURPREENDENTE" (13.1)</p>
<p>TEMAS ABRORDADOS *17-01</p> <p>INFERILIDADE *18-25</p> <p>FAMÍLIAS *18-25</p> <p>EDUCAÇÃO DOS FILHOS *18-26</p> <p>LINK COM "FAMÍLIAS"</p> <p>GESTÃO DE CONFLITOS (*18-11)</p> <p>GESTÃO DE TEMPO (*18-12)</p> <p>PLANEJAMENTO FAMILIAR (*18-21)</p> <p>SEXUALIDADE (*18-17)</p> <p>ASSUNTOS LEGAIS (*18-6)</p>	<p>Perspectiva global acerca dos temas que foram abordados</p> <p>Inferilidade como tema; Impacto; conteúdos abordados e formato do tema; Referências à fertilidade; Componente biológico</p> <p>Famílias como tema; seja em relação à construção de uma nova família como relativamente às relações com as famílias de origem</p> <p>Educação dos filhos como tema</p> <p>Conteúdos abordados no tema da gestão de conflitos; e técnicas</p> <p>conteúdos abordados no workshop de gestão de tempo</p> <p>Métodos de planejamento familiar e envolvimento do homem na vida hormonal da mulher</p> <p>sexualidade como tema e modo como foi abordado</p> <p>Assuntos legais como tema</p> <p>aprendizado de coisas mais velhas e discutido</p>	<p>Perspectiva global</p> <p>Impacto do tema; Conteúdos abordados; formato</p> <p>Conteúdos abordados (famílias de origem vs família em construção)</p> <p>Conteúdos abordados; biológico</p> <p>técnicas; conteúdo; aprendizagem; situações concretas</p> <p>seminários; aprendizagem; conteúdos</p> <p>métodos de planejamento natural; adequação; menor ausência; desejo de construir mais; importância de ser feito em casal; complementares; descoberta;</p> <p>surpresa; abordagem ao tema;</p> <p>questões legais; aprender com o testemunho de coisas mais velhas; provocar mudança</p>	<p>"OS TEMAS QUE SE TAVELAMOS FORAM... FUNDAMENTAIS" (13.1)</p> <p>"AN... TAVELAMOS DE UM CONTEÚDO TEMAS" (13.13)</p> <p>"FOCÁVAMOS MUITO NA RESOLUÇÃO DOS DOS E NOS PROBLEMAS QUE PODEM SURTIR"</p>

2 CONTINUAÇÃO DA CODIFICAÇÃO INTERMÉDIA (26/08)

CATEGORIAS E SUB-CATEGORIAS	É válido ou aguçado nestes os "temas geradores de discordância" e "temas geradores de união", negando tudo aquilo que é "não, não, não" e incluindo como "discordância" (em processos) e "união" (em processos)	PRIEDADES	"Faz todo o sentido que tanto a discordância como a união sejam integradas em processos."
<p>TEMAS GERADORES DE DISCORDÂNCIA *13-49</p> <p>Quem deve ser incluído em temas ou a "discordância" ser incluída em processos // Despo-estar conversas // discordância</p>	<p>é válido ou aguçado nestes os "temas geradores de discordância" e "temas geradores de união", negando tudo aquilo que é "não, não, não" e incluindo como "discordância" (em processos) e "união" (em processos)</p>	<p>uma ou não de as- são da discordância, "não-geralmente" discordância</p>	<p>"Faz todo o sentido que tanto a discordância como a união sejam integradas em processos."</p> <p>lesenam criados nos novos apenas com as respostas reais de "discordância" e de "união" Sem tudo o que é "Não que não!"</p>
<p>TEMAS GERADORES DE UNIÃO *14-44</p>	<p>é válido ou aguçado nestes os "temas geradores de discordância" e "temas geradores de união", negando tudo aquilo que é "não, não, não" e incluindo como "discordância" (em processos) e "união" (em processos)</p>	<p>uma ou não de um- são da união, des- e união, união como resultado da união</p>	<p>é "No novo" (19)</p>
<p>PALAVRA, METÁFORA OU IMAGEM</p> <p>Neste código, enquanto código, não interfere nada o que interessa e por os palavras, metáforas e imagens dentro dos processos que nos dizem respeito</p> <p>+ ESTE NÃO VAI SURTIR DA GRADUAÇÃO FINAL</p>	<p>reclamação, enriquecimento, continuidade o futuro (solidão), Tempo de passagem (Dias, diação criação, odo do futuro), Conhecimento o auto/preparar o futuro, construção da identidade de casal (mimo), Descoberta/ Aprofundamento do conhecimento mútuo/Conhecer o auto (Conhecimento da PIRAR), Diálogo (comunicação), Adquirir conhecimentos/preparar o futuro / Poder escolher e manter (bagagem para vida), Adquirir conhecimentos/preparar o futuro / Poder escolher e manter O que se quer (supermercado de experiências), Construção da identidade de casal, Adquirir conhecimentos, Construção da identidade de casal, Preparar e conhecer Adaptar para dificuldades, Preparar o compromisso, Adquirir conhecimentos, Consolidar, Preparar o futuro, Deixar sementes</p>	<p>quiere conhecimentos, Benéfico, Repensar, Observar (criação e casais + venhos), Água - consolidação, Reflexão, Deixar casal (cas + tu + nós), Comunidade, União, Conhecimento o auto, Consolidar, Segurança, Adquirir conhecimentos/preparar o futuro / Poder escolher e manter</p>	<p>lesenam criados nos novos apenas com as respostas reais de "discordância" e de "união" Sem tudo o que é "Não que não!"</p>
<p>ASPECTO + POSITIVO</p> <p>[+ aspecto - mais negativo - opinião geral] [+ aspecto - mais negativo - opinião geral] [+ aspecto - mais negativo - opinião geral]</p> <p>Aspectos positivos</p>	<p>relação com outros casais I - Preparar o futuro I - Aprender com o testemunho III - Partilha de experiências III - Trabalhar temas novos II - Descoberta III - Preparar o futuro II - Fidelidade do programa I - Focar o essencial I - Existência de preparação I - Componente prática I - Capacidade de longo do tempo II - Experiências de dois I -</p>	<p>significação dos aspectos mais novos</p> <p>significação de aspectos simbolos do programa</p>	<p>Conhecer os pais, Desprender con- versas, aprender de o testemunho de casais + venhos, troca de ex- periências, identificação com ou- tros casais, Comunicação, Poder adaptar-se do programa ao casal reflexão, desdramatização, Tempo de passagem, Focar o essencial, o "foco de existência" (F13), Preparar o futuro, manter prática, ser espaciado</p> <p>Sei espaciado, Casais tornam-se involuntariamente mais próximos, espaciado q acompanhava cada tema, proximidade com o outro, parte prática</p>
<p>ASPECTO + NEGATIVO</p> <p>Endos aspeto + positivo, aspetos negativos, aspetos negativos [+ aspecto - mais negativo - opinião geral] [+ aspecto - mais negativo - opinião geral]</p> <p>Aspectos negativos</p>	<p>Diversidade de casais I - Falta envolvimento prático I - Partilha de experiências III - Trabalhar temas novos II - Descoberta III - Preparar o futuro II - Fidelidade do programa I - Focar o essencial I - Existência de preparação I - Componente prática I - Capacidade de longo do tempo II - Experiências de dois I -</p>	<p>significação dos aspectos considerados mais negativos</p> <p>significação de aspectos nega- os do programa</p>	<p>Casais abrigados, pouco envolvi- mento de pais, partilha de ex- periências de casais tornam-se mais próximos, troca de ex- periências, identificação com ou- tros casais, Comunicação, Poder adaptar-se do programa ao casal reflexão, desdramatização, Tempo de passagem, Focar o essencial, o "foco de existência" (F13), Preparar o futuro, manter prática, ser espaciado</p> <p>Repetição do mesmo de casa, nada, pouco aproveitamento ex- periências, não partilha de ex- periências, pouco tempo em casal, se prepara para o auto do casamento</p>
<p>APRENDIZAGENS</p> <p>A palavra não é aprendizagem. Tem de se fazer, lagagem... o que fica</p> <p>Processos desenvolvidos pelo próprio progra- ma</p> <p>Em aprendizagem, não o impacto daqui a 5 anos e o impacto no geral (do 0 a 10...)</p> <p>Aprendizagens vão incluir impacto do programa Impacto de 0 a 10 (0 e 10)</p> <p>Impacto daqui a 5 anos "Aprendizagens" que têm mais impacto</p> <p>COMUNICAÇÃO E DIÁLOGO (*13-66)</p>	<p>Comunicação, diálogo e escuta como aprendizagem para o fu- turo. Comunicação como apren- dizagem + marcante, modo como o programa promove o desenvolvimento da comunicação comunicação como palavra que melhor descreve o programa.</p>	<p>individualmente vs em casal essa daquilo que faz sendo</p> <p>Comunicação como aprendiza- gem mt marcante, aspetos + marcantes acerca da comunica- ção, Comunicação como pala- vra que melhor descreve o programa, Escuta, modo como o programa incentiva o desenvol- vimento da comunicação,</p>	<p>"houve coisas ali que eu já não aprendi, que eu já sabia (mimo)</p> <p>"eu levo daqui que o impacto é a comunicação" (F13) "aprender a ler, a escrever, momentos para reflexão e comu- nicação" (F13) "desenvolvemos um vocabulário aquilo que são os best practices (F13) "mas foi uma palavra que se usou em todas as sessões, o diálogo" (F13)</p>

③ CONTINUAÇÃO DA CODIFICAÇÃO INTERMÉDIA / AXIAL

(28/08)

CATEGORIAS E SUB-CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	PROPRIEDADES	EXEMPLOS
<p>CONTINUAÇÃO DE "APRENDIZAGENS"</p> <p>• RELACÃO COM TERCEIROS (*6-12)</p> <p>• ORACÃO EM CASAL E VIDA ESPIRITUAL CONJUNTA (*13-32)</p> <p>• APROFUNDAMENTO DO CONHECIMENTO MÚTUO (*10-23)</p> <p>• VALORES (*14-49)</p> <p>• ATENÇÃO AO OUTRO (*3-5)</p> <p>• AMAR COMO DECISÃO (*4-6)</p> <p>• AMAR NAS COISAS PEQUENAS (*4-5)</p> <p>• DAR TEMPO AO CASAL (*7-27)</p> <p>• PREPARAR A CONSTRUÇÃO DE FAMÍLIA (*7-29)</p> <p>• PARENTALIDADE SOCIAL (*3-18)</p> <p>• REFLEXIVIDADE (*1-5)</p> <p>• APRENDIZAGENS INDIRETAS (1-2)</p>	<p>Aprendizagem da gestão da relação com terceiros (identificação dos terceiros: amigos e família)</p> <p>Aprendizagens relativas à oração em casal e vivência espiritual em conjunto. Envolvimento de Deus na relação de casal.</p> <p>Conhecimento mais aprofundado do outro como futuro / Resultado do programa.</p> <p>Identificação de valores desenvolvidos como futuro do programa</p> <p>Atenção e cuidado como futuros do programa</p> <p>Aprendizagem do amor enquanto decisão</p> <p>></p> <p>Aprendizagem / descoberta da importância de ter tempo em casal.</p> <p>Conversas e reflexões acerca da família em construção que constituem um futuro do programa, seja em relação a questões práticas (adoção) ou questões mais de fundo (gestão de relações familiares)</p> <p>Descrição da parentalidade social, descoberta, impacto no casal</p> <p>A importância de ter e criar tempos para conversa como futuro do PPC</p> <p>Aprendizagens resultantes de reflexões posteriores</p>	<p>Identificação dos terceiros (família, amigos...); Amizade; Aprendizagem da gestão da relação com terceiros; Abertura</p> <p>Envolvimento de Deus na relação de casal; aprendizagens relacionadas com a oração em casal; questão vocacional na relação de casal; Igreja; coerência da oração em casal; oração como aprendizagem que teve mais impacto;</p> <p>Identificação do "conhecimento do outro" como aprendizagem; conhecimento do outro como futuro do programa</p> <p>Respeito (6-10); paciência (5-9); Compromisso (3-6); Fé (4-5); Comunidade (3-3); entrega (2-3); liberdade (2-2); Resiliência (2-2); paciência (1-2); Disciplina (1-2); Igualdade (1-1)</p> <p>Antecipar questões de adoção; cuidado de familiares; Antecipar gestão de relações familiares;</p> <p>Descrição da parentalidade social; descoberta; impacto no casal</p> <p>Importância; forma</p>	<p>"O que descobrimos, sim, num dos temas, é que devemos ter mais tempo para nós e os dois" (MCM6) "realmente, não podemos deixar que os outros invadam" (MCM6).</p> <p>"Consequentemente, nós vamos... estar antes das refeições, nós vamos... estar juntos" (FF14)</p> <p>"Importância da oração em casal" (MCM7)</p> <p>"Eu descobri melhor a fé" (MCM6)</p> <p>"Conhecimento do novo" (sim) "casar é continuar a conhecer o outro e crescer juntos" (MCM6)</p> <p>"valores de lá... muito mais a ver a perspectiva um do outro" (F34)</p> <p>"Escolher amar" (MCM7)</p> <p>"o futuro de amar se é a decisão" (M32)</p> <p>"perceber que realmente não podemos deixar que os outros invadam (...), depois não tem tempo para nós" (MCM6)</p> <p>"temos de... guardar tempo um para o outro" (F32)</p> <p>"muitas vezes temos de nos proteger da nossa própria família" (M33) "é importante uma péla discutir para ter uma noção (...)" (MCM6)</p> <p>"a perspectiva da Igreja de família não se é a perspectiva de gerar filhos (...), é a família essa noção" (MCM6)</p> <p>"portanto eu espero que daqui a 5 anos... continuemos a... esta capacidade para para repetir e comunicar" (FF14)</p> <p>"não foi um ponto de... vir no nos antes (travamos) e agora (tamos) opostos; não" (FF14)</p> <p>"uma das coisas que foi importante deste processo todo foi... o respeito pela individualidade" (MCM6)</p> <p>"comunicação - II"</p> <p>oração em casal - II</p> <p>parentalidade social - I</p> <p>dar tempo ao casal - II</p> <p>respeito - II</p> <p>preparar o futuro - I</p> <p>construção da identidade de casal</p> <p>oração em casal</p> <p>relação com terceiros - II</p>
<p>IMPACTO DO PROGRAMA (*7-21)</p> <p>• APRENDIZAGEM QUE TEVE MAIS IMPACTO (*11-33)</p> <p>• IMPACTO DAQUI A 5 ANOS</p> <p>• LINK COM CRESCIMENTO FUTURO DO IMPACTO</p>	<p>Grav de impacto que o programa teve no casal (quantitativo). Aspectos em que teve impacto.</p> <p>Identificação das aprendizagens mais marcantes</p> <p>Manutenção ou não dos temas do programa daqui a 5 anos e identificação dos aspectos que (possivelmente) estarão mais presentes</p>	<p>Grav de impacto (não ensaio); impacto (qual e como); comparação antes e depois;</p> <p>Comunicação; Envolvência de Deus no casamento; parentalidade social; dar tempo ao casal; respeito pelas diferenças; preparar o futuro; construção da identidade de casal; oração em casal; relação com terceiros</p> <p>Impacto ou não daqui a 5 anos; Temas presentes;</p>	<p>"não foi um ponto de... vir no nos antes (travamos) e agora (tamos) opostos; não" (FF14)</p> <p>"uma das coisas que foi importante deste processo todo foi... o respeito pela individualidade" (MCM6)</p> <p>"comunicação - II"</p> <p>oração em casal - II</p> <p>parentalidade social - I</p> <p>dar tempo ao casal - II</p> <p>respeito - II</p> <p>preparar o futuro - I</p> <p>construção da identidade de casal</p> <p>oração em casal</p> <p>relação com terceiros - II</p>

CONTINUAÇÃO DA CODIFICAÇÃO INTERMÉDIA / AXIAL

(28/08)

CATEGORIAS E SUB-CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	PROPRIEDADES	EXEMPLOS
<p>→ CONTINUAÇÃO DE "IMPACTO DO PROGRAMA"</p> <p>• IMPACTO DE 0 A 10 (#15-17)</p>	Impacto do programa de 0 a 10 com justificação da pontuação atribuída; modo como o programa teve impacto na relação; crescimento futuro do impacto	Estado anterior da relação; modo de impacto; crescimento futuro do impacto; pontuação atribuída; justificação da pontuação atribuída; duração do namoro	<p>"Não é como em casa que tu estás... não me dá aquela sensação de estar a crescer a relação" (F15)</p> <p>"É que eu acho que isto não muda assim tão drasticamente" (F21) "Não descobrimos a diferença" (F25)</p> <p>"[...] tinha pensado um 7 (...) mas acho que durante o tempo de termos filhos, acho que vai um 10" (F15)</p>
<p>→ COTAÇÃO MASCULINA (#15-18)</p>		Em 60% dos casos, os homens dão uma pontuação mais elevada. Nos restantes, a pontuação é igual entre homem e mulher.	<p>6,5; 9,8; 9,6; 9,6; 9,5; 8,8; 8,5; 2,5; 7 (M=6,5)</p> <p>8,5; 1,6; 9,7; 3,9; 8,5; 6,8; 3,3; 9,5; 2,5; 6,5 (F=6,2)</p>
<p>→ COTAÇÃO FEMININA (#15-20)</p> <p>• CRESCIMENTO FUTURO DO IMPACTO (#18-33) (SERIAL 17)</p> <p>• IMPEDIMENTOS A UM MAIOR IMPACTO DO PROGRAMA</p> <p>• MUDANÇAS NECESSÁRIAS PARA SUBIR 1 PONTO NA ESCALA</p> <p>"PASSAR DO NOVO, QUE JÁ ESTÁ TUDO EM "EQUILÍBRIO" PARA EM "PROPOSTAS"</p>	Referências ao impacto do programa como algo de longo prazo, de crescimento gradual e com a vivência de certas situações	Impacto maior quando viverem juntos; Adquirir conhecimentos; deixar semelhanças; modos de experimentar o impacto;	<p>"Eu acho que isto ainda vai ter mais impacto depois de nos casarmos" (F19)</p> <p>"O facto de nós (...) termos antecedido a mudança dos tempos (...) fez com que a pontuação não fosse gigantesca" (F16)</p>
<p>→ SER CASAL FORMADOR (#4-9)</p> <p>• OPINA QUE GOSTAVAM DE DAR (#4-12)</p> <p>• PROGRAMA CONSTRUÍDO PELOS NOIVOS</p> <p>"PROGRAMA "IDEAL" EM PROPOSTAS"</p>	Intervenções relacionadas com o desejo de vir a ser casado.	Desejo de ser casado; significado atribuído a ser casado.	<p>"das coisas que quando somos de lá eu disse logo ao MJH um dia quero ser casado" (F34)</p>
<p>→ FORMATO (#14-66)</p> <p>• PRÁTICO (#9-14)</p> <p>• FIM DE SEMANA VS. REUNIÕES ESPACIADAS (#8-21)</p> <p>• FLEXIBILIDADE DO PROGRAMA (#4-15)</p> <p>Apenas surge no formato individualizado. Neste formato, surge em todas as entrevistas.</p> <p>GRUPO VS. INDIVIDUALIZADO (#5-9)</p> <p>EQUIPA FORMADORA</p> <p>• CASALÕES OU CASOS FORMADORES</p> <p>• PADRE</p>	<p>Indicações acerca da organização (esquema, divisão em grupos), modo de funcionar, horário, tempos e partilha</p> <p>Componente prática do modo como o programa estava organizado</p> <p>Identificação de vantagens e desvantagens (sobretudo vantagens de reuniões espaçadas e desvantagens de Jdc)</p> <p>Flexibilidade da agenda e conteúdos como aspeto + positivo e surpreendente.</p> <p>Diferentes processos de partilha dos pela experiência de grupo (e.g. identificação de outros casais) e pela experiência individual (e.g. despoletar conversas)</p> <p>Caracterização dos casais formadores (aspetos positivos e negativos); propostas.</p>	<p>Organização / funcionamento (F15; 12); Horário; oficinas; tempos; partilha</p> <p>Temas, exercícios, Componente prática em oposição à dimensão espiritual</p> <p>Vantagens de 1 e de outro, referências e escolha do programa;</p> <p>Agenda flexível; adaptação de conteúdos; crescimento e aprofundamento do conhecimento ao longo dos sessões</p> <p>Múltiplos, Grupo grande + grupos pequenos; referências e escolha do programa; identificação com outros casais</p> <p>Padre, casais ou conjunto de casais; combinação de ambos</p> <p>Caracterização dos casais; sugestões; aspetos positivos e aspetos negativos; relativamente à participação dos casais</p> <p>Padre pouco presente; componente espiritual pouco aprofundada; ausência de padre; proximidade de padre; acompanhamento + próximo do padre como proposta; padre como aspeto + positivo; equívocos da padre a 20% tipo da programas</p>	<p>"Não é (só) o se casar, não sou eu... tanto intensamente com os casais" (F16) "Eu acho que o facto de ser espaçado ou se dá nos mesmo tempo para pensar nos casais" (F14)</p> <p>"uma preparação também foi preparada por quem nos deu o MJH, sempre muito adaptado a..." (F13)</p> <p>"já um efeito de não se sentir... o... determinação, depois" (F32)</p> <p>"foi um genitor não quisera mostrar ou apresentar nada" (F15) "cada caso tem a sua história para cada assunto" (F19)</p> <p>"[...] não se casar o padre não estava mas não teve voz" (F1)</p>

112

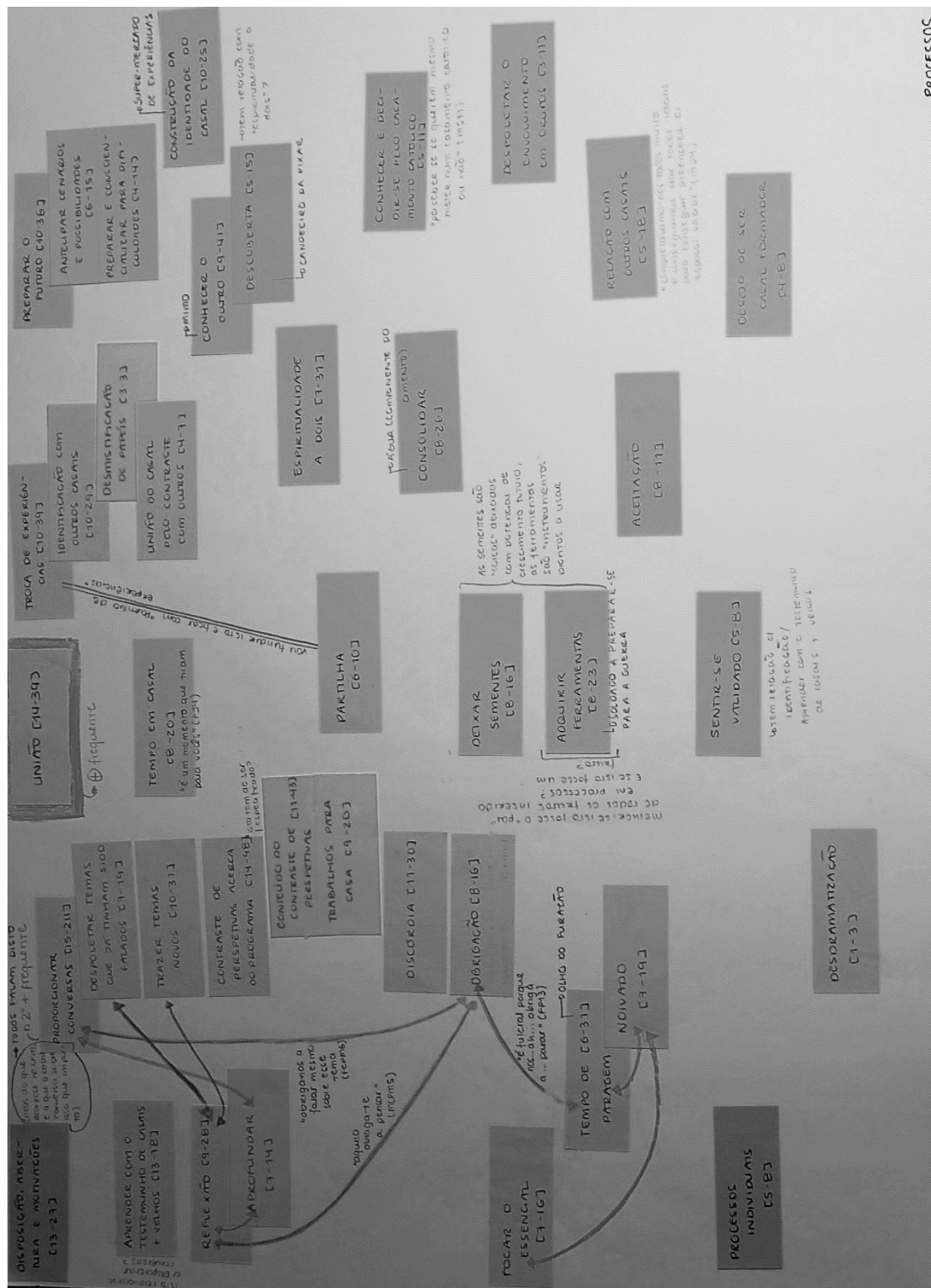
6

CONTINUAÇÃO DA CODIFICAÇÃO INTERMÉDIA / AXIAL

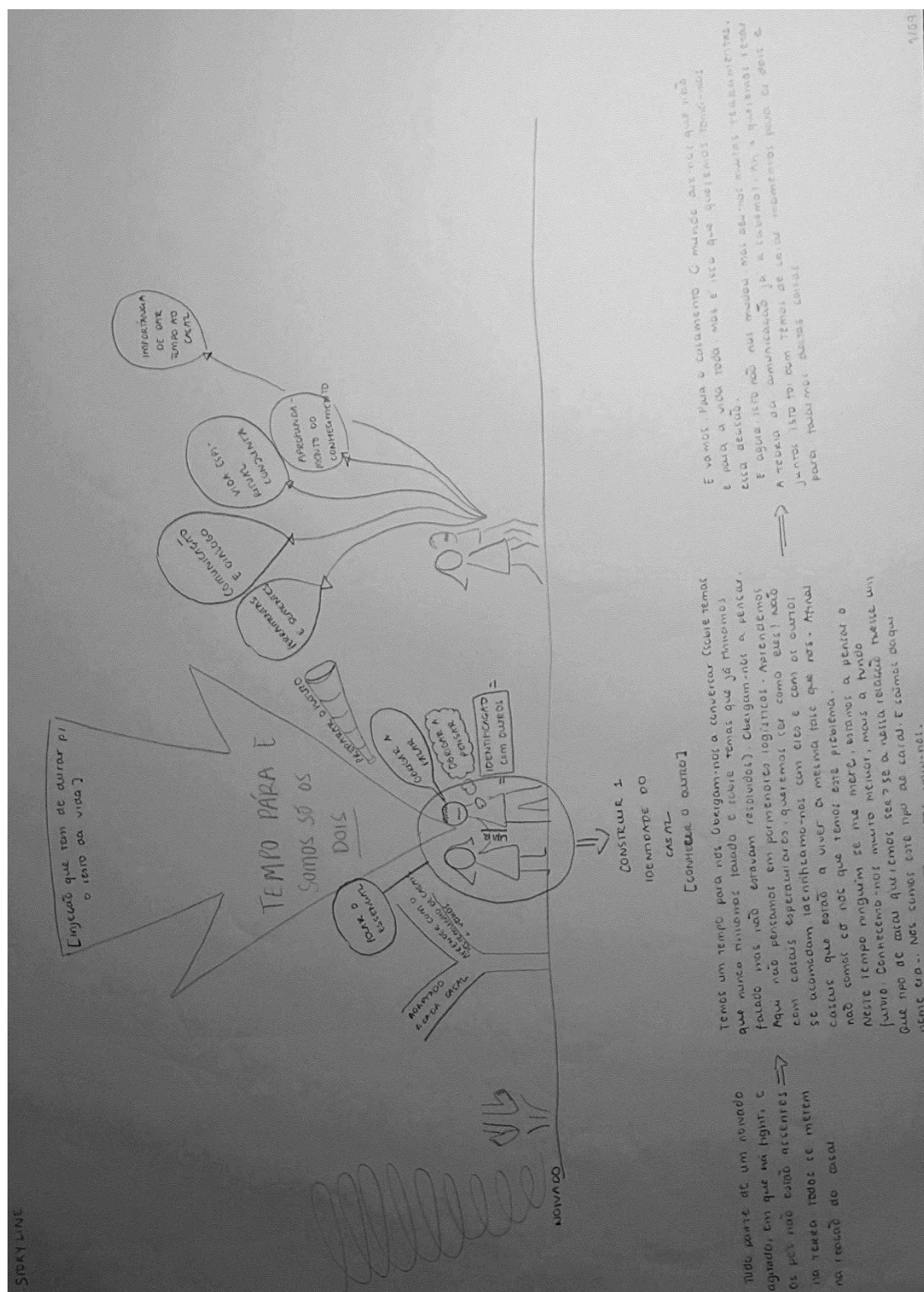
C29/08/

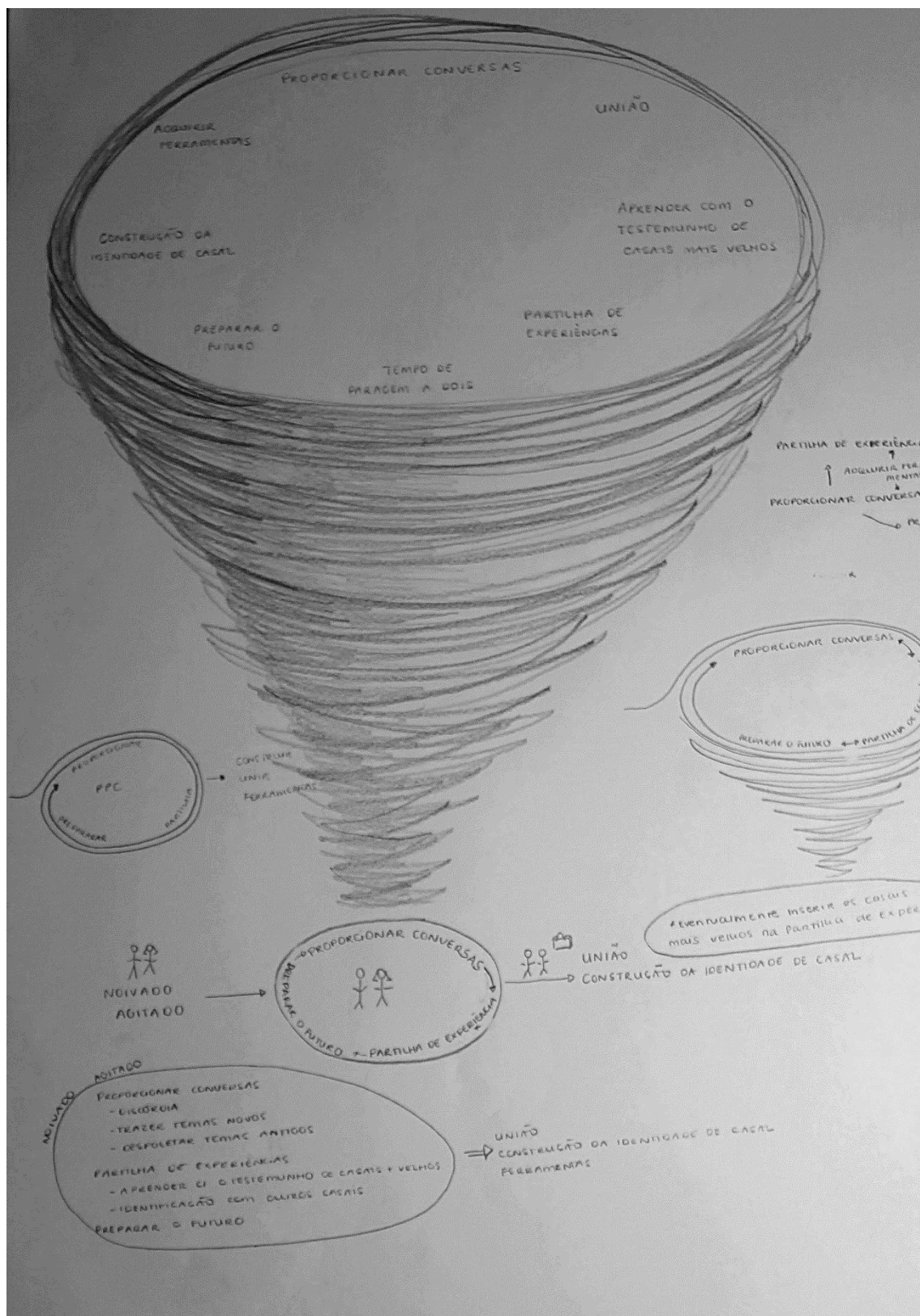
CATEGORIAS E SUB-CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	PROPRIEDADES	EXEMPLOS
=CONTINUAÇÃO DE PROCESSOS			
CONTINUAÇÃO DE "DESPOLETAR CONVERSAS" (...)			
-TRAZER TEMAS NOVOS (#10-31) [LINK COM "REFLEXÃO"]	Trazer ao de cima e propor continuar conversas sobre temas que nunca tinham sido tratados. Temas que não surgem no dia-a-dia.	Despoletar temas novos; temas que não se fala no dia-a-dia; propor continuar conversas (coisas que passam ao lado);	"o que me vinha nos tocar de coisas que nos ainda não tínhamos pensado" (Cf. 10)
DEIXAR SEMENTES (#8-16) [as sementes são "casos" divididos com potencial de crescimento futuro, enquanto as ferramentas são "instrumentos" prontos a usar]	Temas, aprendizagens, despoletar futuros ou o programa na geral com potencial de desmontar no futuro.	Temas que vão surgindo depois; semente para algo que se vai tornar maior no futuro; temas que vão depois ser aprofundados; temas; participar em programas	"deixa lá a semente para se pensar em coisas que... que... que mais tarde vão surgir" (F32) "uma coisa que foi boa foi pôr neste testemunho e depois, as várias conversas ao longo do percurso" (F31)
ADQUIRIR FERRAMENTAS (#8-23) [LINK COM "PREPARAR O FUTURO"]	Bagagem, conjunto de ferramentais (técnicas, conversas, aprendizagens) que serão úteis no futuro. Um(a) mais do que as outras	Aprendizagens; conversas; úteis no futuro; capacidade; preparar o futuro; bagagem; passíveis de serem utilizadas; apenas as que o casal considera úteis	"as coisas são ferramentas que nos temos e que... um dia vamos... isso como já conseguimos reconhecer mais facilmente de que um caso que nunca tal" (F31)
PREPARAR O FUTURO (#10-36)	PPC como capacidade para o futuro. Antecipação de situações. Conversa sobre temas centrais, aspetos práticos, oração em conjunto. Aprender através de casos mais velhos.	PPC orientado para o futuro; antecipar situações; preparado para a vida de casais e não só do casamento; temas fundamentais; aspetos práticos; oração; desdramatização; conhecer; caminho; aprender com o testemunho de casais + velhos;	"acho que foi mesmo orientada... acho que vinha para a frente e foi... acho uma preparação... para o futuro, digamos" (F31) "perceber as coisas mais e para onde vamos" (F31)
-ANTECIPAR CENÁRIOS E POSSIBILIDADES (#6-15)	PPC como momento e espaço de antecipar e discutir situações que podem vir a acontecer ao caso. "temas de ir preparando"	Antecipar e discutir situações concretas; inferências; adição; deficiência; importância de discutir precocemente os assuntos; prevenção;	"ajuda muito a responder à pergunta "o que é que vamos fazer" (F32); "vão discutir esse problema que pode surgir" (F31)
-PREPARAR E CONSCIENCIALIZAR PARA DIFICULDADES (#4-14)	Compreender e estar preparado para as dificuldades inerentes a um casamento. Preparar pensamentos difíceis	Aleixar para dificuldades; momentos difíceis; relação imperfeita; optimismo; preparar problemas; aprender com o testemunho de casais + velhos;	"o casamento nem sempre é perfeito" (F31); "acho nos alicados para muitos casos que... não... não vai ser perfeito" (F31)
TROCA DE EXPERIÊNCIAS (#10-39)	PPC como espaço de partilha, sendo a experiência de outros não como enriquecedora. Temas específicos, estratégias, vivências	Diferentes pontos-de-vista; diferentes experiências no caso (experiência...); "olhar" sobre os outros; casos formadores; casos participantes; partilha; partilha entre casais como centro de todo o programa; espaço seguro; inspiração;	"temos uma troca de experiência, não grande que quando está a ler, está a ler a partilha... o que está a ler... a ler" (F31); "é ouvir da experiência de outros, tentar aprender, tentar preparar-nos para os problemas que podem vir" (F31)
-IDENTIFICAÇÃO COM OUTROS CASOS (#10-29)	Processos despoletados no caso a partir da identificação com outros casais e da compreensão de vivências similares. Outros casais (resolução de problemas, compreensão...)	Identificar-se com os problemas e vivências de outros casais; mais paciência adequada para identificação; pouco caminho com os outros casais; comunhão com os outros casais	"não somos os únicos a passar por isso e com as mesmas dificuldades dos que nos..." (F31) "nos não somos um caso isolado... acho que isso para mim foi o mais importante" (F31)
DISMISTIFICAÇÃO DE PAPEIS (#3-3)	Enquadrar características de um e de outro a partir de características dos sexos	Características enquadradas a partir do género de 1 e do outro; papéis feminino e masculino na fidelidade; dificuldades enquadradas a partir do sexo	"não era uma coisa só minha que as mulheres também não gostam de ter esse... esta dificuldade" (F31)
-UNIÃO DO CASAL PELO CONTRASTE COM OUTROS (#4-7)	Aproximação do casal por comparação com outros (casos unidos espiritualmente, em discordância...)	desempenhamento espiritual nos outros casais gera + proximidade; espiritual no caso; discordância de outros quando discordância no caso	"o facto de ter sentido que não vamos a fazer caminho com os outros casais também me fez mais perceber que... e o nosso caminho" (F32)
CONSOLIDAR (#8-26)	PPC como um fortalecedor da relação e consolidação a decisão; ir mais fundo; confirmar; sossegar dúvidas e não novas aprendizagens	PPC não são novas aprendizagens; compreender importância das coisas; fortalecer a relação; consolidar a decisão; confirmação; maturidade; sossego com as dúvidas; certeza; passo	"eu estava a pensar em algo que... que precisava de dar certeza e da agregação e pensar e eu estava a pensar em algo que não é por si só aquilo que nos uniu por isso acho que um dos elementos do casamento... acho por nos dar ferramentas mais tarde um vocabulário também exemplos que às vezes nos ajudam um vocabulário pelas palavras que os casais mais velhos falam" (F31)
APRENDER COM O TESTEMUNHO DE CASOS MAIS VELHOS (#13-7B)	Ouvir histórias reais contadas na primeira pessoa por casais mais velhos gera identificação, inspiração e antecipação. É possível seleccionar aquilo que o caso se identifica e, a partir do testemunho, pensar temas fundamentais	Casais mais velhos como figuras de autoridade (com experiência); adquirir ferramentas; identificação com casais mais velhos; inspiração; histórias pessoais; falar de temas fundamentais a partir de histórias reais; caracterização dos casais; referência e seconção do programa; escolher o que interessa	"dava para pensarmos... para o nosso caminho" (F31)
TEMPO EM CASAL (#8-18) [foi tempo do casal. Tempo em casal e o que servir como este tempo para o casal. O tempo do casal significa que um tempo do programa foi o casal perceber a importância de passarem tempo juntos]	PPC como um tempo para o casal. O tempo do casal. Tempo de conversa e de reflexão. Tempo de parar.	Tempo a dois; tempo de paragem; reflexão a dois	"tempo a dois" (F31) "é um momento que tem para nós" (F31) "é e acabou por ser um momento realmente de reflexão a dois"

CONTINUAÇÃO DA CODIFICAÇÃO INTERMÉDIA / AXIAL			
CATEGORIAS E SUB-CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	PROPRIEDADES	EXEMPLOS
<p>→ DIMENSÃO ESPIRITUAL (10-42)</p> <p>levar de fora de ser um rei, é substituído por "capacidade de adivinhar" em projetos</p> <p>→ CASAMENTO (8-22)</p>	<p>Considerações relativas ao casamento, a sua importância e relação com o mundo atual.</p>	<p>críticas em relação ao casamento; casamento como decisão; importância do casamento; casamento antes do casamento; mundo atual face ao casamento; preparar o casamento; consciencializar para dificuldades;</p>	<p>"queria porque tem um mundo maior que se diz que aquilo que tu estás a fazer... não precisas de ser uma entrega que és tu..." (102)</p>
<p>→ PROPOSTAS (8-17)</p>	<p>Proposta de momentos de reflexão individual antes da partilha de casal</p>	<p>checkpoints; padre/casaleiros/outras "casaleiros"; voltar a participar num programa semelhante</p>	<p>"eu adorava voltar a estar daqui a 2 anos, daqui a 3 anos porque foi mesmo bom" (113)</p>
<p>→ Acompanhamento após o programa (4-20)</p>	<p>Proposta de continuar este acompanhamento e não o condensar apenas num fim-de-semana. Através de grupos de um acompanhamento esporádico ou de um acompanhamento em caso de necessidade.</p>	<p>mais profundidade espiritual; mais presença do padre; ligação de todos os temas abordados com a fé; manutenção como sacramento;</p>	<p>"agora temos aqui um fim-de-semana, todos juntos, levamos aqui uma injeção e esta injeção tem de durar o resto da vida" (113)</p>
<p>→ APROFUNDAMENTO ESPIRITUAL (5-18) (não há p.)</p>	<p>Desejo de ir mais fundo a nível espiritual e de ter mais presença do padre no PPC</p>	<p>partilhas concretas, na 1ª pessoa; partilhas mais dinâmicas; mais baseado na partilha e menos numa atitude passiva; estimular a partilha; grupos mais pequenos</p>	<p>"quarta essa parte religiosa" (114)</p>
<p>→ PARTILHA (5-24) (não há p.)</p>	<p>Proposta de mais partilha e da adoção de um papel mais ativo por parte dos noivos</p>	<p>conversa individual com o padre ou um casaleiro; padre a acompanhar; modo de mexer memórias com o tempo das famílias</p>	<p>"temos de ser um apinhado de coisas de cada um, se mesmo... partilha concreta de um acontecimento" (114)</p>
<p>→ ACOMPANHAMENTO MAIS INDIVIDUALIZADO (4-7)</p>	<p>Proposta de um acompanhamento mais individualizado por parte do padre ou casaleiros</p>	<p>conversa individual com o padre ou um casaleiro; padre a acompanhar; modo de mexer memórias com o tempo das famílias</p>	<p>"ter uma conversa individual com o padre" (114); "não sei se que ponto é que uma conversa a ser com o casaleiro... libertava-nos no caso" (114)</p>
<p>→ COMEÇAR A PREPARAÇÃO NO NAMORO (1-5)</p>	<p>Conselho e partilha da experiência de começar o acompanhamento no tempo de namoro</p>	<p>experiência de iniciar a preparação no namoro; conselho</p>	<p>"o que é importantíssimo, sem a da alguma... mas para eu-me que também muito importante assim... se logo assim e início" (115)</p>
<p>→ MAIS TEMPO (6-26)</p>	<p>Proposta (consensual) de + tempo de preparação, seja + fins-de-semana, mais dias ou mais reuniões</p>	<p>mais tempo; mais 1 dia; mais 1 ou 2 + reuniões;</p>	<p>"porque eu acho que dava para mangas estreitas a... precisavam mais tempo para falar sobre o temas" (115)</p>
<p>→ MAIS TEMPO EM CASAL (2-27)</p>	<p>mais tempo para diálogo em casal</p>	<p>mais tempo para o casal; mais diálogo em casal</p>	<p>"era muito de... de o casal que tem a ver o tema de posicionar mais o casal de entre os casais" (116)</p>
<p>→ EXPERIÊNCIA DE OUTROS CASAIS (2-7) (só p.)</p>	<p>Casais do programa individualizado sentem falta de alguma experiência (ouvir testemunho) de outros casais</p>	<p>casais do programa individualizado sentem falta de alguma experiência (ouvir testemunho) de outros casais</p>	<p></p>
<p>→ MAIS DINÂMICAS (2-6)</p>	<p>Proposta da existência de + dinâmicas</p>	<p>Proposta de mais dinâmicas; Desvantagens de não haver mais dinâmicas; vantagens das temáticas dinâmicas</p>	<p>"dinâmicas perguntas que ajudem os casais a chegar profundeza ao tema" (116)</p>



Apêndice D2. Diagramas desenvolvidos no decorrer da criação da storyline





Apêndice E: Árvore Final de Categorias

Nome	Descrição	Arquivos	Referências
Apreciação global positiva	Apreciação global do programa. Todos o classificam positivamente	15	84
Aspetos mais negativos	Aspetos negativos identificados pelos participantes	15	58
Aspetos mais positivos	Aspetos positivos identificados pelos participantes	15	60
Contraste expectativas - realidade	A expectativa inicial em contraste com o que acabou por acontecer	15	62
Aspetos surpreendentes	No contraste da expectativa com a realidade, surgem sobretudo aspetos relacionados com o formato, com a qualidade geral do programa e com o conhecimento mútuo	15	72
Expectativas	Expectativas à partida (altas ou baixas, com base em relatos de outros...)	14	44
Referências e escolha do programa	Motivos e fatores que conduziram o casal a este programa; De que forma é que vieram parar ao programa em questão	10	28
Formato	Aspetos relativos ao formato do programa	14	68
Complementos	Experiências complementares ao PPC escolhido	5	8
Equipa formadora		4	8
Casalões ou casais formadores	Referências aos casalões ou casais formadores presentes nos PPC	12	45
Padre	Referências à presença, ou não, e importância da existência de um padre na equipa formadora	11	65

Fim-de-semana espaçadas	VS. Reuniões	A grande maioria aponta vantagens das reuniões espaçadas sobre o fim-de-semana	8	21
Flexibilidade do programa		Sentir que os conteúdos e formato são adaptados ao casal	5	16
Grupo VS. Individualizado		Vantagens e desvantagens de cada formato	7	12
Prático		Referências ao sentido e conteúdos práticos existentes no programa. Caracterização do programa como algo muito prático	9	14
Público alvo		Aspetos relativos à adequação do programa nos diferentes perfis de casais	10	32
Casais não católicos		Considerações relativas à participação de casais não católicos; Adequação do programa para casais não católicos	8	27
Diversidade de casais		Diversidade de casais a participar nos PPC (serem tão diferentes por vezes dificulta)	5	17
Fatores que moderam o impacto do programa		Fatores que são indicados como tendo impacto na disponibilidade e abertura dos noivos ao programa. estes fatores moderam o modo como estes programas "mexem" com os casais.	1	2
Características do casal		Características do casal consideradas como "moderadores" relevantes do impacto que o programa pode ter neles, ou do modo como se podem dispor ao programa	6	7
Coabitação prévia		Referências à coabitação prévia do casal e relação deste fator com o impacto do programa	5	26

Duração do namoro	Relação entre ter um namoro cumprido com os efeitos, impacto do programa	6	25
Preparação pré-noivado	Acompanhamento e frequência de grupos prévia ao noivado; grupos de namorados	2	11
Temas abordados no PPC	Temas que são referidos ao longo da entrevista, seja por serem as oficinas em que participaram, seja por serem aspetos positivos, negativos ou por estarem relacionados com os pontos mais marcantes	8	20
Oração em casal		8	27
Famílias		8	25
Educação dos filhos		8	25
Vida em conjunto	Partilha de uma casa, tarefas domésticas, etc...	8	13
Planeamento familiar		8	22
Comunicação		7	15
Gestão financeira		7	17
Casamento como sacramento		6	19
Gestão de conflitos		6	11
Infertilidade		5	25
Gestão de tempo		5	12
História pessoal e do casal		4	22

Sexualidade		4	17
Assuntos legais		3	6
Pilares da relação		3	6
Linguagens, manifestações do amor		2	8
Complementaridade		2	5
Relação com amigos		2	5
Carreira		2	4
Intimidade		1	7
Casamento	Crenças acerca do casamento	8	22
Disposição, abertura e motivações	Disposição à transformação; abertura à transformação provocada pelo programa; motivação para participação no programa	13	26
Processos despoletados pelo PPC	Processos relacionais e psicológicos	15	628
Proporcionar conversas	Fazer surgir conversa que, se não fosse aquele contexto, não surgia	15	205
Contraste de perspetivas acerca do Programa	Resposta à questão: após terminarem o programa, falaram sobre aquilo que viveram, que aprenderam, que sentiram? como foi contrastar as perspetivas de um e do outro? Apreciação global deste contraste de perspetivas	14	39
Conteúdo do contraste de perspetivas	Neste contraste de perspetivas, o que é falado? Conteúdo do programas, os temas no geral e temas específicos, como gestão de dinheiro ou	11	33

	métodos contraceptivos; outros temas que vão surgindo a partir da vivência diária ou pontos positivos do programa		
Perspetivas semelhantes	Muitos casais indicam que “por acaso” têm opiniões parecidas	8	22
Trabalhos para casa	Temas, atividades, dinâmicas, exercícios que são propostos aos noivos que façam em casa entre sessões	9	20
Despoletar temas que já tinham sido falados	Função dos PPC de despoletar conversas acerca de temas que já tinham sido, em tempos, conversados pelo casal	7	19
Discórdia	Existência ou não de discórdia. Nunca são discórdias muito grandes. “Mexe” o suficiente para gerar discórdia.	11	30
Obrigação	Sentirem-se "obrigados" a falar das coisas naquele contexto	8	18
Trazer temas novos	Função dos PPC de trazer ao de cima temas com os quais o casal nunca tinha sido confrontado	10	31
União	Saírem de lá mais unidos	14	39
Partilha de experiências	PPC como espaço de partilhar experiências entre casais que estão ao mesmo nível, ou com casais mais experientes, que muitas vezes têm vivências similares	12	60
Aprender com o testemunho de casais mais velhos	Espaço de aprendizagem a partir do testemunho de casais mais velhos e experientes	13	80
Construção de um espaço de partilha	Importância da presença e relação com outros casais	5	18

Identificação com outros casais	Descobrir noutros casais vivências similares que ajudam a dar sentido às vivências do próprio casal	10	29
Dismistificação de papéis	Descoberta de diferentes características e papéis de homens e mulheres	3	3
Sentir-se validado	Sentir as suas vivências validadas, legitimadas	5	8
União do casal pelo contraste com outros	Relatos de sentimento de união entre os dois elementos do casal quando contrastam a sua opinião ou modo de ser e estar com o de outros casais. Compreender a fraqueza ou discórdia dos outros casais, une o casal	4	7
Tempo de paragem a dois	Parar. Sentirem-se obrigados a parar. Contraste com o noivado. Contraste com o foco em futilidades	10	45
Focar o essencial	No meio da azáfama da preparação do dia do casamento, focar no casal e não na organização do evento.	7	16
Noivado	Referências ao noivado; significados atribuídos; vivências associadas ao tempo de noivo e à preparação do casamento	7	19
Preparar o futuro	Pensar e preparar o futuro diante de situações diversas. ajuda muito a responder à pergunta “o que é que vamos fazer?”	10	36
Antecipar cenários e possibilidades	A partir de temas, testemunhos, atividades... pensar em possíveis cenários e o que é que fariam em cada um deles	6	15
Preparar e consciencializar para dificuldades	Pensar e antecipar que o casamento tem muitos momentos difíceis	4	14

Construção da identidade de casal	União do casal como nascimento de um novo "ser", com personalidade. importância de definir e construir a identidade da relação	10	22
Conhecer o outro	PPC como "instrumento" para descobrir e conhecer melhor o outro	10	42
Descoberta	Aspetos que surpreendem no conhecimento do outro	5	15
Reflexão	Suscita o pensar sobre as coisas; tempo para parar e refletir	9	29
Aprofundar	Ir mais a fundo do que o habitual	7	14
Consolidar	PPC como elemento que contribui para a consolidação das vivências do casal	8	26
Deixar sementes	Visão dos PPC como sementes que precisam de tempo, e de outros ingredientes, para germinar.	8	16
Aceitação	Conhecer e aceitar as fragilidade de um e do outro	8	11
Espiritualidade a dois	Criar ou aprofundar uma relação espiritual a dois	7	31
Conhecer e decidir-se pelo casamento católico	Conhecer o que implica casar pela Igreja; decidir fazê-lo ou não. Momento ainda de decidir se se quer casar catolicamente ou não	5	11
Processos individuais	Impacto do programa na esfera individual e não só para o casal	5	8
Desejo de ser casal formador	Aquilo que os noivos referem quando se imaginam enquanto casalão num programa de preparação para o casamento	4	8
Tema que gostavam de dar	Oficina que os casais gostariam de dar caso fossem casal formador	4	12
Despoletar o envolvimento em grupos	Desejo de pertencer a grupos no futuro devido à experiência do PPC ou a conselhos que foram dados no programa	3	11

Desdramatização	Simplificação	1	3
Adquirir ferramentas	Adquirir competências, ferramentas que poderão ser utilizadas mais tarde. Ou seja, as aprendizagens por si não valem de muito, mas ficam guardadas para serem usadas	10	25
Valores		14	50
Cedência		5	9
Compromisso		3	6
Comunhão		3	3
Disciplina		1	2
Entrega		3	4
Igualdade	Consciência do outro como ser igual a mim	1	1
Liberdade	Desenvolver liberdade na relação	2	2
Paciência		1	2
Perdão		4	5
Resiliência		2	2
Respeito	Desenvolvimento do respeito pelo outro. conhecer a diferença e ainda assim respeitá-la	6	10
Comunicação e diálogo	Comunicação, diálogo e escuta	13	66
Oração em casal e vida espiritual conjunta	Aprendizagens relativas à vida espiritual, oração, relação com Deus e vocação	13	33

Aprofundamento do conhecimento mútuo	do PPC como espaço e tempo para conhecer melhor o outro. Levam este conhecimento aprofundado para o futuro	10	23
Preparar a construção de família	Preparar e construir a identidade desta nova família que nasce, com especial ênfase na necessidade de estabelecer limites com as famílias de origem	7	29
Parentalidade social	Parentalidade dita normal, mas também a parentalidade social (eventualidade de não se conseguir ter filhos)	3	18
Importância de dar tempo ao casal	Valorizar o tempo em casal	7	27
Relação com terceiros	Relação do casal com terceiros, que podem ser família e amigos ou pessoas no geral	6	17
Amar como decisão	Tomada de consciência do amor como decisão	4	6
Amar nas coisas pequenas		4	5
Atenção ao outro	Estar atento ao outro, sempre e nas coisas pequenas	3	5
Reflexividade	Levar o desejo de continuar a refletir nas coisas a fundo	1	5
Impacto do programa	Impacto que o programa teve na relação de forma qualitativa "não mudou drasticamente porque também não é suposto"	7	17
Crescimento gradual do impacto	Referências a um crescimento que virá da experiência, crescimento exponencial	8	34

Impacto daqui a 5 anos	Modo como o casal percebe o impacto que os conteúdos do programa podem ter a longo prazo, nomeadamente daqui a 5 anos. Inclui conteúdos que consideram que permanecerão mais presentes e modo de os manter presentes	15	40
Impacto de 0 a 10	Resposta numérica à questão relativa ao impacto de 0 a 10 do programa na relação do casal, sendo 0 não mudou absolutamente nada e 10 melhorou muito a relação	15	77
Cotação feminina	Média=6,2	15	20
Cotação masculina	Média=6,5 (em nenhum casal os homens deram pontuações mais baixas que as mulheres). Em 60% dos casais, os homens dão pontuações mais altas.	15	18
Impedimentos a um maior impacto do programa	O que é que, segundo os noivos, faz com que o programa não tenha maior impacto do que tem	9	16
Propostas	Propostas com vista ao melhoramento dos programas	15	136
Mais tempo	Extensão do programa no tempo	6	26
Mais partilha	Propostas relativas aos momentos de partilha	5	25
Aprofundamento espiritual	Proposta de um maior aprofundamento espiritual do programa	5	18
Acompanhamento após o programa	Proposta da existência de um acompanhamento mais individualizado a cada casal após o programa	4	13

Acompanhamento individualizado	mais	Proposta de conversas individuais com o Padre ou casais	4	9
Começar a preparação no namoro		Noivado como momento em que há menos liberdade por já estar tudo marcado para o casamento.	2	7
Experiência de outros casais		Apenas surge no formato individualizado	2	7
Mais dinâmicas		Dinâmicas ajudam a interiorizar mais os temas	2	6
Mais tempo em casal			2	2
Reflexão individual		Proposta de proporcionar mais momentos de reflexão individual	1	6
Processos despoletados pela própria entrevista		Afirmações como "isto foi terapêutico" ou "isso é interessante, nunca tínhamos pensado nisso"	2	2
Interações do casal durante a entrevista		Interações muito positivas e pautadas pelo humor	7	10

Apêndice F: Resultados detalhados do estudo quantitativo

Quadro F1

Distribuição de frequências de resposta nos itens de componentes requeridas

	Nunca re- querido		Raramente requerido		Por vezes requerido		Frequente- mente re- querido		Sempre re- querido	
	Fre	%	Fre	%	Fre	%	Fre	%	Fre	%
	q.		q.		q.		q.		q.	
Reuniões com o padre	2	6,5	0	0	3	9,7	2	6,5	24	77,4
Sessões em grupo	7	22,6	1	3,2	2	6,5	6	19,4	15	48,4
Sessões com ca- sais mentores	7	22,6	0	0	5	16,1	9	29,0	10	32,3
Trabalhos para casa	6	19,4	3	9,7	3	9,7	4	12,9	15	58,4
Tempo de con- tacto até ao casa- mento	12	38,7	3	9,7	3	9,7	6	19,4	7	22,6
Outros contactos após o casamento	8	25,8	7	22,6	5	16,1	7	22,6	4	12,9
Abstinência se- xual	21	67,7	1	3,2	2	6,5	3	9,7	3	9,7
Inventário pré- conjugal	25	80,6	1	3,2	1	3,2	1	3,2	3	9,7
Encontros após o casamento	16	51,6	5	16,1	6	19,4	2	6,5	2	6,5
Pertença à comu- nidade/movi- mento	20	64,5	6	19,4	3	9,7	1	3,2	1	3,2

Nota. Listado por ordem de frequências, baseado na combinação de respostas a “Frequentemente requerido” e “Sempre requerido”. Freq. = Frequência

Quadro F2

Ordenação, por nível de satisfação, dos conteúdos abordados

Conteúdos	M	DP
Cerimónia do casamento	3,42	0,67
Compromisso	3,35	0,66
Crianças/parentalidade	3,26	0,68
Dimensões espirituais	3,10	0,75
Comunicação	3,10	0,87
Relação com Deus	3,10	1,01
Personalidade/temperamento	3,03	0,71
Resolução de problemas	2,97	0,84
Perceção de papéis	2,94	0,73
Resolução de conflitos	2,94	0,89
Expectativas realistas	2,87	0,67
Amigos	2,87	0,76
Relações com família do outro	2,84	0,74
Família de origem	2,81	0,79
Planeamento familiar	2,68	1,17
Relação sexual	2,68	0,83
Carreira	2,68	0,79
Finanças/orçamentos	2,52	1,06
Assuntos legais	2,10	1,08

Nota. M=Média. DP=Desvio-Padrão.

Quadro F3

Ordenação, por grau de importância, dos fatores de risco apresentados

Fator de risco	M	DP
Experiência prévia de abuso sexual	3,77	0,50
Abuso de substâncias por um dos elementos do casal	3,74	0,45
Experiência prévia de abuso verbal ou emocional	3,68	0,59
Experiência prévia de abuso físico	3,68	0,60
Expectativas irrealistas	3,61	0,72
Fracas competências de comunicação	3,52	0,72
Disparidade de valores e crenças	3,48	0,72
Curta duração de conhecimento mútuo	3,42	0,72
Competências pobres de resolução de conflitos	3,39	0,76
Características pessoais distintas	2,65	1,05
Falta de apoio por parte dos pais	2,45	0,99
Gravidez pré-conjugal	2,29	1,10
Salários limitados	2,13	1,52
Ter pais divorciados	2,06	1,18
Idade jovem aquando do casamento	2,03	1,25
Coabitação prévia ao casamento	1,94	0,93
Relações sexuais prévias ao casamento	1,90	0,87
Nível educativo limitado	1,90	1,04

Nota. M=Média. DP=Desvio-Padrão.

Quadro F4

Ordenação, por ordem de importância, dos constrangimentos identificados

Constrangimentos	M	DP
Demasiados casais continuam a ter problemas após a preparação para o casamento	5,03	1,96
Os casais estão tão focados no casamento que não conseguem focar-se na preparação do mesmo	4,55	2,05
Penso que não recebi formação suficiente para fornecer preparação para o casamento adequada	4,06	1,83
Tenho demasiadas responsabilidades e não tenho tempo suficiente	4,00	2,42
Os noivos não valorizam a preparação para o casamento	3,9	1,83
Os pais tornam muitas vezes o processo de preparação do casamento mais difícil	3,87	2,08
Não me considero competente para lecionar cursos de preparação para o casamento	3,65	1,92
É muito mais difícil trabalhar com casais do que com indivíduos	3,26	2,03
Não tenho conhecimento dos recursos que estão disponíveis para me auxiliar	3,10	1,97
As pessoas da minha comunidade (fiéis) não parecem valorizar a preparação para o casamento	3,03	2,29
A minha comunidade não reconhece o valor da preparação para o casamento	2,87	2,46
A minha comunidade não encoraja a preparação para o matrimónio	2,84	2,30
Os recursos financeiros da Igreja são limitados	2,65	1,85
Não estou confortável com situações de “aconselhamento	2,55	1,67
Outros padres da minha comunidade não parecem valorizar a preparação para o casamento	2,45	1,65
Não estou convencido de que este tipo de programas seja muito eficaz	2,26	1,55

Nota. M=Média. DP=Desvio-Padrão.

Quadro F5

Ordenação, por nível de concordância, das afirmações relativas ao valor e eficácia dos PPC fornecidos

Afirmação	M	DP
Os padres não deveriam estar envolvidos em assuntos privados, como o é a preparação para o casamento [item invertido]	7,77	0,68
Acredito que há margem para melhorias na eficácia dos cursos de preparação para o casamento	7,33	0,84
A preparação para o casamento é uma componente valiosa do meu ministério	7,20	1,16
Apenas ofereço preparação para o casamento porque é esperado que o faça [item invertido]	7,13	1,46
Penso que os casais beneficiaram da preparação para o casamento que providenciei no passado	6,47	1,43
Estou disposto a receber treino adicional no âmbito da preparação para o casamento	6,33	1,58
Penso que, de um modo global, faço um bom trabalho na preparação de casais para o casamento	5,80	1,35

Nota. M=Média. DP=Desvio-Padrão.

Quadro F6

Distribuição de frequências de resposta nos itens de importância e eficácia atribuídas quando comparada a atualidade com há 5 anos

	Muito menos agora		Um pouco menos agora		Mais ou menos igual		Um pouco mais agora		Muito mais agora	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Importância atribuída comparativamente com há 5 anos	0	0	1	3,5	8	27,6	11	37,9	9	31
Eficácia percebida comparativamente com há 5 anos	0	0	0	0	14	48,3	10	34,5	5	17,2

Nota. Dois participantes não responderam a esta questão pelo que 100% corresponde a 29 Padres.

